

π
VISCONDE DE TAUNAY

Reminiscencias

SEGUNDA EDIÇÃO



1923

Editora - Proprietaria
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(Weiszlog Irmãos incorporado)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

PREFACIO

*Fiz, em 1908, imprimir as **Reminiscencias**. Era o primeiro livro que do volumoso espolio esparso do Visconde de Taunay trazia a lume. Sahiu sobremodo encorpado, abrangendo series extensas de artigos publicados em diversas epocas e em varios jornaes fluminenses e paulistas.*

Reproduzil-o hoje seria refazer um volume por demais alentado, quando toda a tendencia moderna é se editarem livros com duas a tres centenas de paginas, quando muito.

*Assim resolvi subdividir-lhe a materia. Ha no presente tomo cerca de dous terços do que era a primeira edição das **Reminiscencias**. O resto, annexado a elementos novos e copiosos, ineditos em parte, constituirá segundo volume subordinado ao titulo **Homens e cousas do Imperio**.*

S. Paulo, Julho de 1923.

AFFONSO de E. TAUNAY



Ao Conselheiro

Dr. José Antonio de Azevedo Castro

Ex.^{mo} Snr. Conselheiro,

*Permitta V. Ex.^{cia} que ao entregar ao prelo os originaes das **Reminiscencias**, venha offerecel-as ao maior amigo de seu autor, recordando as palavras com que elle, na dedicatoria de **Innocencia**, lhe dizia desejar poder erigir custoso templo á Amizade para em seu frontespicio gravar o nome querido do Amigo.*

Cortou a morte, ha quasi dez annos, o fio dessa affeição que datava dos dias da infancia; V. Ex.^{cia}, porém, volvendo os olhos para o passado, constantemente evoca as memorias caras de outros tempos e a amada lembrança do ausente, nesses longos decennios em que inalteravel communhão mantinha inquebrantaveis laços entre um amigo e outro.

Queira, pois, Ex.^{mo} Snr. Conselheiro, acceitar este preito de reconhecimento, como singelo tributo de veneração por aquella amizade, tão completa quanto admiravel.

S. Paulo, Agosto 1908.

Affonso d'Escragnolle Taunay.

REMINISCENCIAS

I

A ESTRÉA PARLAMENTAR DE GASPAR DA SILVEIRA MARTINS

I

Ainda me lembra como se fôra hoje a estréia do tribuno rio-grandense — um verdadeiro estouro, assim especie de cauda de furioso pampeiro a entrar por todas as janellas e portas do casarão da camara dos deputados, furacão a fazer estremecer o velho edificio da cadêa dos tempos coloniaes, infundindo em todos pasmo, quasi terror.

Raras vezes ficou assim preenchida a expectação publica, que se formára anciosa em torno d'esse acontecimento politico.

Precedia, aliás, quem suscitava tal curiosidade fama não pequena — a sua resistencia formal como magistrado, e muito joven ainda, a ordens positivas do ministro da Justiça, a sua incontrastavel influencia na provincia natal, Rio Grande do Sul, a convivencia com os aguerridos *gauchos*, que o adoravam, a indomabilidade nos pleitos eleitoraes, victorias ganhas á ponta de lança, a possança tribunicia, a ousadia da palavra, a vibração da voz, a violencia dos conceitos, energia de gesticulação, tudo a denunciar um orga-

nisimo de ferro — um sem numero de condições, emfim, capazes de impressionar ardentemente as massas populares.

Estavamos nos ultimos dias de dezembro de 1872, tendo sido dissolvida a camara anterior e havendo-se prolongado as secções preparatorias na verificação dos poderes dos novos eleitos até 20 d'aquelle mez.

A 21 abriu-se o parlamento, presidindo a sessão magna da Falla do Throno o venerando visconde de Abaeté.

Na 1.^a sessão da camara dos deputados, a 23, procedera-se á eleição da Mesa, sahindo presidente Jeronymo José Teixeira Junior, depois visconde do Cruzeiro.

Devia o gabinete de 7 de Março, dirigido pelo visconde do Rio Branco, o grande victorioso a 28 de setembro do anno anterior, de 1871, contar com formidavel opposição, já da dissidencia conservadora dirigida por Paulino de Sousa, já dos liberaes, sob o mando de Martinho de Campos, provecto parlamentar e temivel adversario.

Bem poucos eram os que nessa camara tinham de representar o partido liberal, poucos, mas valentes e decididos a tudo.

Nada mais de seis — Martinho de Campos e Ignacio Martins, ambos mineiros, este o mais novo d'entre esses activos opposicionistas, Silveira Martins, Brusque, o conde de Porto Alegre e Florencio de Abreu rio-grandenses.

Seis, dissemos, pois não contavam mais com Irinêo de Souza, barão então de Mauá, amigo do presidente do Conselho, homem pratico cheio de serviços ao Brasil e que via, com razão, antes do mais, no visconde do Rio Branco valioso propulsor do progresso da patria.

E a attitude que elle assumio provocou depois grandes factos, que talvez contemos tambem nestas despretenciosas reminiscencias em que talvez se dêem erros de apreciação, escriptas na maior boa fé, ao correr da penna, sem outra preocupação mais do que, recordando-nos do passado, fallar em pessoas e successos, dignos por certo da attenção e do interesse da geração presente.

Assim possa ella d'essa sinceridade de intenções, tirar proveitosa lição, vendo perpassar por diante dos olhos, politicos que buscaram servir bem o Brasil, quasi todos já mortos, outros completamente retirados da arena publica e de todo conclusa a carreira que honraram, honrando o transacto regimen monarchico.

II

Dissolvida a camara dos deputados, logo no começo dos trabalhos legislativos, sem ter tido o governo tempo de consêguir as leis de meios, não podia deixar de ser o seu primeiro dever provocar o prompto debate da prorogação do orçamento anterior.

Havia no publico não pequena anciedade — galerias sempre atulhadas de povo, as tribunas repletas de senadores, jornalistas e até elegantes senhoras.

A bonita sala das sessões — que, na verdade, ainda hoje é bem bonita e vistosa, arranjada como fôra por ordem de D. Pedro I para os trabalhos da Constituinte — mostrava n'aquelles dias de agitação e até certa angustia, a maior animação, todos a postos, timbrando os deputados em responderem á chamada cedo, antes de dada a hora regimental.

Romper o debate por occasião das questões im-

portantes ficava, no regimen parlamentar, reservado para os chefes e vultos politicos mais proeminentes ou reconhecidos, ou que taes se presumiam, pelo que, por vezes, vi embates bem curiosos de prerogativas zelosamente guardadas e arrufos de vaidade melindrada antes d'essas exhibições em primeira mão que tinham o seu quê de theatral e não pouco de effeito decorativo.

Nesse dia, como era bem natural, assomou, no meio de grande silencio, á tribuna, Paulino de Souza. Depois das luctas renhidas e irritantes da lei do ventre livre e da dissolução, ainda recente, da Camara, era a presença deste politico esperada com grande curiosidade por parte do publico, naquelle tempo apaixonado pelo correr das discussões parlamentares e não totalmente dellas desinteressado e alheio, como hoje em dia acontece. Suppunha-se dever ver sahir da habitual gravidade ou pelo menos mais ferino e vibrante o geitoso e prestigiado chefe da dissidencia conservadora e da deputação fluminense.

Produziu um dos seus discursos correctos e bem ponderados em todas as suas partes, notavel, como de costume, pela elegancia da phrase e cuidado em comedir-se, embora com algumas asperezas mais do que habitualmente e buscando ferir um tanto mais fundamente o adversario, com quem ha tanto tempo enfrentava. Á maneira do heróe de Homero, ao batalhar com o inimigo apparente, não perdia vasa de atirar lançassos para o ar, tentando alcançar por algum golpe mais afortunado, a divindade invisivel que por alli pairasse com intentos de formal parcialidade.

Já se sabe, todas as indirectas, acolhidas pelas bancadas dissidente e liberal, com grandes applausos, iam ter ao Imperador, renovando a tão debatida accusação de *poder pessoal*.

Quantos annos se malbarataram, quantas discussões se empenharam, quantas resmas de papel se encheram nessa interminavel indagação! Conheceu, afinal, o Brasil, sem mais duvida possivel, e d'esta feita sem tugar nem mugir o que vinha a ser *poder pessoal*.

Sem possuir figura de impor na tribuna, impedindo-lhe os oculos constantemente usados, á physionomia a irradiação dos olhos nas multiplas mutações; attitude acanhada no seu todo, hombros cahidos e sempre um tanto esconso como quem num duello furta o mais possivel o corpo, gesticulação monotona, dotado, porém, de agradável timbre de voz, claro ainda que sem grandes expansões, nem poder de resistencia ao cansaço, reunindo á phrase fluente, de bom cunho vernaculo, facil e por vezes imaginosa palavra, em summa no caso de agradar sempre ao auditorio, tal se apresentava Paulino José Soares de Souza.

Diziam com insistencia que preparava cautelosamente os discursos com muita antecedencia, os decorava até, de principio a fim. Se assim era, obedecia a um dos preccitos de Demosthenes, o orador modelo de todos os tempos:

« Quanto mais limada a oração, dizia o grego, mais prova dá o orador de apreço e respeito ao auditorio. »

Affirmou-me Salles Torres Homem, visconde de Inhomirim, numa tarde de amistosa expansão, que trazia sempre o discurso a pronunciar tão bem preparado na mente, sem ter comtudo escripto uma linha, que podia desenrolar-o todo, como uma tira sem fim de uma bobina telegraphica.

Fortiter in re suaviter in modo, poderia ter sido a divisa do illustre brasileiro, em toda a sua carreira parlamentar. Até nas occasiões de mais desen-

cadeadas paixões, e as houve, em 1871, bem quentes, cuidadosamente se mantinha nos limites de escrupulosa moderação e estricte polidez, acalmando os mais violentos partidários e exaltados amigos.

Esse discurso de 26 de dezembro, terreno apropriado e campo vasto para acerbos recriminações e ferina analyse, sobretudo após a annullação radical de todo o trabalho havido, afim de transformar-se a minoria batida em 1871 em maioria triumphante poucos mezes depois, esse discurso foi mais uma prova de tudo isso.

Assim mesmo, por vezes, o visconde do Rio Branco, máo grado a serenidade sem exaggeração olympica, que irradiava da sua bella e reluzente calva como uma aureola, teve estremeções de surpresa e quasi irritação.

— Que restará aos liberaes para accusarem o gabinete? perguntou elle em aparte.

— Hão de dizer muita cousa nova, não hão de repetir, replicou Silveira Martins com voz stentorica, que retumbou pela sala e deu verdadeira sacudidela nas galerias.

Era o primeiro rugido do leão.

A causa da violenta opposição feita pelos conservadores dissidentes ao gabinete 7 de março resumidamente a apontava Paulino de Souza nas seguintes palavras:

«O partido conservador, unido e forte, não póde apoiar esse gabinete, vendo em sua persistencia a ruína da situação, a condemnação de suas tradições, o sacrificio de suas aspirações e de seus principios.»

E todo o discurso foi desenvolvido dessa these.

«Dia virá, concluiu o chefe dissidente, em que acima dos ministros, acima desses semi-deuses do paganismo politico em que cahimos, hão de estar a constituição e as leis.»

Entre parenthesis, veria Paulino de Souza realizadas as suas esperanças? Fôra acaso bom propheta? Teria chegado o paiz ao luminoso periodo em que as leis se tornaram uma realidade e inquebrável escudo dos direitos e até da segurança de vida do cidadão neste Brasil tão malsinado naquelles tempos? E o era exactamente pelos politicos que gosavam dos maiores privilegios, aliás sem offensa de ninguem e graças a talentos e serviços geralmente reconhecidos.

III

Para responder ao eminente opposicionista, a quem alcunhavam de *marechal do futuro*, levantou-se o visconde do Rio Branco — um dos typos mais perfeitos do homem parlamentar.

Que bella presença! Quanta elegancia e propriedade na gesticulação, quanta placidez e comedimento no desencadear dos mais violentos temporaes e renhidas discussões.

Era orador de raça, desses que são levados a occupar sempre a tribuna, não como falladores e tagarellas incorrigiveis, mas a ella impellidos por arrastamento incoercivel, embora lhes custe sempre o primeiro momento esforço ás vezes bem valente sobre o systema nervoso.

«Nunca peço a palavra, disse-me uma feita Rio Branco, sem que fique com as mãos frias e o coração apertado.»

Não se apresentava elle á camara dos deputados senão todo de preto, trajando cerimoniosa casaca, em que fulgia, a meio escondida, a grande placa do Cruzeiro, de que era dignitario. Occupava o primeiro

lugar numa das duas mesinhas dos ministros — á direita. Fallando bem de frente e dirigindo-se de continuo, conforme a boa pratica e até ficção parlamentares ao presidente da camara e como que alheio aos deputados presentes, estendia com frequencia ora o braço esquerdo, ora o direito, puxando de vez em quando os punhos, ou então levantava ao ar o dedo indicador da mão direita fechada.

Criticava Joaquim Serra, nos seus espirituosissimos e admiraveis folhetins politicos em verso, o tal gesto favorito no seguinte decassyllabo dando engraçado conselho:

Embainha, ó Rio Branco, esse teu dedo!

Não menos espirituosamente explicava o visconde:

« Quando a idéa, dizia elle, não vale por si bastante alto, suspendo-a na ponta do dedo. Faço como o Tatti. »

Esse Tatti, contava elle, fôra tenor celebre do Rio de Janeiro.

Perguntando o Imperador, um dia, ao marquez de Abrantes, que tal o achava:

« Excellente, respondeu o *canario* do Senado (como lhe chamavam). Quando elle não pôde alcançar a nota que tem de dar, fisga-a na ponta do dedo e mostra-a ao publico. Ahi é que o applaudo com enthusiasmo. »

Voltemos, porém, a Rio Branco, que deixámos de pé, prompto para responder a Paulino de Souza e acariciar, como costumava fazer antes de começar a fallar, as suissas brancas e bastas, torcendo-as pausadamente para dentro. Se parava, no cruzar de violentos *apartes*, tinha por habito passar o lenço pela calva, em que, nesses dias de grande calor e sob a

claraboia da sala a derramar intensa luz, porejavam camarinhas de abundante suor.

Promettendo imitar a prudência de Paulino de Souza, de quem o orador declarava querer mostrar-se discípulo aproveitado, dava as razões da dissolução da camara a 22 de maio:

«Não era possível admittir que os nobres deputados, formando, por esforços inauditos, uma maioria accidental, diminuta e precaria, pretendessem que o gabinete se retirasse diante dessa simples ameaça dos vencidos da vespera, em uma das mais nobres luctas parlamentares (*apartes violentos*) quando estavamos certos de que o nosso procedimento politico merecia a approvação do paiz e do partido conservador (*continuam os apartes*).»

E, apertando cada vez mais as cravelhas, interpellava directamente o chefe da dissidencia:

«Como explica o nobre deputado esse odio, que outro nome não merece, contra o governo actual?»

«Odio sim, teimava Rio Branco, e a causa todos a conhecemos. Data de 1871» (*Apertes continuos*).

Paulino de Souza. — Isso é questão acabada e que por nossa parte não fazemos mais reviver. (*Apoiados da dissidencia*).

Na deducção desse discurso, que se conservou sempre em esphera elevada, apesar dos continuos e irritantes apertes, que imprimiam á camara constante agitação, voltaram por vezes retaliações desagradaveis e penosas. Tambem Florencio de Abreu deu um aparte que produziu hilaridade:

«Bastante interessante esta questão de familia!»

Pobre Florencio de Abreu, morreu bem moço! Pôde, porém, deixar nome ainda hoje popular em S. Paulo, nos poucos mezes que administrou aquella provincia. Tinha um modo especial de olhar por cima dos oculos, do *pince-nez*, que lhe imprimia ás

feições aspecto duro e de inflexível juiz; e ainda mais o apurava naquella occasião de opposicionista intransigente. No fundo excellente rapaz, embora todo cheio de si pela sua posição de opposicionista rio-grandense e pondo timbre em mostrar-se mais assomado do que realmente lhe pedia o genio; cousas enfim da mocidade.

Com fervor applaudiu a maioria, numerosa, chegada de fresco das provincias, e dedicada ao gabinete 7 de Março, o discurso do presidente do conselho e retirou-se, apenas concluido, deixando o velho Henriques, que morreu aos 90 annos, já nessa época bem encarquilhado e gasto, preencher, quasi solitario, o resto do tempo e desfiar as razões de urgencia da medida proposta, como *bispo* do Theouro, que era.

IV

No dia seguinte, 27 de dezembro, a enorme affluencia de gente nas galerias, tribunas e até no recinto da camara demonstrava bem a importancia ligada á estréa que impacientemente se esperava. Dizemos *até*, porque naquelles tempos de respeito ás boas praxes, não se davam ainda tumultuarias invasões de povo a ponto de quasi imprensarem o presidente, a mesa e os deputados, como depois por vezes aconteceu, em momentos de mais curiosidade. Era em extremo fiscalizado o direito de circular-se ao redor da sala, embaixo, e só o tinham os antigos membros da casa e os jornalistas de nota. Aos proprios senadores punha-se alguma difficuldade ao uso dessa regalia, sendo elles encaminhados pelos continuos para uma tribuna especial, fronteira á das senhoras.

Todo o ministerio a postos, isto é, os que eram deputados nos seus lugares habituaes e os que não pertenciam á Camara nas cadeiras destinadas aos membros do gabinete, e proclamada pelo presidente a segunda parte da ordem do dia, de subito se abafou o convulso borborinho que até então reinára e surgiu na tribuna, por detraz da meza dos ministros á esquerda, Silveira Martins, para o qual convergiram soffregos todos os olhares.

Mal abriu a bocca, e logo romperam os mais violentos apartes e protestos. Era deveras formidavel o gladiador que saltára na arena!

— Aqui, disse com gesto largo imperiosamente apontando para os companheiros liberaes, somos poucos, apenas seis; mas aqui é que se acham os verdadeiros representantes da nação!

E que voz! como retumbava naquelle local, repentinamente despertado das melifluidades de discussões, mais ou menos aducloradas! Sentiam-se nella os impetos de uma natureza agreste, violenta, capaz de perigosos arrastamentos, cheia porém de vida, de força e de possança; nota calorosa, ardente, vibrante, acre, injusta, demasiado exaggerada, mas de irresistivel imposição e attrahimento.

E dalli por diante não descambou um só instante da sua tonalidade quente, vigorosa, sustentando-se no mais elevado diapásão até o fim, nada menos de duas horas seguidas!

Que larynge e que pulmões de ferro! E nunca aspera essa voz, dura e gritadora nas maiores explosões; de continuo antes harmoniosa e subjugadora, tempestade que urra e atrôa, mas não desafina, repassada em todas as multiplas entonações de um accento de sinceridade e energia de convicção capaz de abalar os mais indifferentes e fazel-os sahir de calculada calma.

Não ha duvida, quem dispõe de órgão assim ha de sempre impor a sua imperiosidade intellectual ás assembléas deliberativas e massas populares.

Quantos outros dotes tribunicios, aliás, não corriam na pessoa de Silveira Martins!

Nesse primeiro discurso foi elle méramente sensacional, visando objectivos que plenamente attingiu, conquistar de roldão um dos mais proeminentes logares no parlamento; mas nessa mesma sessão legislativa pronunciou outros da maior erudição e mais cerrada e bem deduzida dialectica, que mostraram novas faces da sua incontestavel preeminencia.

Lá ia elle, porém, provocando para assim dizer a cada proposição um temporal de apartes. Gritavam os membros da maioria e abalavam-se as galerias, mal contidas pela força moral de Teixeira Junior; mas os golpes succediam-se um após outros, servindo qualquer ponto ou pretexto de accusação para irresistivel effeito.

No meio dos freneticos apoiados dos companheiros de bancada, o orador quando recebia um aparte mais saliente, esmagava a quem buscava deter-lhe o passo.

— *Pas trop de zèle*, estrondeou elle, voltando-se para o velho Henriques; o zelo excessivo compromette as melhores causas e *deshonra* a quem o pratica!

E todos a bradarem — Retire o insulto; retire o insulto!

Qual! lá seguia elle por diante.

A Pereira dos Santos, intelligente deputado mineiro, alcunhado, desde os tempos da Academia, Pereira *triste*, que lhe perguntou donde provinha tamanha segurança em si, tão extranhavel empenho em desconsiderar os seus collegas representantes da nação, como elle, respondeu com pungente e sardonica irreflexão:

— Vós, representantes da nação? Não passaes de *illustres desconhecidos*! Consultae a vossa consciencia. Todos ficarão *tristes* como sempre foi V. Ex.

E a gargalhada geral mais afundou o imprudente apartista.

Se a dissolução da Camara a 16 de Julho de 1868, continuou Silveira Martins, fôra falta de patriotismo por parte da corôa, a 22 de Maio de 1872 constituia um dos maiores attentados politicos commettidos no paiz.

E a despejar metralha que a ninguem poupava, envolvidos todos no mesmo rol de *illustres desconhecidos*; rebatendo constante saraivada de apartes, que afinal foi, a mais a mais diminuindo; obrigando os sete ministros, cada qual por seu turno, a pedir a palavra; atacando directamente o Imperador; esmiuçando, por modo desapiedado, um innocente officio do conde d'Eu ao ministro da guerra Junqueira — que por signal, desde esse discurso, nunca mais quiz historias com o ardente e terrivel tribuno e procurou quando possivel contental-o nas exigencias rio-grandenses — ridicularisando, trecho por trecho, os artigos do *Movimento*, com effeito, demasiado encomiasticos ao gabinete; provocando hilaridade homérica com as peripecias da compra do archivo Mello Moraes para lhe agarrarem o voto na questão do ventre livre; trazia suspenso aos seus labios e offegante o auditorio e o agitava como mar revolto.

— Aos mercenarios do poder, clamou elle no fim de duas horas, com metal de voz tão possante e fresco como quando começára, custa pouco a baixa e vil adulação, comtanto que lhes aproveite. A gratidão que lhes enche o peito é filha da venalidade e directamente procede do thesouro publico!

E apurando cada vez mais o tom chegou a conclusão:

— Os homens passam, as dynastias desaparecem n'um turbilhão; as nações, porém, vivem seculos, a liberdade é imperecível como a alma humana. Basta, para consolo dos que sustentam a causa da liberdade, saberem que ella é a causa do futuro, é a causa da democracia, é a causa da America!

A estas palavras, um tanto banaes, força é convir, e que ao proprio que as proferio não devem hoje suscitar senão desconsolado sorriso de uma cruel desillusão, levantaram-se as galerias e tal clamor de bravos, palmas, vivas, gritos, legítimas ululações de enthusiasmos se ergueu, muitos agarrados como loucos aos balaustres, quasi a se precipitarem no salão, que parecia dever vir abaixo o carunchoso edificio. Scena indescritivel, que durou alguns minutos e os *Annaes*, na dulcificação official, appellidaram *manifestação de agrado*, mas que, de facto, consagrou um dos maiores e mais expontaneos triumphos presenciados no seio do parlamento brasileiro.

De prompto comprehendeo o visconde do Rio Branco o alcance da impressão causada e só a sua presença immediata na tribuna foi que restituiu ao recinto alguma calma e fez voltar a maioria desorientada da conturbação em que cahira.

— Felizmente, exclamou com voz nervosa e forte o prestigioso presidente do conselho, felizmente acima do juizo do nobre deputado está o da camara e o da nação que ella tão dignamente representa!

E os repetidos fervorosos apoiados de todos quantos acabavam de ser tão malferidos significaram o primeiro suspiro de allivio e de consolo.

Tal foi em breve escorso e descoradas tintas a estréa parlamentar de Silveira Martins.

II

ZACHARIAS DE GÓES E VASCONCELLOS

I

Sem contestação possível, é uma das figuras políticas mais notáveis da nossa história parlamentar.

Alto, magro, anguloso, rosto para o comprido, olhar duro, tez biliosa, bocca sardonica, nariz afilado, queixo pontudo, testa larga, tinha o seu quê de Guizot nos modos seccos, altaneiros, auctoritarios — a mais, a mordacidade continua, implacavel e ferina. Aliás, de posse de solidissima e larga erudição que lhe consentia tomar aos outros o passo em qualquer materia, estudava todas as questões com o maior afinco, aprofundava os menores assumptos em debate, esmiuçava os mais extensos relatorios e fastidiosos documentos officiaes e esquadrihava todos os pontos em analyse, imprimindo com segurança ás discussões a direcção que mais lhe convinha.

Dialectico profundo, dotado de grande facilidade de allocação, com a phrase sempre prompta e naturalmente pura e fluente, em extremo cuidadoso da vernaculidade de todas as expressões, occupava quasi diariamente a tribuna com a maior auctoridade, qual a podiam ter os mais conceituados vultos do scenario politico, durante o reinado de D. Pedro II, que tantos homens illustres produziu e tão respeitados caracte-

res salientou em seu longo, dignificador e inolvidavel percurso, para ufanía e gloria d'esta patria, no interior e no estrangeiro.

Em seus primeiros tempos de iniciação na vida publica, conservador, depois liberal e afinal chefe do *progressismo*, como presidente do conselho de ministros até 16 de julho de 1868, senador pela provincia da Bahia, tornára-se Zacharias de Góes e Vasconcellos temivel opposicionista — sua feição dominante — a quasi tudo, sempre de ferula em punho, e amigo de dizer asperas verdades, núas e cruas a adversarios e correligionarios.

Tomando por ponto de partida o aphorismo, que para si arranhou — *A base do systema representativo é e deve ser a desconfiança* — não poupava a ninguem e quando exercia, como em quasi todos os seus discursos, o direito de censura, não via a quem ia ferir. Comprehende-se quanto, com tal disposição, devia estar de continuo preparado. Tambem, raros o achavam em ligeira claudicação e ainda menos intentavam fazer-lhe frente.

Não raro, o seu orgulho a todos ia maltratar e attingir, e bem celebre ficou a qualificação de *confraria de pedintes* dada a Camara dos deputados, que lhe dispensava, comtudo, todo o seu apoio sem a menor restricção, nos mais difficeis dias da guerra do Paraguay.

Não tinha, pois, dedicações pessoaes, nem grupo em que particularmente se encostasse; mas, pelos serios receios que infundia, gozava de grande somma de influencia no partido liberal, unido, com a ascensão dos conservadores em 1868, e de que era um dos mais brilhantes e activos campeões.

No Senado, não se lhe dava de verberar acrememente os companheiros de vitaliciedade; e entretanto quão rara essa inclinação naquella casa cujos

membros viviam em doce intimidade, cercados da consideração e do respeito geraes, quasi uns *lords* inglezes, por modo mal imaginado hoje em dia! Se havia semi-deuses em politica, eram os senadores do tempo da monarchia, e o apreço publico não recusava as suas mais profundas barretadas até áquelles que não possuíam outras razões de selecção senão pertencerem a tão elevada e afinal onnipotente corporação.

Costumava o imperador dizer:

«No Brasil ha duas posições invejáveis, senador e professor do collegio de Pedro II.»

Quando no apalacetado casarão do conde dos Arcos se suscitava qualquer questão que parecia dever azedar-se, intervinha logo o barão de Cotegipe, recordando um dito do velho Montezuma: «Nada de brigas. Lembremos que temos de viver juntos até ao ultimo dia de vida».

Ouvi, um dia, certo senador exclamar: «Senhores, só ha um poder que me curve á sua vontade, é a morte!»

E d'essa consciencia de força e plethora resultaram, por fim, graves inconvenientes, de entre os quaes o mais saliente e deploravel foi a annullação absoluta do outro ramo legislativo, no quasi menospreço dos outros poderes constitucionaes.

Em 1889 não suspendeu o Senado a sessão e não mandou intimar o presidente do conselho João Alfredo, naquelle momento no Paço de S. Christovão, em despacho imperial, para que viesse logo e logo ouvir o discurso de opposição do conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira?...

II

Costumava Zacharias de Góes e Vasconcellos fazer, como se diz, rancho á parte e nesta qualidade julgava-se com poderes para exercitar sobre os collegas a mais lata critica, não lhe pondo limites nem resalvas.

Uma feita, na tribuna, isto é do logar que occupava no canto da bancada de baixo, á esquerda, junto á janella, estava orando com grande vivacidade, quando de repente parou e se sentou. Produzida certa extranhese, explicou instantes depois: «Esperei que o illustres barões de Pirapama e do Rio Grande acabassem de se barbear».

Eram os dous idosos senadores, ambos surdos, que estavam a conversar sobre navalhas mais ou menos afiadas e haviam erguido a voz para reciprocamente se entenderem.

Noutra occasião, deu-se caso muito engraçado e que nos foi contado em roda de amigos, numa das quintas-feiras da rua Senador Vergueiro, pelo barão de Cotegipe — e quanto chiste tinha o espirituoso estadista! Nos dias de bom humor não proferia, para assim dizer, uma palavra, não fazia um gesto, destituídos de inimitavel graça.

— Neste senado, observava Zacharias, acenando com o seu lapis sempre em punho, vemos cousas bem curiosas; por exemplo um collega que, mal chega á sua cadeira, tira as botinas, fica de meias e pega logo no somno.

Referia-se ao senador Cruz Jobim, cujo commodismo era proverbial, homem, aliás, de bons serviços á nação, chistoso por seu lado e muito inimigo das irmãs de caridade, que Zacharias, provedor da

Santa Casa de Misericórdia, protegia com todas as forças, entregando-lhes sem reserva a direcção daquelle estabelecimento e do Hospicio de Pedro II.

Voltaram-se os olhos para quem tão immediatamente incorria no reparo.

Ahi Teixeira Junior, depois visconde do Cruzeiro, tocou no cotovello do companheiro ao lado e maldosamente lhe assoprou: «O Zacharias está affirmando que V. Ex., em outros tempos, defendeu calorosamente as irmãs de caridade».

O outro, todo estremunhado e logo enfurecido, bradou: «Não é exacto! Prove V. Ex. o que avança! Venham as provas!

— Os seus collegas de bancada que atestem se digo ou não a verdade!

— Assevera elle, avisou rapido outro senador, que V. Ex. tirou as botinas e está só de meias.

— Com a breca, concordou o interpellado, encolhendo-se todo e calçando-se ás pressas, lá isso é facto. Que malvado de homem!

Com o visconde do Rio Branco e, mais ainda, com o barão de Cotegipe eram as turras continuas.

Deste dera Zacharias em breves e asperas palavras acerbo *croquis*:

«O Sr. de Cotegipe, definira elle, a mais bella intelligencia do Brasil, infelizmente estragada pelo voltarete e a chalaça.»

O outro, levando-o com toda a paciencia e calma repassadas da mais aguda ironia, retribuiu-lhe alfinetada por alfinetada.

Analysava, certo dia, Zacharias os actos e até a vida particular de Cotegipe, então ministro da marinha no gabinete 16 de julho.

— S. Ex., declarava peremptoriamente, não tem tempo material sequer para despachar o simples expediente da sua pasta. Senão vejamos. O nobre mi-

Universidade de Brasília
BIBLIOTECA

25769

nistro levanta-se tarde, mais ou menos ás 10 horas da manhã; faz a sua *toilette* com apuro, o que lhe leva bem uma hora; almoça ás 11, palestra com os amigos; chega ao senado ás 12; vae á camara ou responde aqui pelos desacertos do gabinete; fica livre ás 4; acha a casa cheia de gente; torna a palear com os intimos; janta ás 7 ¹/₂; joga a sua infunctivel partida de voltarete; vae ao theatro ás 10, sahe delle ás 11, passeia por ahi, etc., etc., e afinal recolhe-se depois de meia noite, senão mais tarde! No dia seguinte respondia-lhe o aggredido ao pé da lettra.

— Sinto, Sr. Presidente, disse elle, não ter podido ouvir hontem o minucioso relatorio que o nobre senador apresentou sobre a minha vida diaria, pois houvera rectificado varias inexactidões. Até certo ponto, porém, foi conveniente, porquanto tive ensejo de proceder a conscienciosas indagações e estou agora habilitado, do meu lado, para indicar ao Senado o modo por que S. Ex. reparte as horas do seu dia. Levanta-se cedo, ás 6 horas da manhã, toma o seu banho frio, bebe café com leite e come um pratinho de torradas. Depois, estuda os relatorios e as materias da ordem do dia até ás 9. Ahi, almoça e vae vestir-se, no que gasta algum tempo, por isso que prova varias sobrecasacas, a ver a que melhor lhe assenta. (Era, com effeito, uma das preoccupações de Zacharias andar sempre com roupas severas, mas muito bem ajustadas e elegantes). Vem para o Senado e até ás 4 horas da tarde leva a causticar a todo o mundo. Volta a casa na sua caleça; janta ás 5 e palita os dentes. Ás 6 ¹/₂ sahe para a Misericórdia; ás 8 encerra-se com as irmãs de caridade e com ellas conversa até ás 9 ¹/₂; recolhe-se ás 10 e deita-se, dormindo somno de beato por ter bem cumprido com todas as suas obrigações.

Tudo isto, já se sabe, pontuado por boas gargalhadas dos delicados senadores. Deu Zacharias deveras o cavaco e foi ter com o contendor.

— Collega, propoz todo dogmatico e imperioso, nas provas tachygraphicas vou tirar aquelles maliciosos etcœtera, etcœtera...

V. Ex. por sua parte, ha de eliminar a tal historia de irmãs de caridade, ouvio?

— Riscarei tudo quanto V. Ex. quizer, replicou-lhe o outro; mas não consinto, isto nunca, que deixem de apparecer os taes etcœtera, etcœtera. Esses são meus e vão dar-me muita força moral. Se os supprimir, reclamo-os da tribuna; fique certo.

III

Nos graves e incandescentes debates da lei do ventre livre, Zacharias, destacando-se ostensivamente dos mais notaveis chefes liberaes, Nabuco, Souza Franco, Saraiva e outros, tomou posição elevada e difficil, contrariando com o maximo afan a proposta do governo e alliando-se ao elemento de feição mais carrancuda no conservatorismo senatorial, Itaborahy, Muritiba, Jaguary e S. Lourenço.

Foi elle quem rompeu o debate na 2.^a discussão e pôz todo o esforço em fazer valer a iniciativa do gabinete 3 de agosto na falla do throno de 1867; isso quando o imperio estava a braços com a guerra do Paraguay em seu auge. «A emancipação, repetia com insistencia, é idéa do partido liberal; foi um governo liberal que chamou a attenção das camaras para essa medida e depois incorporou-se o mesmo pensamento no seu programma».

E dahi não sahiu, fazendo derivar todo o valor de Rio Branco do patrocínio Imperial. «As potestades da terra, exclamou elle, alludindo ao *Petrus es et super hanc petram edificabo ecclesiam meam*, tambem ás vezes usam de trocadilhos e, escolhendo para grandes commettimentos homens de quem tanto se não esperava, sóem mudar-lhes os nomes e infundir-lhes desusado vigor. Podem, por exemplo, dizer a um desses escolhidos: «És um Rio e ás tuas brancas aguas entregarei a não que leva os destinos da Corôa».

Ao que respondeu com toda a propriedade o estadista tão directamente apontado, após longo e brilhantissimo discurso: «Sou o primeiro, Sr. Presidente, a lamentar que as circumstancias me collocassem nesta posição e que ao ministerio de que faço parte coubesse a realisação de tão grande idéa. Fôra, sem duvida, mais feliz o paiz se tivesse á frente do seu governo um athleta da força do nobre senador pela Bahia. Mas S. Ex. mesmo teve a bondade de recordar-nos que, ás vezes, a Providencia permite que pequenos e modestos instrumentos possam realisar maiores feitos do que alterosos genios».

No dia 27 de setembro, a sessão das flores, quando o recinto do senado ficou dellas juncado, atiradas ás mancheias pelas galerias, votou Zacharias contra o projecto que, na manhã seguinte, recebeu a sancção da Princeza Imperial, então regente pela primeira vez. Nesse dia, 27, o povo apinhado dentro e fora do edificio no campo da Acclamação, saudou, doudejante de alegria, quantos haviam, com o seu voto ou sua palavra concorrido para o grandioso resultado.

Assomando Zacharias á porta, fez-se repentino silencio e abriram-se respeitosas alas por entre as quaes passou altivo e sereno o eminente parlamentar.

Prestava-lhe assim a onda popular condigna homenagem, reprimindo os seus impetos; mas também que explosão, que gritos, que acclamações, quantas lagrimas de santo enthusiasmo ao apparecer o visconde do Rio Branco!

Que delirante, interminavel e sincera ovação ao grande triumphador! Raras scenas presenciou o Rio de Janeiro iguaes; força é convir, porém, bem raras também no mundo victorias dessas, alcançadas pela intelligencia e eloquencia humanas a quebrarem todas as resistencias e a vencerem os mais ingentes obstaculos.

Houve occasiões, em que a mesma Princeza Imperial, impressionada com o movimento da lavoura, deu signal de querer recuar; mas Rio Branco, máo grado a reputação de tibieza e de ter por guia unico a vontade da Corôa, sem vacillação e energicamente, retemperou a coragem da heroica e excelsa Regente.

Ah! essa época das radiosas esperanças e rutilantes planos, a bem da grandeza da Patria! Realizaram-se, aliás, plenamente, na mais formosa evolução, para depois virem periodos de anarchia, despotismo, crueis angustias e deprimente incerteza de futuro.

Como os oceanos — avançam e retrogradam as nações em incessantes fluxos e refluxos; colossaes marés a que preside esse irresistivel e mysterioso influxo, que, a pouco e pouco ou subitamente, proporciona ao destino elementos e armas para produzir os mais estrondosos e inesperados successos.

«A monarchia, unica na America, disse em um dos seus discursos Zacharias de Góes e Vasconcellos, apesar dos seus desfallecimentos, ha de seguir por diante sem solução de continuidade, porque o povo brasileiro nella e no travamento do nosso regimen

político, enxerga e com razão garantia firme dos seus direitos e da sua liberdade.»

Quebrou-se essa continuidade tão desejada pelo alevantado orador e patriota, mas, também, nesse momento capital ficou o povo brasileiro *bestificado*, incapaz de agir e de pensar, inerte, hypnotizado, sem meios de pugnar pelos seus direitos conculcados e sua liberdade malbaratada, perdida!

III

SALLES TORRES HOMEM

I

Foi Francisco de Salles Torres Homem, visconde de Inhomirim, um dos políticos mais discutidos e censurados, mais applaudidos e admirados do segundo reinado.

Encetou a carreira publica com grande sofreguidão, fazendo, em escriptos violentos e explosivos, praça de sentimentos ultra-democraticos e egualitarios, quando no fundo ninguem era mais autoritario e aristocrata do que elle, ninguem mais amigo dos privilegios e dintincções sociaes.

Capacidade de primeira ordem, talento dos mais valentes e ducteis, raros imprimiram a tudo quanto fizeram e intentaram fazer tamanho cunho de superioridade.

Nos obscuros e mais que modestos começos da sua agitada existencia foi, não poderíamos dizer hoje como e com que recursos, estudar em Pariz, onde, de certo, não perdeu o seu tempo, distinguindo-se, já pelo lado da applicação e do aproveitamento, pois mereceu dos condiscipulos apreço igual ao que rodeou outro estudante brasileiro, Ferreira Armond, depois conde de Prados, já pela ancia com que se

atirou aos prazeres e ruidosas expansões, possíveis a um estudante pobre do *Quartier latin*.

E desta estada na grande capital europeia trouxe o conhecimento profundo da lingua franceza, que fallava e manejava admiravelmente e o mais vasto saber e peregrino gosto em litteratura, que alliava, em consorcio não muito frequente, ás materias da sua predilecção, economia politica e finanças, em que deveras se tornou abalisado mestre, um dos mais notaveis vultos, que, nesta ardua especialidade, tem tido o Brasil.

Em 1849, pôl-o em evidencia, de entre os mais fogosos e temidos publicistas da época, o seu celebre *Libello do povo*, publicado na typographia do *Correio Mercantil*, á rua da Quitanda n. 13, e cuja repercussão em todo paiz foi enorme.

É tambem esse pamphleto, na especie, verdadeira obra prima, numa linguagem rapida, calorosa, vibrante, sem demasias de rhetorica, mas em tom de funda convicção ao apontar os erros, a estygmatisar os ridiculos e fraquezas e a prognosticar o triumpho final das grandes aspirações populares, acenando-lhes com esses tão eternos quão difficilmente alcançaveis ideaes, que exaltam a imaginação e a alma do commum dos homens e das massas tumultuarias e impetuosas.

Nada mais natural, pois, do que o abalo que nas camadas politicas do Brasil provocou e, além destas, na opinião publica, tal como ainda não haviam causado, nem mais causaram outros folhetos do mesmo genero, embora vigorosamente escriptos e até de feição mais desabrida e feroz no ataque.

Ficou o Imperador viva e dolorosamente impressionado; sabemos-o de fonte segura.

E, por certo, não era para menos; ter que ler e tragar, na impassibilidade do silencio, a succinta e

cruel enumeração dos vícios dessa «estirpe sinistra a que deveu Portugal, durante dous seculos, o fatal declínio do seu poder e importancia». Aliás, Timandro reconhecia que, em D. Pedro I «algumas grandes qualidades, que inteiramente faltaram a seus ascendentes, dormiam nas sombras da sua natureza. Um dia o toque da adversidade as despertára, pois ha indoles que se depuram e se sublimam no crysol do infortunio».

Quem sabe se a leitura e meditação desse pungente pamphleto não tiveram, comtudo, influencia decisiva no espirito do monarcha e na formação do seu character?

São nelle os golpes mais reiterados e certos dados, não contra o soberano e a forma de governo, mas contra o favoritismo e os cortezãos, a quem Timandro attribue todos os males da realza.

Fechar os ouvidos á voz ciciante e perfida do validismo, arredal-o por todos os meios, deve ser o empenho maximo, o cuidado exclusivo do soberano, no exercicio das suas funcções magestáticas, tudo a bem dos interesses primordiaes da nação.

E quem realisou com mais consciencia e amplitude esse programma; quem seguiu com mais firmeza e cauteloso zelo essa norma de conducta, do que D. Pedro II?

Chegou ao fim da vida só, isolado, sem um amigo pessoal, um coração grato e delicado, vendo tão sómente em torno de si a aridez affectiva de que propositalmente se rodeára; mas, tambem, dessa calculada e penosa solidão, mais grandiosa se levantará, aos olhos do historiador, a sua figura solemne e melancolica, á maneira daquellas raras e colossaes estatuas do Egypto, que a vastidão do deserto torna ainda mais extraordinarias e gigantes.

II

No *Libello do povo* que de empolgantes e vividas páginas, no ardente perpassar de pensamentos em borbotões! Quantas são e serão sempre verdadeiras e lidas com interesse e admiração!

«Quando, diz elle tratando do menospreço aos títulos e ás distincções honorificas natural ao homem de indole superior, quando os soldados da Republica Franceza de 94, rotos, descalços e sem soldo, arrojavam-se como aguias da montanha sobre os plainos da Lombardia e executavam esse primeiro episodio, o mais admiravel talvez da grande epopéa, levando dahi o terror das armas francezas até os muros de Memphis, acaso havia, nesse tempo, cruces de ouro para ataviar seus uniformes ennegrecidos pelo fumo das batalhas?

Oh! não, o amor da liberdade e da Republica era o que lhes aviventava os corações, a gloria os coroava; simples espadas de honra attestavam suas altissimas proezas, que boletins redigidos ainda em frente do inimigo acabavam de registrar. E acrescentava:

«Mais tarde uma medalha famosa foi creada, que tirava seu unico valor da fascinação do nome do heroe que a conferia.»

Nesse ponto não dá a historia razão a Timandro. Ainda hoje as condecorações e aquella sobretudo, na França republicana, constituem um dos mais poderosos estímulos, um dos meios mais efficazes e prestigiados para fazer collocar os grandes principios do desinteresse, da honestidade e da virtude. na mais leal e dignificante pratica, acima das fasci-

nações da corrupção e do dinheiro, o maior mal das democracias modernas, a exemplo e no molde das deleterias theorias e lições do utilitarismo norte-americano.

Aliás, quantos trechos do *Libello do povo* não são applicaveis ás ultimas épocas do Brasil que se apregoaram regeneradoras do character nacional e, na subversão das instituições monarchicas, que nos haviam dado tantos decennios de paz, liberdade e honra, só trouxeram e vão trazendo aos republicanos sinceros e ideologos os mais acerbos desenganos? Insistamos ainda, pedindo á brilhante e acerada penna de Salles Torres Homem pintura real de bem recente periodo, de que não estamos ainda sahidos e de que tão cedo não sahiremos.

«Dest'arte, diz elle, erigiu-se em theoria de estado a incredulidade sobre o bem e o mal; abriu-se escola publica de venalidade, de prostituição, de desprezo á probidade, de denegação de todos os deveres, de todos os principios invariaveis e eternos de justiça.

«O que a transacção ensinava era o culto exclusivo do ouro, o reinado bruto do interesse, a glorificação do corpo em contraposição ás verdades moraes e religiosas, nas quaes brilha a face ideal e immortal da nossa natureza e que unicas podem dar dignidade, estabilidade e força ás associações humanas. Estas maximas execraveis que desciam das summidades do poder sobre o povo como miasmas pestiferos e infeccionavam a atmosphera politica, destruiam geralmente a fé, o patriotismo, a dedicação e todas as outras virtudes que não rendem dinheiro.»

Interrompamos a transcripção.

Referia-se Timandro a essa raça tão numerosa, vil e rastejadora dos eternos thuriferarios do poder, quer sejam cortezãos de um monarcha, quer na

phrase hodierna e popular, simples *engrossadores* a rodearem um presidente da republica.

Nem ao seu espirito elevado custou contraditar, pelo modo posterior de proceder, a inflammada indignação do *Libello do povo*, quando chegada a hora da serenidade e entrado nos periodos de patriótica e justiceira calma, reconheceu a atmosphera de desapego e singela honestidade, que D. Pedro II soube crear e manter sempre em torno do seu throno.

Sendo modelo e espelho vivo de tão alevantadas qualidades, quantas pretensões movidas pelo dinheiro não foram irremissivelmente esbarrar ante o simples respeito que elle impunha e o receio de suscitar desagradaveis interpretações na sua attenta, embora sempre magnanima ponderação?...

Continuemos, porém, a soberba transcrição:

«Corromper e ser corrompido tornou-se-nos para servirmos de expressão de Tacito, o titulo de distincção da época, *corrumpere et corrumpi probum seculum vocatur*. Viu-se, desde então, formar-se essa sofrega conspiração de enriquecer, não por honesto trabalho e generosa industria, mas pela ruina do Estado e dos cidadãos. A administração publica tornava-se uma especie de loteria, em que cada qual se lisonjeava de tirar bom premio, e uma multidão innumera de intrigantes e de homens de bem, *arrepellidos de o ser*, atiraram-se de mistura e á porfia na carreira que lhes tinha sido aberta por uma politica toda dirigida para outro fim que não o bem publico. Ter-se-ia dito que aquelle *regimen*, na impossibilidade de captar a benevolencia da nação procurava adrede depraval-a, para mais seguramente a dominar.»

Não são de hontem todas estas scenas? Não parecem ainda estar desfilando ante os nossos olhos pasmos e entristecidos? em outro ponto:

«Nada mais de generoso, de nacional e de grande; nada para a gloria, para a liberdade, para a prosperidade; o entusiasmo extinto; o torpor do egoismo percorrendo gradualmente, como a frialdade do veneno, do coração ás extremidades, e amortecendo as carnes morbidas de uma sociedade que suppura e se dissolve... tal o estado do Brasil.»

Em 1849, o desalento era, com effeito, grande e avassalador, não já nesta parte do continente sul-americano, mas no mundo inteiro, varrido pelo sopro das desordens e revoluções — e dessa conturbação geral, dava Timandro, nas primeiras paginas do seu pamphleto, animada e exacta pintura — mas depois vieram para nós largos periodos de existencia nobre e ascensional em busca de gloriosos e seguros destinos, que afinal haviamos de attingir na róta que levavamos.

Hoje, porém, apesar do copioso e fecundo espolio deixado pela monarchia, infelizmente já tão malbaratado, estaremos, quasi 50 annos depois daquelle data, em muito melhores condições?

Subitamente não retrogradámos e a recuo de gigante?

Podemos collimar escôpo certo, visivel, proximo, nas brumas cada vez mais densas do futuro, nessa conturbação continua e oriunda do fermento e exaltação republicanos e nessa incessante, periclytosa e tão apregoada organização democratica, pretexto para os mais horrorosos e contristadores abusos e violencias, miragem que nos foge sempre e não promette deixar-se tão cedo agarrar? Não nos deve inquietar e pungir o espirito esse espectaculo quasi secular de tantas republicas sul-americanas, todas ellas empenhadas na sua verdadeira, definitiva e suspirada consolidação, sem chegarem nunca a alcançal-a?!

Que destino terrível e quasi ridiculo, se não fosse tão cruel!

Fez o Brasil como o cão da fabula: largou a realidade pela sombra. O Brasil?... Não faltaram suggestionadores, que souberam abocanhar parcelas da appetida presa, e repartil-as com os seus, deixando ao paiz as desillusões do simples e enganador na agua.

III

Desappareceu para assim dizer, da circulação o *Libello do povo*; mas sempre vinha á baila por occasião das transformações politicas operadas pelo seu auctor, que passou, afinal, a conservador doutrinario de liberal exaltado que fôra, quasi republicano, e dizemos quasi, pois o seu pamphleto era o transumpto de asperos conselhos e acres advertencias á corôa, mais do que formal signal de guerra para a sua extincção no Brasil.

Dizia-se á bocca pequena, que Salles Torres Homem mandava comprar quantos exemplares podiam ser encontrados e os ia á medida destruindo; mas isto mal se coaduna com o desvanecimento que elle não occultava da auctoria daquelle opusculo tão commentado.

Não sei como se deu a sua approximação á pessoa do Imperador. Parece-me, entretanto, apocrypha a phrase que lhe attribuiram, reproducção do conhecido verso classico francez:

«Aos grandes erros, Senhor, grandes perdões».
D. Pedro II, na sua immensa delicadeza de instinctos, não lh'a consentiria; nem houve a tão fallada campanha de corrupção para chamal-o a prestar ao

paiz os eminentes serviços que a sua intelligencia superior e rara illustração, unidas a muito methodo e certeza de vistas, podiam prestar e, com effeito, prestaram.

Não faltaram ao Imperador rispidas e sempre renascentes censuras por haver chamado aos conselhos da corôa o homem que dissera horrores da familia real de Portugal; mas aos sentimentos particulares, ás instigações intimas, a tudo, soube o soberano antepôr o bem do Brasil, no *cargo* de chefe do Estado que exerceu, conforme a sua bella expressão na resposta á intimação militar, por espaço de quasi meio seculo...

Uma vez, num dos celebres «jantares do Barros», um dos convidados adventicios, não dos habituaes e de primeira plana, intrometteu-se na animada palestra que entre as summidades politicas alli reunidas se travava antes e depois da refeição e indagou de repente e levianamente:

— V. Ex. Sr. conselheiro, não se tem arrependido de haver escripto o Timandro?

Houve constrangido silencio.

Quem salvou a situação foi o Barros, que, sempre despachado, acudio ás pressas.

— O Sr. conselheiro do que se arrepende é de vir a logares em que ha pessoas que lhe fazem perguntas destas.

— Muito bem, Sr. Barros, observou com finura o visconde de Inhomirim, encostando os oculos de ouro aos olhos, gesto habitual, nunca perca ensejo de dar uma boa resposta.

IV

Nada attrahente o physico, a figura de Salles Torres Homem. De estatura baixa, tinha predisposição para engordar, com exaggero, o ventre proeminente, pernas curtas em relação ao busto, o todo pesadão.

O rosto de tez amarelenta e feições inexpressivas, n'uma quietude apathica, era pronunciadamente vultuoso, o que mais se accentou no fim da vida, quando a bronchite chronica de que soffria desde moço, se foi transformando em oppressora asthma cardiaca; os labios grossos, o inferior um tanto penso, belfo.

Usava oculos fixos de aros de ouro sobre os olhos pardacentos, esbugalhados, e basta cabelleira postica sob chapéo alto de abas um tanto largas, o que lhe dava, conjuntamente com o rosto liso e barba sempre escanhoadada em regra, aspecto de commodista e gordalhudo pastor protestante.

Vestia-se, porém, com o maior apuro, buscando conservar certa elegancia de bom cunho parisiense, na sobrecasaca rigorosamente abotoada e bem assente ao corpo, nas gravatas de gosto com alfinetes artisticos, nas botinas envernizadas, sem nunca dispensar luvas, que trazia quasi todo o dia calçadas.

Gostava de bengalas de valor e d'ellas tinha grande variedade; nem jámais se o via de guarda-sól ou de chapéo de chuva, como é tão geral no Brasil, hoje ainda mais do que outr'óra.

Professava todo um systema de idéas acerca da côr da gravata apropriada ao dia e da pedra preciosa que tinha de n'ella figurar; e, uma feita, o ouvi dis-

correr com muito espirito, erudição e a habitual solemnidade de phrase sobre a significação das gemas entre os antigos e particularmente Hebreos, e a sua adaptação ás roupagens que deviam fazer realçar — o diamante sobre o estofado preto, a saphira sobre o branco, a esmeralda no vermelho, o topazio em cima do azul, e assim por diante.

— É preciso aconselhava elle, não deixar aos mediocres e tolos sequer essa superioridade, trajarem bem. As exterioridades tem inquestionavel importancia. A um tresloucado e criminoso é muitissimo mais facil dar logo cabo de qualquer maltrapilho, do que simplesmente desrespeitar um homem revestido das insignias de alta posição social. Conturba-o a certeza, de que esse insulto será incontinenti punido pelas leis e pelas autoridades.

Consoante com esse modo de pensar, eram as suas maneiras compassadas, pouco expansivas, nunca familiares. O andar lento, quasi magestoso, devido, aliás, em parte, á impertinente e antiga bronchite que só lhe consentia folego curto, parecia denunciar muito orgulho de si, concorrendo para a reputação que lhe faziam de displicente e emproado, quando, entretanto em convivencia mais chegada, se mostrava o que na realidade era, genio sympathico, affavel, folgazão, conversador inestimavel e divertidissimo.

Bem longe, em todo o caso, o typo que realison da personalidade de Timandro, na qual buscara encarnar-se nos primeiros tempos da vida publica.

Tambem com razão, ainda em 1871, exclamava Silveira da Motta no senado, ouvindo-o apregoar os beneficios das situações conservadoras contrapostas á esterilidade dos governos liberaes: « Santo Deus! Dizer que é Timandro que está fallando! Responde a si mesmo, tantos annos depois! »

Salles Torres Homem, uma vez rico, pois fez casamento vantajoso com distinta senhora, irmã do Dr. Bernardino Alves Machado, possuidora de valiosos bens em Inhomirim, provincia do Rio de Janeiro e alhures, calculados em mais de 400 contos de réis, naquelle tempo somma bem avultada, tratava-se com luxo e andava sempre de carro puxado por agil e bonita parelha de bestas, pois os cavallos não eram então communs no Rio de Janeiro. Tinha, entre os vistosos trens, um *coupe* baixinho e estreito, que parecia encher todo com sua volumosa pessoa.

Ainda se me afigura, reconstituindo essa época que já vae bem longe, vê-lo passar, immovel lá dentro, com o corpo erecto, perfil indeciso, beijo inferior puxado, chapéo enterrado na cabeça, bengala entre pernas e mão esquerda enluvada sobre o castão. Na boléa, o indefectivel molecóte, que o acompanhava sempre como pagem para levar o sobretudo grosso e um chapéo de chuva.

Contavam que planeava e compunha com grande antecedencia os discursos a proferir e destinados ás grandes occasiões, escrevendo-os e decorando-os palavra por palavra, o que não era exacto. Nem só isto, mas que até calculava os gestos e attitudes na tribuna, ensaiando-os seguidas vezes, deante de um grande espelho.

A verdade é que, dispondo de fidelissima memoria, trazia a sua oração toda prompta na mente, depois de tel-a recitado em voz alta, dias antes, no seu gabinete de estudos. Bastava ligeiro preparo para que os mais longos e sonoros periodos se seguissem uns aos outros sem a menor discrepancia, á maneira, conforme elle mesmo explicava e já citamos, de uma bobina telegraphica que se desenrola toda pontuada, sob a acção da electricidade.

E a prova é que acudia aos apartes com a

maior promptidão e felicidade, reatando logo o fio do discurso.

Tudo sempre com emphase de verdadeiro pontifice da palavra.

— Se o Salles não tivesse tanto talento, observava Nabuco de Araujo, era um Perú de roda.

E sublinhava com chiste:

— Mas também não se póde chamar de pavão, o rei da natureza pela formosura, segundo Buffon.

Parece, também, que possuia singular aptidão e destreza para exercicios de equilibrista e fazia o que queria das mãos e dos dedos, sustentando no ar com a maior leveza e naturalidade objectos e pesos em posições difficeis e curiosas. Por isso também dizia Angelo Moniz da Silva Ferraz, que impellido pela opinião publica, lhe seguiu no seu ministerio de 10 de agosto a sabia politica financeira.

— O Torres Homem é insigne em tudo; mas como marombista, ninguém imagina o que seja: só vendo!

V

Em litteratura, campo dos mais vastos conhecimentos, tinha por autores favoritos Lucrecio, Dante, Racine, Benjamim Constant, Châteaubriand, e Paul Louis Courier, havendo, sem duvida, bebido neste a mordacidade de estylo do pamphletario e, mais tarde, naquelles a pomposa gravidade do publicista e orador.

Aliás, no meio das preocupações da sua especialidade, como eminente financeiro que se tornára, e apezar da indole um tanto, ou bastante, inclinada á indolencia, lia tudo, lia muito, lia sempre

Sabia de cór quasi todo o *De natura rerum*, de

que citava, com frequencia e juvenil ardor, trechos inteiros.

— Feliz aquelle, costumava proclamar, que toma por norma de vida este bello conselho: «*Pacata posse omnia mente tueri* (poder encarar tudo com animo sereno)».

Estava então bem longe do feroso Timandro!

— Em lettras, preleccionava elle, o criterio para se julgar do valor e da duração de um livro discutido está no sentimento ultimo que nos deixa a sua leitura. Se, ao concluil-o, nos sentimos, além de tomados de impressão doce, suave, grata, melhores do que somos, mais dignificados e mais propensos á admiração das acções nobres e elevadas, então não vacillemos no *verdictum* — essa obra vencerá os tempos.

Estas palavras, podemos affirmar-o com toda a consciencia, são da maior authenticidade, senão na forma exacta, pelo menos no fundo, pois nos foram referidas por amigo da nossa maior intimidade e de muita severidade em todas as suas asseverações.

— Mas, objectou essa pessoa, dizem que Chateaubriand, que V. Ex. tanto admira, escreveu o *Genio do Christianismo* por insinuação do editor, que recusou acceitar delle um livro todo materialista e de acre descrença.

— Nada temos com isso. O tal editor, não visando senão a lucros materiaes, prestou enorme serviço á humanidade e a Chateaubriand, repondo-o no caminho moral, de que só por pouco se desviára.

A par desse alevantado idealismo, que afinal predominou no character de Salles Torres Homem, conservou elle muitos dos gostos epicuristas que o haviam distinguido na mocidade e um tanto além.

Assim, comia a valer, sendo ao mesmo tempo glotão e guloso e quando mais adiantado em annos,

gourmand e gourmet, conforme distinguem os francezes isto é, dado aos prazeres da mesa, mas difficil e delicado critico na apreciação de finas iguarias.

Num grande e bem preparado banquete aconselhava elle a um vizinho:

— Não coma do pão senão a côdea; o miolo incha logo no estomago e occupa logar que pôde ser muito mais bem preenchido.

Nos taes jantares do Barros, a que tenho por vezes alludido e cuja descripção daria para interessante narrativa, se a principio parecia querer recuar diante de certos pratos demasiado condimentados e gordurosos, afinal os atacava com valentia, dando conta das respeitaveis porções, que o familiar amphytrião ia copiosamente servindo aos seus illustres convidados.

— O caso de Alcebiades em Sparta, nos explicou com ar de engraçada resignação.

E protestou, abaixando a voz:

— Este nosso Barros tem optimas intenções; mas, não ha duvida, afoga-nos na banha americana e no azeite de dendê.

Foi exactamente quando o dono da casa, assentado já diante da enorme terrina e comidas as primeiras colheres, exclamou todo queixoso e em tom de reprehensão:

— O' senhores, que injustiça, um vatapá destes devéras sublime; e ninguém o gaba, nem uma palavra!

Houve significativo rumor de elogios: «Com effeito, está optimo, excellente!»

— Sr. visconde, annunciou com imposição o Barros, V. Ex. ha de por força comer segundo prato fundo e bem cheio.

— Não, Sr. Barros, contestou resolutamente o ameaçado Inhomirim, exija tudo de mim, até a ca-

beça, menos isto! Depois diriam, que foram as suas mãos que me cavaram a sepultura.

— Então darei essa segunda dose ao Sr. visconde do Rio Branco. Como Bahiano da *gemma*, que é, para orgulho da nossa bella terra, não me ha de deixar mal.

— Deixo-o, Sr. Barros, replicou apressadamente Silva Paranhos com a sua risadinha característica, fresca, *sympathica*, que lhe expandia o rosto todo e logo lhe enrubecia a calva — deixo-o. Na quinta-feira passada, o Sr. me servio uma talhada tal de melão, que tive de conversar com ella dous dias inteiros. Só a poder de muito geito foi que a levei a *accei tavel accordo*.

Nunca me esqueci d'esse elegante euphemismo.

VI

O anno de 1858 foi o de maior actividade de Salles Torres Homem a lutar, na Camara dos Deputados, corpo a corpo, braço a braço, para assim dizer, com Bernardo de Souza Franco, ministro da fazenda no gabinete do marquez de Olinda, formado debaixo ainda do influxo da politica de conciliação, inaugurada pelo marquez de Paraná.

Foi quem deu o grito angustioso e patriótico de alarma contra as medidas financeiras daquelle politico, que puzera em atropellada pratica as idéas mais adiantadas, aleatorias e perigosas, sustentando-as embora com o maior brilho e talento. Vacillava a camara, influenciada pelo prestigio e pela palavra do arrebatado innovador e ia sendo por elle arrastada, quando Salles Torres Homem, appellando

beça, menos isto! Depois diriam, que foram as suas mãos que me cavaram a sepultura.

— Então darei essa segunda dose ao Sr. visconde do Rio Branco. Como Bahiano da gemma, que é, para orgulho da nossa bella terra, não me ha de deixar mal.

— Deixo-o, Sr. Barros, replicou apressadamente Silva Paranhos com a sua risadinha característica, fresca, sympathica, que lhe expandia o rosto todo e logo lhe enrubecia a calva — deixo-o. Na quinta-feira passada, o Sr. me servio uma tallhada tal de melão, que tive de conversar com ella dous dias inteiros. Só a poder de muito geito foi que a levei a acceitavel accordo.

Nunca me esqueci d'esse elegante euphemismo.

VI

O anno de 1858 foi o de maior actividade de Salles Torres Homem a lutar, na Camara dos Deputados, corpo a corpo, braço a braço, para assim dizer, com Bernardo de Souza Franco, ministro da fazenda no gabinete do marquez de Olinda, formado debaixo ainda do influxo da politica de conciliação, inaugurada pelo marquez de Paraná.

Foi quem deu o grito angustioso e patriotico de alarma contra as medidas financeiras daquelle politico, que puzera em atropellada pratica as idéas mais adiantadas, aleatorias e perigosas, sustentando-as embora com o maior brilho e talento. Vacillava a camara, influenciada pelo prestigio e pela palavra do arrebatado innovador e ia sendo por elle arrastada, quando Salles Torres Homem, appellando

para grandes energias, de que não o suppunham capaz os seus melhores amigos, lhe fez frente, lhe bateu o pé, arrancando-lhe por fim a palma do triumpho e obrigando o ministerio todo a demittir-se, secundado na longa e cansativa campanha por Sergio Teixeira de Macedo e Teixeira Junior, este menos certo na orientação que devia seguir.

Ao lado de Souza Franco, batia-se com denodo o barão de Mauá, apregoando as vantagens da pluralidade dos bancos e o direito lato de emissões.

Vale bem a pena compulsar-se o volume dos Annaes da Camara relativos a esse tempo. Enchem-no as irradiações da superioridade de Salles Torres Homem, como orador parlamentar e economista. A cada momento, o ministro da fazenda o declarava vencido, anniquillado e lá voltava elle á carga e proseguia na tarefa de ardente opposicionista, a bem dos interesses da patria que periclitavam, abalando as convicções dos deputados mais chegados ao gabinete, agitando a opinião publica e fazendo penetrar benefiço sobresalto em todos os espiritos.

Esse periodo do ministerio Souza Franco foi o *encilhamento* da época, encilhamento, já se sabe, rudimentar, modestissimo, como que timido e assustadiço ensaio e não essa espectacular e miseranda realidade que illuminou os primeiros passos da Republica, levando-a pela senda dos mais inconcebiveis desvarios, estragando tantos caracteres, desvendando tamanha degradação, malbaratando a fortuna publica e particular e a todos legando, a titulo e no afan de angariar adhesões e sympathias para o regimen que se inaugurára no meio do pasmo e da inconsciencia do povo brasileiro, males que persistem e difficilmente encontrarão remedio e lenitivo.

Dous annos de orgias financeiras, na phrase do Sr. Quintino Bocayuva.

Salvador da melindrosa situação foi Salles Torres Homem, em 1859, já então ministro da fazenda, depois da quebra estrondosa do banco Agrícola e do quasi mortal estremecimento do Rural e Hypothecario, além do esboroamento de casinhas de credito, que desapareceram como choupanas mal esteiadas em dias de violenta enxurrada.

Ah! quem nos dêra um homem desses no longo trecho de vida social, em que tanta gente, cansada de ser pobre, intentou conquistar de roldão e em frenetico e cynico assalto, a posse da riqueza, da opulencia!

Que thesouro para uma nação, para milhões e milhões de entes, uma voz tão poderosa e convencida, uma intelligencia daquella ordem, uma palavra dessas de tanta sciencia, inspiração e auctoridade!

Teria, porém, sido ouvida e acatada no meio do estrondeante fragor daquelle desapoderado temporal de ganancia, sofreguidões e vesania, que se desencadeou sobre este pobre Brasil, tudo confundindo e derrocando e a todos conturbando?

Onde o respeito á liberdade e ás expansões da opinião publica, real, serena e magestática, no tempo do imperio e logo abafadas, sem vislumbre de escrupulo e com desprezo postergadas, supprimidas desde os primeiros albores desta pretendida aurora da democracia de barrete phrygio, pois a tínhamos coroadada do resplendente diadema imperial?

Para encarrear o paiz pela senda de tal ordem e progresso, em rumo á suspirada dictadura *scientifica*, segundo o catechismo comtista, só mesmo a oppressão e o látigo, o terror e a violencia, a escarninha indignidade das urnas, as farças eleitoraes, o empastellamento das typographias, o amordaçamento da imprensa por decretos fulminatorios, o nojento regulamento Alvim, os horrores do Desterro, a pa-

vorosa tragedia do kilometro 65, além das canibaeas degolações do Rio Grande do Sul e das satanicas mutilações de cadaveres, nessa decantada integração da America meridional, de que eramos applaudida e admirada excepção aos olhos das nações civilisadas, que de nós se desviaram equiparando o amado Brasil a todas essas republiquetas que o cercam e odeiam, irrequietas e convulsionadas pelo incessante sopro de sangrentas e interminaveis revoluções, mas todas ellas, segundo promessas seculares, sempre em vespersas de formosa, definitiva e inabalavel organização democratica, a bem da felicidade consolidada, perpetua e paradisiaca dos povos!

Rutilante, de certo, o objectivo; alcançal-o porém... eis a questão.

Até lá aproveitem os que puderem, audaciosos e espertalhões.

Tambem, que rictus de escarneo, de sardonica altivez e pungente sarcasmo contorce os labios do socialismo e da anarchia, a surgirem como tenebrosos phantasmas!

Que fulvos relampagos de indignação e ancia de vingança desferem os seus olhos tôrvos, cheios de inexgotavel odio e atra amargura!...

VII

Em meados do anno de 1868, tornou-se Salles Torres Homem causa da grande e tão fallada inversão politica, que então se deu no Imperio.

Havendo, a poder de grandes esforços do partido conservador da provincia do Rio Grande do

Norte, conseguido occupar o terceiro lugar da lista triplice apresentada á escolha do Imperador, foi elle o preferido para preencher a vaga senatorial, com preterição de um dos dous candidatos liberaes mais votados. O gabinete Zacharias, que punha em duvida até a legitimidade da posse desse terceiro lugar, á vista de protestos de não poucas mesas eleitoraes, deu-se por offendido, vendo no acto da corôa signal de formal desconfiança e inaturavel acinte.

Disseram, então, que D. Pedro II, procurando arredar qualquer motivo de descontentamento por parte do marquez de Caxias, o qual, nos campos do Paraguay e ainda em Tuyuty, defronte de Humaytá, ás claras se mostrava desgostoso com a direcção dada pelo governo ás cousas da guerra, aproveitára habilmente aquelle ensejo aberto em favor de politico tão illustre como era, sem duvida, Salles Torres Homem, fazendo por isso questão da sua regalia constitucional da plena liberdade de escolha, regalia reconhecida incontestavel por varios publicistas de nota, mas por outros fortemente atacada.

Cahiú, pois, a situação liberal, inaugurada em 1865, pelo marquez de Olinda á frente do ministerio chamado das aguias e mantida desde 1866, verdade é um tanto modificada com a sua nova feição de *progressismo*, que os *historicos* com furor guerreavam, por Zacharias de Góes e Vasconcellos, substituido a 16 de julho de 1868 pelo visconde de Itaborahy, na pasta da fazenda e na presidencia do conselho de ministros.

Que sessão tempestuosa a da Camara dos Deputados no dia do comparecimento do gabinete conservador! Que formal e indignada recusa ao seu simples pedido das leis de meios para poder continuar com a guerra externa e desafrontar os brios nacionaes! Ao velho e respeitado Rodrigues Torres lançavam

em rosto — accusação que, mais tarde, o proprio sobrinho, Candido José Rodrigues Torres, reproduziu na tribuna — as suas conhecidas palestras na Europa e sympathias manifestadas antes a bem da immediata paz a fazer-se com o presidente do Paraguay, Solano Lopez, opiniões que pareciam e deviam ser sinceras, mas de momento e radicalmente transmudadas em urgencia de luta a todo o transe, pelo sempre vigilante e irresistivel *poder pessoal*. José Bonifacio em arrebatado e violentissimo discurso, no qual o sotaque paulista mais accentuava a tremenda e eloquente profligação, verberou com inexcédível desabrimento e fogosidade o proceder da corôa e mais ainda o dos ministros presentes, a quem, nem mais nem menos, capitulou de *importunos hospedes da meia noite, legitimos gatunos, armados de gazia para chegarem á conquista do poder*.

Não foi pequeno o abalo produzido em todo o paiz pela peremptoria dissolução de uma camara que apoiava quasi unanimemente o ministerio, embora essa mesma circumstancia de incondicional assentimento a tivesse bastante desmoralisado perante a opinião publica, sobretudo depois que o proprio Zacharias, com a maior sem cerimonia, a appellidára de *simples confraria de pedintes*.

Em todo o caso, foi com Salles Torrem Homem que o Imperador exerceu, pela ultima vez, o seu direito exclusivo e intangivel de escolha entre os tres nomes que compuzessem a lista senatorial.

Dahi por diante, attendeu sempre á conveniencia partidaria do momento e ao voto do ministerio, o qual timbrava por seu lado, quando esses tres nomes eram de correligionarios, em nada objectar á indicação do monarcha.

E ainda assim, uma occasião houve em que o Imperador julgou dever recuar de decisão tomada,

bem que parecesse ter sido no assumpto dada a palavra ultima e irrevogavel.

Foi em começos de 1871, após a apresentação da relação trinominal, para preenchimento de uma vaga a senador pela provincia de Alagoas.

— Escolho o Sobral, disse ao visconde do Rio Branco, o segundo da lista; caso não seja do desagrado do gabinete.

E o presidente do conselho de ministros concordou, não vendo nisso inconveniente de maior vulto.

O conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, porém, na pasta dos negocios do imperio, levado por considerações de peso, em vespervas da operosa questão servil na camara dos deputados — e ahi os seus serviços foram muitos, inolvidaveis a sua energia e influencia em animar e conter a pequena maioria de que poudo, afinal, dispor o gabinete 7 de março — João Alfredo julgou dever contrariar o acordo proposto e acceito e já de alguns sabido, pediu a substituição do nome preferido pelo de Jacintho Paes de Mendonça e conseguiu, aliás sem difficuldade, fosse escolhido, a 27 de abril d'aquelle anno de 1871, esse politico, fallecido depois de proclamada a Republica, segundo cremos, sem grande segurança, entretanto.

Com certeza, o outro não pertence mais ao numero dos vivos, Sobral Pinto, bom e modesto velhinho, deputado geral tambem, apaixonado por musica, melomaniaco até. A dissidencia conservadora, uma vez travada a terrivel lucta com a proposta da lei do ventre livre, buscou por todos os meios chamal-o a si, explorando aquelle facto; mas, depois de verificar a inutilidade dos seus esforços e a lealdade com que elle se conservava superior ao despeito e ao resentimento, ridicularisou-o quanto possivel, inti-

tulando-o *maestro Sobrali* e contando a seu respeito anedotas chocarreiras.

Hoje, passados tantos annos e accidentalmente, experimentamos sincero prazer em prestar homenagem ao character d'aquelle homem, que se portou, em melindroso periodo, com a maior correcção e hombridade, vendo embora escapar o ensejo unico da suprema investidura politica no passado regimen.

Quantos, em contraposição, não deram largas ao orgulho malferido, não obedeceram aos estímulos de legitimo furor, que, não raro, chegou á exasperação, e não representaram bem triste papel, enxergando, depois, em todos os actos do soberano desfeitas directas á sua pessoa, demonstrações até de inveja e odio individuaes?

Seja nestas linhas lembrado com honra o nome do despretencioso e fiel Sobral Pinto.

VIII

Temos pressa, porém, em contemplar Salles Torres Homem a 5 de setembro de 1871 na tribuna do senado.

Nem estas singelas *Reminiscencias*, atiradas ao papel, segundo o repentino capricho da memoria, têm sequer pretensões aos mais ligeiros e mal esboçados apontamentos biographicos.

Voltando os olhos para traz de nós, a contemplarmos os plainos e regiões que nunca mais poderemos palpilhar, chegados quasi ao cume da montanha que representa a vida e de cujo cimo só vemos tristezas e saudades, deixamos a esmo, que a recordação de um facto suscite a lembrança de outro e

ainda outro, sem mais designios do que fallarmos de épocas idas, em que todo o brasileiro, qualquer que seja o modo actual de pensar, não encontra senão factos e cousas, de que a sua alma e o seu coração de patriota hão de por força tirar razões de não pequena ufanía e bem justificado desvanecimento.

Não encerra, com effeito, o legado da monarchia nada que seja deprimente e de desdouro para a nação. Muito em contrario os exemplos que diariamente se citam no seio do Congresso, as referencias e confronto só servem para a glorificação das instituições, em tão má hora subvertidas.

Verdade é que a atmosphera carregada de violentas e hypersthenisantes emanações, desenvolvidas e accumuladas pelo modo conturbador e agitado do viver republicano, superexcitando todas as funcções do organismo pensante, acordando as mais exaggeradas e intensas paixões, insufflando-lhes perigoso incremento e assim propulsando os entes sobre quem ellas actuam aos mais inesperados e aleatorios designios e resoluções, torna os homens tão injustos e obcecados!

Quão profunda e eternamente verdadeira a conhecida exclamação de Mine. Roland, ao passar, caminho da guilhotina, pela estatua da Liberdade: O' deusa, quantos crimes, quantos disparates em teu nome!

E da maneira inconsciente e cruelissima de agir em prol dos pretendidos direitos e ideaes democraticos, ficou como documento irrecusavel a fremente murmuração, entre dentes cerrados, do sanguinario Robespierre, a assignar, soffrego, interminavel rol dos que deviam, no dia seguinte, subir ao cadafalso — velhos, mulheres innocentes e simplesmente suspeitos: — «Pudesse eu assim dar cabo de todos os tyrannos da terra» quando, a iniciar-se a purifica-

dora faina, deveria a propria cabeça ser a primeira a rolar no chão!...

Vem a pello lembrar humoristica fantasia de Julio Verne que bellamente se póde applicar a certo paiz bem nosso conhecido.

A uma povoação da Belgica, pacata como ellas sóem ser e, desde os mais remotos tempos, no gozo absoluto de vida feliz e tranquilla, chegou um velho e irrequieto sabio, disposto a estender as suas experiencias scientificas a populações inteiras, operando em larga escala e dando dilatada pratica aos seus ensaios de laboratorio.

Para tanto montou grandesapparelhos destinados a produzirem oxigenio em abundante e continuo facto e, numa bella manhã, começou a projectar e diffundir enormes porções daquelle gaz vivificador na atmosphaera da bonachã e morigerada cidade.

Dalli a pouco tambem mudou radicalmente a sua feição moral.

Os paxorrentos e pesadões burguezes de sempre sentiram-se possuidos de estranho influxo, todos colicos, implicantes e valentões; brigaram logo com as mulheres, que lhes deram o troco em regra, bateram nos filhos que protestaram com insolita altaneria e furiosos sahiram á rua, anciando por expandirem o repentino humor violento e sobretudo bellicoso.

Por todos os lados se encontrava gente na mesmissima disposição a bradar e gesticular como energumenos, cousa nunca vista até então, mas que a ninguem causou o menor reparo.

Reunido numa das praças um grupo dos mais exaltados e sujeitos á instigação de desconhecido frenesi, levantou-se um só grito ingente, atroador: Abaixo o burgomestre! E, acto continuo, armando-se como puderam, foram os taes superoxygenados, e, no meio de inconcebivel algazarra, depôr o bom e

idoso magistrado, que, a contento de todos, soubera, por muitos decennios, dar segura, honesta, desinteressada e digna direcção ás cousas publicas.

Como osapparelhos do mephistophelico sabio não funccionavam ainda bem, havia suas intermitencias, de maneira que a massa popular, nessas lacunas, cahia de vez em quando em si e deplorava os excessos commettidos; mas lá vinha mais forte lufada de gaz e recomeçava a consequente e incoercivel phlogisticação.

Buscaram alguns defender o burgomestre e impedir a sua quêda, mas cousa frouxa e quasi platónica, pois ninguem tinha sequer canivete em casa e com algum cabimento reza um proverbio de lá — não se dão soccos em faca de ponta.

Uma vez por terra o chefe, innumeros, quasi todos, todos até, pretenderam o logar. Crescia a basofia em proporções assustadoras. Ninguem achava idoneo para esse primeiro cargo senão a si; os mais não passavam de ambiciosos vulgares, de legitimos asnos. Elle, sim, faria a felicidade do povo; elle, sim, levaria a terra natal num apice, ao pinaculo da gloria, manteria com mão de ferro a ordem, comprimindo a anarchia que já dava de si tantas e tão aterradoras mostras e fomentaria, com ponderoso equilibrio, o progresso — sempre ordem e progresso.

Para isso pedia, porém, medidas de energia e de maximo rigor para conter tumultos, resistencias, conspirações; propunha a dictadura efficiente, brutal e sem rebuços, até poder dar-lhe a feição scientifica.

Desse encontro de interesses, provieram discussões, vias de facto, rixas, luctas, em que não tardaram a figurar arcabuzes e mosquetões mandados buscar de outras localidades e logo após, como prova de tão apregoado progresso, espingardas modernas de repetição e bons revolvers inglezes. Dias depois,

já se viam duas vistosas metralhadoras Nordenfeld assestadas num dos mais importantes largos e guardadas por partidários de importante candidato á vaga de burgomestre.

Dalli por diante iniciou-se uma existencia de todo o ponto anormal, vertiginosa, impossivel. Todos mandavam; todos buscavam, sobretudo, viver á custa de erario publico; ninguem mais trabalhava ou tomava ao serio as suas obrigações. O dinheiro era pouco para andar-se armado até aos dentes, o tempo escasso para blasonar-se de espirito adiantadissimo, em perenne holocausto a bem do povo, só delle!

E que infatuação, que jactancia! Com effeito, o tal excesso de oxygenio fazia diabruras, cousas do arco da velha!

A declaração mais ôca e pueril substituiu, em todos os terrenos, a realidade dos factos, que entrava, contudo, pelos olhos, os estava furando. Se se representava, a galope, qualquer opereta no theatrinho do logar, se se expunha a menor aquarella de ingenuo principiante, se se publicava, a trouxemouxe, uma brochurasinha, eram logo brados, urros de enthusiasmo: «Vejam a indiscutivel influencia, tão fecunda, levantada e generosa da nossa nova organização social; admirem o seu influxo creador, estupendo, inacreditavel, nas lettras, na musica, nas bellas-artes! Contempla-nos agora o mundo inteiro com pasmo e inveja! Como se rõe de despeito! Venha, porém, atacar-nos, em ponto de simples melindre, qualquer potencia, por mais poderosa que se julgue, e havemos de mostrar-lhe para quanto prestamos! Ah, não somos mais os dorminhocos de outr'ora; temos hoje armas a valer e sabemos afinal o que seja liberdade, a santa liberdade!»

No entanto, cada qual procurava opprimir quanto possivel o visinho.

Todos os dias se empastellavam typographias de jornalécicos incendiarios e a se degladiarem virulentamente; a cada hora se ouviam tiros e descargas pelas ruas e eram recolhidos ás ambulancias gente e manifestantes de cabeça partida e ossos quebrados ou traspassados por balas fraticidas, tudo isso no meio de incessantes pedidos e hypocritas implorações: paz, paz, meus amigos, adorados irmãos! Paz! Saibamos gozar deste delicioso regimen!

Qual! a pancadaria continuava sempre; e os baques das bordoadas ecoavam longe.

Fallou-se, então, insistentemente na divisão da cidade em multiplos quarteirões de todo independentes, cada qual com as suas leis, tribunaes, organização, sellos, bandeira altiva aos ventos desfraldada! Que loucura, objectaram alguns, poucos, rarissimos; caminhamos assim para o esphacelamento insensato, a pulverisação, a vergonha insanavel!

Que asneiras! replicou em berros a maioria. Mais vale a felicidade do povo — por quem nos sacrificamos — em recantosinhos de territorio, do que a desventura a dominar grandes massas! Demais — e esta razão os ha de convencer — assim se cream e se abrem mais logares de burgomestre e cada um de nós o que quer é pôr-se á frente do movimento moralizador que ha de levar os nossos caros concidadãos a realisarem todas as suas esperanças, fazendo-os alcançar o objectivo que collimam como intermeratos democratas, inimigos de todos os abusos e das detestaveis e degradantes vassalagens antiquadas e incompativeis com a evolução civilisadora. *Le monde marche!*

Dous quarteirões até, embora ainda não separados e autonomos, já se preparavam para cruenta guerra, em que se promettiam horrores sem nome pela exacerbação dos animos, fuzilamentos a rôdo,

degolações e mutilações de cadáveres, além dos saltos forçados dos prisioneiros em abysmos sem fundo, quando... de repente se deu formidável explosão, que abalou a cidade toda de um extremo a outro e fez aluir os edificios e casas menos solidas.

Era o immenso laboratorio do terrivel velhinho, que fôra pelos ares levantando por elles afóra o satânico experimentista e innovador.

De subito, tambem, voltaram a calma e a razão aos ludibriados burguezes. Relancearam os olhos em torno de si e só viram escombros e ruínas. Tantos, tantos destroços, em tão pouco tempo!

Foi um máo sonho, um pesadello, exclamaram apavorados, attonitos! Mas ahí quedavam sinistros, pavorosos, os innumerados assignalamentos materiaes da destruição e da miseria!

Ah! o burgomestre estava bem vingado!

Voltemos, porém, a Salles Torres Homem, que havíamos deixado, a 5 de setembro de 1871, na tribuna do Senado.

IX

A 5 de setembro de 1871 respondia Salles Torres Homem a Zacharias de Góes e Vasconcellos, o qual, na véspera, 4, encetára em segunda discussão o debate sobre a proposta do gabinete Rio Branco, pronunciando-se contra ella, com desgosto dos collegas liberaes do senado e estranheza por parte da opinião geral, tanto que, no primeiro momento, houve duvidas se elle accetava ou não a idéa capital, liberdade do ventre, e em seu favor votaria.

Viéra da Camara dos Deputados o projecto do

governo, prestigiado pela mais gloriosa campanha parlamentar, de que, por certo, dão noticia os Annaes daquella casa.

Levantára-se o Rio Branco a alturas immensas pela serenidade inquebravel, irresistivel eloquencia e estupendos recursos oratorios, que desenvolvera, muito além das esperanças dos seus maiores admiradores.

Não fosse elle, não tivesse empregado tamanho esforço pessoal, patenteado tal fecundidade de meios na tribuna, posto em jogo tão extraordinarios elementos de acção, a agitar os espiritos dentro e fóra do parlamento: não se houvesse collocado em amplitude inalcançavel, acima de todos os obstaculos e desgostos que o não pouparam até na vida intima, exactamente no momento mais encarniçado da lucta, e o projecto de lei teria com certeza baqueado, houvera sido repellido por não pequena maioria. Eis o que fez a sua gloria; eis o que cercou o seu nome de aureola sempre fulgente. Tornou-se gladiador unico a arcar contra muitos e dos mais habéis e resolutos pelejadores; valeu por uma phalange, por uma legião.

Tambem, rarissimas vezes em qualquer parte do mundo, quer na historia antiga, quer nos fastos modernos, a intelligencia humana, como providencialmente superexcitada, conseguiu um desses triumphos, victoria tão assignalada, tão completa!

No Senado, quem logo, de prompto, deu golpe de morte ás resistencias que se preparavam, suscitadas por politicos da maior auctoridade e experiencia, foi Salles Torres Homem, com um discurso perante o qual tudo o mais empallideceu.

Mas, tambem, que oração! Deveria, já ha muito, estar figurando nos livros das escolas, como monumento litterario e philantropico, estímulo ás grandes

idéas, instigações de mais alto valor moral para as novas gerações.

Nada pior, nada mais perigoso, esterilizador e nefasto do que buscar, com irritante e, aliás, inútil e infantil afan, apagar o passado, obscurecel-o, dal-o como não tendo existido, quebrar o fio das tradições honrosas, implantando no espirito e no coração da mocidade indiferença e pouco caso, até desprezo, por tudo quanto teve o Brasil, durante longos e venturosos decennios, de alevantado, nobre, dignificante. Quão ridiculo o tacanho empenho em chamar D. Pedro II simplesmente de Pedro de Alcantara, ou então, com affectado menospreço de ex-Imperador, como se a qualquer fôra possível estar, a seu talante, fazendo e desfazendo a historia!

Tudo isso, demais, além de mil tolices e tetricas extravagancias, já foi usado á saciedade, posto em pueril, mas horrorosa pratica, nos tempos do Terror em França; e Taine, o critico perante o qual todos abatem armas, já dissecou em regra esse sangrento, nojoso e grotesco periodo da vida social franceza, que tanto prejudicou, perverteu e afinal aniquilou os grandes ideaes e as nobillissimas aspirações de 89, em detrimento não só da patria, como da humanidade inteira.

X

Ouvimos Salles Torres Homem proferir do Senado aquelle logo celebre discurso, velada infelizmente a voz do inspirado orador, pela respiração anciada e sybillante que só lhe consentia a asthma, já então bastante adiantada e complicada com pheno-

menos cardiacos. No fim era legitimo gaguejar, que mettia dô aos que estavam suspensos dos seus labios:

— Tambem, observou com a costumeira causticidade Zacharias, nunca o homem se apresentou em publico com espartilho tão apertado!

Ao terminar, na esplendida peroração, já elle não podia mais. E, apesar disso, naquelle recinto tão pouco affeito a manifestações ruidosas, resoavam os bravos, amiudavam-se os calorosos signaes de incomprehensível applauso.

Nem resistimos ao impulso de citar alguns trechos, evocando as impressões daquelle radioso periodo da nossa vida nacional.

Tão poucos o conhecem hoje!

«Senhores, exclamou Salles Torres Homem após breve exordio, depois de longo tempo de trevas e de cegueira de todos nós, chegou uma época em que a instituição da escravidão compareceu perante a consciencia do povo brasileiro tal qual ella é, circundada das luzes que deviam illuminar todas as faces desse flagello, produzindo nas idéas e nos sentimentos uma revolução lenta, porém que nunca se interrompeu, que proseguio sempre, adquirindo forças em seu caminho.

«Foi essa revolução moral que ha 20 annos contribuiu efficazmente para a effectiva suppressão do trafico, o qual nem os cruzeiros, nem os recursos do primeiro poder maritime tinham podido supprimir. Essa revolução é a mesma que hoje bate ás portas do parlamento, exigindo instantemente o complemento da obra de civilisação.»

Fallando das fontes de perpetuidade da escravidão, em formoso rapto, que, de todos os lados, provocou bravos:

«Ao longe, disse, arrancava o trafico nos sertões africanos, em que tudo é silencioso, o filho selvagem do gentio, victima de guerras barbaras, de que

não tínhamos noticia, para o trazer ao mercado de carne da lavoura. O outro processo não é menos atroz: esperam-se ás portas da entrada da vida as creaturas novas que apraz á Providencia enviar a este mundo e ahí são recrutadas para o captiveiro, embora nascidas no mesmo sólo, junto ao lar da familia, em frente ao templo do mesmo Deus e no meio dos espectaculos da liberdade, que tornavam mais sensiveis a sua degradação e miseria.»

E, levantando quanto possivel a voz, proferio estas bellissimas palavras, que em todos causaram a mais viva sensação:

«É, senhores, a pirataria exercida á roda dos berços, nas aguas da jurisdição divina e debaixo das vistas immediatas de um povo christão!»

Que formosissima imagem! Que largo campo de meditações abre ao pensamento!

Referindo-se á accusação da interferencia directa da Corôa, ponderou:

«Se o Imperador, como homem e como christão, associou-se a esse voto da sua patria e da humanidade com o ardor de uma consciencia piedosa; e, como rei, o amparou com os prestigios da sua posição excelsa, sem sahir da orbita constitucional, bastaria esse facto, só por si, para immortalisar o seu reinado.»

E proseguindo:

«Não será no recinto augusto do Senado, onde, a par de tantas luzes e experiencia, dominam os mais elevados sentimentos, que virei provar que creaturas intelligentes e dotadas como nós dos mesmos attributos e dos mesmos destinos não podem ser equiparadas, no ponto de vista da propriedade, ao potro, ao novillo, ao fructo das arvores e aos objectos inanimados da natureza, submettidos á dominação do homem. Doutrina absurda e execravel! Aquelles se-

res não vivem ainda; a poeira de que seus corpos serão organizados ainda fluctua dispersa sobre a terra, a alma immortal que os deve animar ainda repousa no seio do poder creador serena e livre e já o impio escravagista os condemna, os reclama como propriedade sua, já os reivindica do dominio de Deus para o inferno da escravidão.»

Ainda hoje, embora os tempos revolvidos, um brado de fervoroso entusiasmo! Que espargir a mãos cheias de rutilantes gemmas! Que appello angustioso, irresistivel!

E mais adiante:

«Senhores, o segredo da riqueza não está sómente na variedade dos climas, na uberidade do sólo, nas vantagens naturaes; ella está principalmente no interior do homem, na sua energia e aptidão, e nas leis que o protegem e desenvolvem. A ordem moral cria a ordem material á sua imagem.»

Quanto tudo isto é verdadeiro; hoje mais do que nunca!

Fôra, porém, um nunca acabar estarmos a relembrar tamanhos primores. Vamos logo á brilhante peroração:

«Milhões de mulheres, no decurso de tres seculos, muitas vezes amaldiçoavam a hora da maternidade e blasphemaram da Providencia, vendo os fructos innocentes das suas entranhas condemnados ao perpetuo captiveiro, como se fôra crime terem nascido. Agora, porém, ellas levantarão os seus braços, as suas preces aos céos, invocando a benção divina para aquelles que lhe deram a posse de si mesmas. Estas expressões de gratidão dos pobres afflictos valem mais do que os anathemas dos ricos impenitentes, mais do que os ataques dos poderosos, que não souberam achar meios de prosperidade, senão na ignominia e no soffrimento dos seus semelhantes!

Tal foi o effeito instantaneo que a opposição bradou apavorada: «Mas isto é a abolição immediata!» e o senador C. de Campos mandou á mesa a seguinte indicação:

«No dia 7 de setembro de 1899 ficará extinta a escravidão em todo o Brasil.»

Onze annos antes do prazo marcado, a monarchia e o povo brasileiro, a 13 de maio de 1888, riscaram da face da Nação essa nodosa infamante, victoriados por todo o mundo civilisado.

Mas que tremenda instituição! Nos Estados Unidos fez correr rios de sangue, armou pavorosa lucta fratricida; aqui, custou uma Corôa, a mais digna de amor e de respeito que jámais se viu, fez baquear um throno e atirou no exílio o Marco Aurelio dos tempos modernos!

XI

Entre as muitas e acerrimas accusações feitas a Salles Torres Homem — certas aventuras e leviandades da mocidade, a sua difficil e mal explicada transmutação politica após o *Timandro* e, mais do que tudo isto, o proveito que tirou das actas eleitoraes, fornicadas no Natal, disseram os seus desafectos, em casa do Dr. Gomes da Silva, depois deputado geral pelo Rio Grande do Norte — entre todas essas, figurou, com insistencia, na orbita da litteratura e da oratoria, a de flagrante e nada disfarçado plagiato.

Parece que, a principio, o que escrevia era puro Benjamin Constant e com isso concordavam os seus amigos de Paris, em 1836.

Do *Timandro*, affirmava o abalisado lente de S. Paulo João Theodoro aos seus discipulos: «As poucas paginas do *Libello do povo*, brutaes e mal enxertadas, pertencem a Salles Torres Homem; tudo o mais a Cormenin».

Se em finanças proferia qualquer discurso, que sempre causava sensação, julgavam-se não poucos auctorizados a apontar este ou aquelle auctor, de quem reproduzira, segundo affirmativa teimosa e convencida, paginas inteiras, o que assoalhavam com mais facilidade do que poderiam proval-o.

A respeito, portanto, da grande peça oratoria de 5 de setembro não faltaram as habituaes increpações.

De conhecido e ainda vivo jornalista, ouvi, nessa occasião, estas palavras:

— Combine-se o que traz Stuart Mill com o que diz P. Rossi no seu *Curso de economia politica*, e ter-se-ha o discurso inteirinho do Salles. Nesse ultimo lá está, palavra por palavra, a tão admirada phrase — *pirataria exercida em torno dos berços, nas aguas da jurisdicção divina*.

Ficou-me a asserção presente á memoria, sem ter tido ensejo apropriado de verificar o seu gráo de exactidão.

A escrever estes rapidos e desalinhados estudos, veio-me a curiosidade de saber ao certo que valor tinha.

Compulsei, pois, os dous auctores apontados e posso agora affiançar que nada menos verdadeiro.

O capitulo de Stuart Mill de pagina 280 a 286, tomo I, relativo á escravidão é todo elle escripto no tom sobrio e secco da obra inteira, nada absolutamente parecido com a abundancia e riqueza de estylo da alludida oração. Quando muito offerece algumas idéas que forçosamente haviam de ser re-

produzidas, por exemplo, que a perpetuação do captiveiro se fazia já pelo trafico, já pelo nascimento, e poucas outras.

Pellegrino Rossi, na sua 16.^a lição, de pagina 269 a 285, tomo II, é muito menos conciso, mais elegante e imaginoso no seu modo de tratar e expôr os assumptos economicos; mas, ainda ahi não se encontra senão o discreto aproveitamento de theses e opiniões geraes.

Uma ou outra approximação talvez, devido a leitura assidua — *verbi gratia*: «Sei que a causa da humanidade e da justiça não precisa ser defendida neste recinto» e o que segue, ou então algumas das considerações sobre o aviltamento que, a pouco e pouco, passa do escravo para o senhor.

Quanto á tal phrase, o trecho unico mais chegado (e tão distante comtudo!) é o seguinte:

«E é no adro das igrejas, é diante dos altares do Redemptor que levavam os infelizes e ousavam sentenciar-os, dizendo-lhes: «Não és mais um homem, porém sim uma cousa, um instrumento, uma ferramenta, uma propriedade do teu dono!»

A fórma, como se vê, é totalmente diversa, sendo a do grande orador brasileiro muito mais levantada e impressionante.

Com todo o cabimento poude, portanto, um contemporaneo perguntar em entusiastica indagação e arreouado confronto:

«Foi, algum dia, Chattam mais profundo, Burke mais ardente, Wilbe force mais humano, Demosthenes mais patriótico, Lamartine mais christão, mais sublime Mirabeau?»

XII

Estamos, na realidade, nos alongando demais, a fazermos girar recordações em torno de uma só figura. Perdem ellas assim o character que deveriam ter de leves borboletas a esvoejarem de lado e d'outro e, tocadas por subtil capricho, a esflorarem de relance variado numero de assumptos, sempre novos e attrahentes.

Esta figura de Salles Torres Homem é, porém, original e credora de especial attenção. D'elle, aliás, não existe até agora a mais singela biographia, os mais simples rascunhos a reconstituirem a sua existencia de talvez 65 annos, nada curta, portanto, nem desperdiçada e a recompõem o seu *facies* moral. Quem nos diz que estas impressões occasionalmente atiradas á publicidade por um contemporaneo, senão amigo, não hão de provocar o desejo em outrem, que melhor o tenha conhecido, de tambem se occupar com tão marcante personalidade politica e apresental-a, por modo mais seguro e completo, á serena luz da verdade?

Nada mais fazemos aqui, do que deixarmos desenrolar-se o tenue fio das recordações sem pêas, sem programma, sem formaes intenções e ainda menos cuidadosas pesquisas, sujeitos, portanto, ás muitas claudicações da memoria, quando não recorre ás fontes da consulta e revigoroamento. Fallamos do que já foi este nosso Brasil com prazer bem sincero, vivo e natural, quer pela phase de vida em que estamos entrados, quer por instigação de justiça, no confronto que facilmente se nos depara com as cousas de hoje,

muito embora, segundo disse não sei que pensador, buscar alegrias no passado nada mais seja do que procurar perfumes em ramallete murcho.

Ainda assim, fenecidas, sem a louçania de outr'ora, quasi apagados o rutilante vermelho de umas, o suave azul de outras e o verde das palmas que as circumdam, mostram essas flôres enfeixadas a summa habilidade, o vigilante zelo e estremecido carinho de quem as soubera prender com laço garrido e sólido; valem bem mais do que essas que agora já se vão sensivelmente destacando umas das outras, mal ligadas pelas fitas da federação republicana, em que se lêem as ironicas palavras *Estados Unidos do Brasil*. Verdade é, que ella só parece servir de enfeite e fiador aos côpos da pesadona espada romana, que traspassa de lado a lado a sarapintada estrella dos nossos pobres destinos!

Quiz o governo provisório fazer tudo a um tempo, quando o seu sensato e patriótico papel houvera sido nada fazer buscando ás pressas entregar os poderes discricionarios, de que se apoderára pela violencia, ao congresso, aos representantes da nação, eleitos por qualquer modo. Muito ao envez, deprimindo a dignidade nacional, procurou alongar quanto possível o periodo dictatorial, destruiu de raiz o Brasil que achára e, no meio de mil abusos, recompô-lo radicalmente desde a base até ao coruchêo, tudo sem apoio nenhum no espirito publico, nem a mais insignificante originalidade nas idéas.

Até nas minimas cousas andou não se sabe porque, senão por luxo de prepotencia a plagiar as tradições terroristas da França de 93, que a republica hodierna d'aquella nação repudia com energia, nem gosta até de rememorar. Os mais exaltados de lá não as aceitam e encampam senão *en bloc*, isto é, como acervo geral e feito o celebre balanço moral e dia-

rio de Benjamin Franklin, do bom e do máo, a ver a somma dominante das parcellas.

Com que insistencia, entre nós, se faz ainda agora officialmente questão e alarde do *cidadão*, do *vós*, do *saúde e fraternidade*, e outras puerilidades, que a republica de 48 em França tentou repor em voga, mas que irremediavelmente se afundaram no mais colossal ridiculo? O tal cidadão deveria ter sempre por complemento obrigado nomes historicos e rebarbativos, que relembrassem pomposos heróes, Bruto, Vercingetorix, Agamemnon, Theophrasto, Códro, Cocles, Scevola, Anacharsis, e realmente fórma bem singular contraste com os nossos apellidos de pacata burguezia portugueza ou com as silvestres imitações dos tempos da Independencia, Murici, Gê, Maracujá, Trapoeraba, e outros.

Quem, hoje, em Paris, se lembrasse de tratar a qualquer de *citoyen*, em vez de *Monsieur*, incorreria no maior reparo e havia logo de ser tido em conta de hirsuto typo e formidavel toleirão.

O *vós*, segunda pessoa do plural, é simplesmente intoleravel e infantil transplantação do *vous* francez, tratamento tão commodo e apropriado entretanto naquella lingua, mas especie de roupagem de rigoroso inverno, de que á força vestiram o brasileiro em ple-nos rigores de acabrunhador e bochornal verão.

Torna-se, com effeito, o nosso *vós* de difficil manuseio e por essa causa bem bons pratinhos grammaticaes temos apreciado. Na tribuna, então, augmentam os tropeços, e eis a razão por que os oradores da republica, até nas camaras municipaes, continuam a bombardear-se com os ceremoniosos Excellencias, dando ás suas discussões aroma de procedencia aristocratica, que deveria atacar, com inatural intensidade, os nervos dos genuínos democratas.

— Nunca se metta no cipoal dos *vós*, aconselhava

a alguém o velho Silveira da Motta, mestre na oratoria; a custo é que se sahe d'elle. A terceira pessoa presta-se muito mais ductilmente á formação prompta e pura da phrase portugueza.

Porque não se propoz ou melhor não se tornou de rigor, como cunho de excellente pratica democratica e igualitaria, o *você*, que corresponde tão perfeitamente ao *usted* castelhano e, em toda a parte que se falla hespanhol, é de uso tão generalisado a todas as classes e tão facil quanto o *vous* dos francezes? A macaqueação à *l'instar*, não de Paris, mas do Paris do *ça ira* e da *Carmagnole*, agradou, porém, mais aos grandes reformadores do momento, levando muita gente a ir estudar com alguma attenção a conjugação dos verbos, nessa arrevezada segunda pessoa do plural. Até agora foi o unico beneficio feito pela republica á instrucção popular, a respeito da qual se promettiam maravilhas.

Quanto a *sauíde e fraternidade*, Eduardo Prado lhe fez o summario processo, mostrando que elaborou em erro palmar quem primeiro verteu *salut* por *sauíde*, cincada de menino, de certo, bem mal preparado para os seus exames de francez. Por esse processo é que se traduz *cavale* por *cavalla* e *jument* por *jumento*, guiando-se ingenuamente pela simples e enganosa assonancia. No portuguez de lei o *sauíde*, como saudação familiar, traz logo em seguimento *bichas*. Concordemos, porém, que não fôra nada curial pôr á gravibunda correspondencia official o fecho bastante patusco de *sauíde e bichas*!

Contam — não sei se com fundamento — que o conselheiro Paulino José Soares de Souza, provedor da Santa Casa da Misericordia, intimado officialmente para acabar com o *Deus guarde* dos seus officios ao governo, mais ou menos respondêra ao ministro do interior nos seguintes termos:

— Não me é licito acceder á indicação de V. Ex., porquanto neste estabelecimento ainda ha Deus, nem se o póde dispensar no meio de tantos soffrimentos e miserias dos homens.

E acrescentou:

— Aliás, quando peço que o Onnipotente tenha em sua santa guarda a V. Ex., implicitamente faço ardentes votos pela plenitude da sua preciosa saude e lhe hypothecô a completa segurança de todos os meus sentimentos, não só de fraternidade, como de muitos outros co-relatos.

Dizem tambem que esse illustre conselheiro, convidado por uma commissão de positivistas para mudar a denominação do cemiterio de S. João Baptista no de Sul-Colombiano, replicára com toda a gravidade:

— Tomo nota da idéa; mas convém, antes da execução, saber, se os que lá se acham têm até agora motivos de queixa ou aborrecimento contra esse nome de S. João Baptista.

É, aliás, bem conhecido como homem de espirito e maneiras apuradas; em todo o caso não regateia os Excellencias.

XIII

Graças á interferencia de um amigo foi nos proporcionado o ensejo de conhecermos algo de mais intimo em Salles Torres Homem, nas expansões da convivencia familiar.

Appellando, com effeito, para a graciosa obsequiosidade do conde de Araguaya pudemos ter, por não poucos dias, em mão, dezenas e dezenas de car-

tas dirigidas ao seu illustre pae, o melhor companheiro de mocidade de Salles desde os tempos de Paris, o eminente escriptor Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois visconde de Araguaya.

Ninguem ignora o valor que hoje se dá na Europa a documentos d'essa ordem, á correspondencia particular d'aquelles que um tanto se salientaram no scenario publico e social. Nada se desperdiça, nada se põe de lado, afim de esclarecer devidamente a critica, desvendando-lhe aos olhos perspicuos os estados d'alma de quantos podem merecer alguma attenção da historia e da posteridade.

Infelizmente, essas cartas de Salles Torres Homem são demasiado curtas e com insistente exclusivismo tratam dos negocios e de uma demanda do amigo, de quem foi sempre procurador no Rio de neiro. Ainda assim d'ellas extractamos não poucos topicos impressionistas e curiosos.

Eil-os por ordem chronologica:

7 de fevereiro de 1859. — Recebi a sua obra *Factos do espirito humano* e achei-a de muito merecimento, bem que discorde das theorias expostas em alguns pontos. Propunha-me a escrever sobre ella uma série de artigos, mas um incommodo de asthma que me affligiu quasi todo o anno não permittiu dar-me a esse trabalho. Veiu, pois, a pesada carga do ministerio ⁽¹⁾ e... lá se foi o meu projecto.

23 de Novembro de 1866. — Meu saudoso amigo. — Muito lhe agradeço as expressões de amisade, com que foi acolhida a noticia dos meus despachos.

(1) Ministerio de 12 de dezembro de 1858, presidido pelo visconde de Abaeté. Durou até 10 de agosto de 1859, substituido pelo gabinete Angelo Moniz da Silva Ferraz. Salles teve por companheiros Sergio Teixeira de Macedo, Nabuco, Paranhos e Manoel Felizardo. Foi segunda vez ministro no gabinete S. Vicente de 29 de setembro de 1870 a 7 de março de 1871.

Continuo triste e cheio de apprehensões sobre o futuro do nosso paiz. Deploravel é a situação presente, e tudo faz receiar que o progresso do mal tão cedo não pare. Tenho lido e ouvido, que, muitas vezes, Deus intervem nas causas humanas para punir os individuos ou povos. Era em mim uma crença vaga, mal definida e sujeita a muitas duvidas. Mas, desde certo numero de annos, estudo attentamente, desse ponto de vista de castigo providencial, os acontecimentos, e o resultado das minhas meditações feitas sem prevenção tem sido radicar-se fundamente em meu espirito essa convicção.

Sem ella, é impossivel conceber e explicar a série não interrompida dos desatinos que nos cercam.

Entretanto, aos responsaveis não tem faltado illustração, moralidade e patriotismo necesarios para deixar de commettel-os — A guerra do Paraguay continua sem probabilidade alguma de proxima terminação.

O marquez de Caxias para lá foi, rodeado do prestigio que se deriva da confiança depositada em sua pericia militar e felicidade pessoal — Ando tão atarefado com as reformas do Banco do Brasil que ainda não me foi possível ler o poema do nosso Porto-Alegre. Sinto vergonha de lhe escrever antes da leitura, mas espero brevemente ter esse prazer. Ah! meus bellos tempos de litteratura!

26 de outubro de 1868. — Approxima-se a guerra do seu fim; mas quando se está tão caipora quanto o Brasil, o fim é tão longo como o principio. Continuo adoentado, descontente de tudo e mais de mim mesmo. Engolfo-me cada vez mais na leitura; mande-me, pois, as publicações interessantes e instructivas que apparecerem pela Europa, sobre finanças, industria e administração.

24 de dezembro de 1868. — Vivo por aqui sempre mal disposto de saúde e displicente, embora a disfarçar mil causas de intenso aborrecimento e tédio, quasi desgostos. D'esta vez, porém, as noticias da guerra são magnificas, chegadas ante-hontem. Villeta foi tomada de assalto, o exercito paraguayo completamente derrotado, Lopez em fuga, deixando 3.000 prisioneiros e abandonando Angustura com todo o material de guerra. Para tal resultado, que parece o fim da longa campanha, foram precisas sanguinolentas batalhas, em que durante tres dias, tivemos perdas sensiveis. Esperamos a toda a hora noticia da occupação de Assumpção. Se a guerra, porém, termina, infelizmente não termina a anarchia moral e politica d'este Brasil.

Immensas, quasi invenciveis, são as difficuldades com que temos de lutar. Quaes os culpados? Não teremos, todos nós, a nossa parte de responsabilidade na exagerada independencia de acção de que quize-mos sempre e queremos gozar?

— O Paranhos elogiou a economia com que você deu um esplendido jantar diplomatico, que não custou mais de 60 libras.

25 de janeiro de 1869. — Parecia definitivamente ultimada a guerra, depois que Lopez tudo perdera, exercito e material de ataque e defesa nas terriveis batalhas de Villeta, Angustura e Lomas Valentinas. Suppunha-se que fugira para a Bolivia e não havia noticia de soldados reunidos em ponto algum do Paraguay. Trazem, porém, hoje as folhas que Lopez se embrenhou na Cordilheira com 1.500 homens e acompanhado do ministro americano Mac-Mahon, o qual travára relações intimas com aquelle monstro, desde que chegou ao Paraguay. Com effeito, foi esse ministro visto ao seu lado, nas fortificações, antes da derrota.

Ninguém imaginaria, comtudo, que o representante dos Estados Unidos levasse a sua dedicação á pessoa de Lopez a ponto de transferir a legação para as mattas das montanhas. Tal é poder do ouro roubado aos infelizes paraguayos! — Veio isto augmentar o prazer do triumpho das nossas armas, que parecia garantir-nos paz immediata — O marquez de Caxias, que a opposição liberal procurou por todos os meios aviltar (quanta cegueira partidaria!) elevou-se a grande altura nos ultimos embates que aniquilaram o exercito inimigo. A sua pericia igualou a sua bravura, pois, tendo sido feridos os seus loco-tenentes, teve elle de conduzir pessoalmente ao fogo os batalhões e dirigir os assaltos sob um diluvio de metralha.

25 de agosto de 1869. — Dizem-me as suas cartas que V. está desesperado com meu silencio. Começa agora uma série extraordinaria de respostas minhas, que servirão de indemnisação a tanta impaciencia.

Voltam a ser boas as noticias da guerra. O Lopez foi desalojado das fortificações de Ascurra e obrigado a fugir com os destroços da sua gente.

O principe, que commandou o assalto do Peribebuy, ia-lhe no encalço e espera-se aqui que breve o encontre — O Paranhos conserva-se ainda em Assumpção, enthronisando o simulacro do governo nacional.

— Quanto a mim não vou nada bem, e este facto, reunido ás minhas philosophias sobre as cousas d'este mundo, traz-me desconsolado de tudo — Adeus, já vae longa esta carta para um pobre asthmatico.

24 de novembro de 1869. — Recebi a sua carta, perfumada com a quintessencia da soffreguidão — A

minha saída do Banco do Brasil, que fui adiando durante sete mezes para condescender com as rogativas da directoria, não teve outra cousa mais senão o meu estado de saúde, a qual de todo se arruinou com aquella occupação e com o aborrecimento da vida de banqueiro, que não estava nos meus gostos e hábitos litterarios.

7 de março de 1873. — Suppõe talvez você que por não lhe escrever, já me esqueci do velho e bom amigo. Está muito enganado, meu rabugento Domingos. Mil vezes o recommendei ao Correia e delle tinha promessa formal que, quando houvesse alguma viravolta no corpo diplomatico, seria você mudado para a Europa — Pronunciei ha dias, no Senado, um discurso sobre a reforma eleitoral que produziu immensa estrallada e excitou o *enthusiasmo* dos meus adversarios politicos.

— No meio de tudo isso, continuo sempre adoentado e estou resolvido a ir, em maio proximo, procurar algum allivio na Europa. — Não encontro mais illusão nem prazeres neste mundo e passo o tempo a meditar nos problemas do destino do homem e na vida futura. É um trabalho constante e cansativo do cerebro. Quanto mais reflecto e me absorvo, mais ignorante me acho, mais augmentam as trevas e se condensam em torno dos meus pensamentos, em vez da luz que eu desejára poder lobrigar, longe, longe que fosse! A scintillação unica que enxergo é a que irradia das idéas eternas de justiça e do bem em si e que illumina o caminho unico, por onde se póde chegar a Deus.

De volta da Europa e sem data. — Aqui acabo de chegar de Paris, para onde fui em busca de alguma saúde, e d'onde regresso sem ella. Desculpe ao

maior preguiçoso, que jámais appareceu ao mundo, não ter em tempo avisado a você — Grande desanimo, meu bom amigo!

A 8 de junho de 1876, escrevia Manuel de Araujo Porto Alegre, depois barão de Santo Angelo, de Lisboa ao visconde de Araguaya: — Caro amigo, eramos tres; agora somos dous! Fallei com o nosso Salles aqui, quando elle passou no *Guadiana* e achei-o de physionomia flacida, rosto afogueado. Disse-me que não dormira um só instante de S. Vicente até cá. Despedi-me para nunca mais vel-o na terra. Consola-me, que as ultimas palavras que de mim ouviu foram todas de gratidão e saudade! Que bella e firme amizade perdemos! Faz-nos immensa falta, pois para para nós dous foi constante sentinella, sempre alerta!

A 3 de junho de 1876 falleceu de uma syncope cardiaca Salles Torres Homem, visconde de Inhomerim num aposento de hotel, em Paris.

Encontraram-no morto, sentado diante de uma secretaria, com a penna na mão sobre tiras de papel em branco, a cabeça erguida, os olhos fitos no tecto.

Com toda a propriedade, podia-se-lhe applicar a bellissima phrase de Mello Mattos a outro eminente parlamentar Gabriel Rodrigues dos Santos: «Morreu na attitude do pensamento».

IV

JOSÉ DE ALENCAR

I

Levou José Martiniano de Alencar aos domínios da politica o indiscutível assignalamento da sua preeminencia intellectual, dos multiplos dotes de mentalidade excepcionalmente vigorosa, fecunda e omnimoda que de tanta luz lhe aureolou a vida.

Não foram, contudo, auspiciosos e promettedores os seus começos na tribuna parlamentar, principalmente para quem a ella subiu com a reputação já feita de notavel publicista, e até jurisconsulto, realçada, no sentir de alguns proceres politicos, ou amesquinhada, no conceito do maior numero delles, pelo renome de inspirado romancista e applaudido dramaturgo, triumphos que depois se lhe atiraram em rosto, como adiante veremos.

Dado a habitos de concentração e fugindo ao que elle chamava *populacidade*, de estatura pouco elevada e sem caracteristica ou qualidade physica, que o impuzesse á attenção publica, com um todo, pelo contrario, repassado de timidez, que jámais poudé totalmente perder, de compleição franzina, barbado demais para as feições miudas e delicadas, dispondo de orgão pouco extenso e sujeito a velar-se de repente pela fraqueza do larynge e debilidade dos

pulmões, sem gesticulação larga, antes constrangida e inexpressiva, não parecia destinado e desempenhar papel subido e influente no mundo político pela oratoria.

Nem era desses que se deixam arrastar pelas emoções do momento e se sentem irresistivelmente impulsionados a externar o que lhes vai n'alma de prompto agitada, a fallar e a fazer, pela energia dos seus argumentos, prevalecer as suas opiniões e vontades, os seus impetos e intuitos.

Costumava orar com a cabeça um tanto pensa para a direita, os braços presos ao corpo, tendo entre as mãos um livro que abria e fechava, apoiando-o sobre a balaustrada da tribuna, mais como occupação indifferente, do que por cacoethe inveterado. Não raro, punha, ora uma, ora outra das mãos no bolso das calças, como quem não soubesse que destino dar aos braços, quando elles, comtudo, tanto vigor e accentuação infundem á phrase e concorrem para mais fortemente empolgar o auditorio, em occasiões de maior impressionabilidade. Nem tinha rasgos, explosões e repentinidades, dessas que subitamente erguem o orador a grandes alturas, máo grado o diminuto, quasi ridiculo, porte que apresentem, o que, aliás, não se dava com José de Alencar, mas acontecia com Thiers e, entre nós, com Tavares Bastos, um dos mais laboriosos, videntes e ainda não bem apreciados vultos dos annaes parlamentares brasileiros.

Apezar, porém, de todas as condições negativas e superando os obices oriundos da propria natureza com a habitual pertinacia e força de trabalho, que em tudo punha, além do nobilitante empenho de não se deixar sobrelevar por ninguem na conquista da notoriedade e da gloria — a mais poderosa alavanca do homem a bem do progresso e da perfectibilidade

dico, o *ecce iterum Chrispinus*, que, a cada instante, vinham á baila.

De Silveira Martins não poucas, que tiveram muita vóga no seu tempo — *amo mais a patria do que o negro* — e, entre ellas, esta ainda hoje frequentemente lembrada e repetida — *o poder é o poder!* — ás vezes, simples apostrophes que ficaram, por exemplo, *illustres desconhecidos, silenciosos da Persia, camara dos servís*; do barão de Cotegipe *Allah é Allah* e *Mahomet seu propheta, a espingarda enferrujada, tome tento, meu collega; tartarugas e calhambeques*. De Nabuco o seu celebre *sorites*, de que se fez tão grande cabedal;

De Ferreira Vianna *paz entre amigos*, os *cachorrinhos e gatos de Luiz XI* e outras historietas, por signal bem duras e iniquas, de que por certo, se arrependeu digno sebastianista como se manteve.

Do conselheiro Lafayette o *rabino de Granada*, o *póde ser que sim póde ser que não*, o engraçadíssimo verso de Persio e as fabulas tão causticas e crueis em sua adaptação.

Narrava Martinho de Campos, verdadeiro elemento tradicional da camara dos deputados, que certo representante mineiro, cujo nome citava, mas que de todo se me riscou da memoria, tirava muito orgulho de haver introduzido na gyria parlamentar a phrase tão usual alli — nem sei se a conservaram — *soltar um tamanduá*, para significar uma difficuldade obstruccionista, tropeço de penosa remoção, levantado para dar que fazer ao ministerio e á maioria que o sustentava.

Nem esqueçamos o *sal da oportunidade* de Cesar Zama, que, entre muita cousa por elle posta á margem e, ao que parece, entregue a absoluto olvido, zelosamente guardou sempre fundas saudades do parlamentarismo.

II

Nascido a 1 de maio de 1829, no Ceará, formou-se José de Alencar na faculdade de S. Paulo em 1854 e foi, alguns annos depois, nomeado, sem empenho de ninguem e com applausos de todos, consultor do ministerio da justiça, cargo da administração publica de muita importancia nessa época, mas que depois foi supprimido.

Contava apenas 30 annos, nem grandes obstáculos tivera que vencer na vida para chegar a essa invejavel posição.

Verdade é, que já dera as mais brilhantes mostras do ductilissimo talento na imprensa diaria, não só na esphera juridica, mas, sobretudo, na litteraria, em que se estreára como folhetinista de inexcusable delicadeza e atticismo.

Em 1857, talvez 56, publicou o *Guarany* em folhetim no *Diario do Rio de Janeiro*, e ainda vivamente me recordo do enthusiasmo que despertou, verdadeira novidade emocional, desconhecida nesta cidade tão entregue ás exclusivas preocupações do commercio e da bolsa, enthusiasmo particularmente accentuado nos circulos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeita ao simples influxo da litteratura, com exclusão das exaltações de character politico.

Relembrando, sem grande exaggeração, o celebre verso:

«*Tout Paris pour Chimène a les yeux de Rodrigue*» o Rio de Janeiro em peso, para assim dizer, lia o *Guarany* e seguia commovido e enleado os amores tão puros e discretos de Cecy e Pery e com

estremecida sympathia acompanhava, no meio dos perigos e ardis dos bugres selvagens, a sorte vária e periclitante dos principaes personagens do captivante romance, vasado nos moldes do indianismo de Chateaubriand e Femino Cooper, mas cujo estylo é tão caloroso, opulento, sempre terso, sem desfalecimento e como perfumado pelas flôres exóticas das nossas virgens e luxuriantes florestas.

Quando a S. Paulo chegava o correio, com muitos dias de intervallos então, reuniam-se muitos e muitos estudantes numa *republica*, em que houvesse qualquer feliz assignante do *Diario do Rio*, para ouvirem, absortos e sacudidos, de vez em quando, por electrico frémito, a leitura feita em voz alta por algum d'elles, que tivesse orgão mais forte. E o jornal era depois disputado com impaciencia e pelas ruas se via agrupamentos em torno dos fumegantes lampeões da iluminação publica de outr'ora — ainda ouvintes a cercarem avidos qualquer improvisado leitor.

Em escala, comparavelmente superior já se sabe, pelas circumstancias concurrentes, succedeu o mesmo em Paris, ao apparecerem os primeiros fasciculos dos *Miseraveis*, que tamanha intensidade de fama deram ao nome de Victor Hugo e ao mesmo tempo tantas centenas de milhares de francos lhe metteram nas algibeiras.

Se José de Alencar não alcançou, o que é mais que certo, com o *Guarany* valiosos proventos pecuniarios, por elle conquistou, entretanto, esse logar de incontestavel supremacia, essa notoriedade que nunca mais deixou de circumdar a sua personalidade e, no precioso acervo de muitas producções do mais fino e cinzelado labor, ainda hoje representa o seu maior padrão da gloria, pela especial consagração, que lhe conferiu o apreço popular.

E Carlos Gomes, infundindo a essa possante e formosa obra largas scentelhas do seu genio musical, no radioso desabrochar, contribuiu para ainda mais vulgarisal-a.

A este respeito, dizia José de Alencar com sentido e justificado amúo:

— O Gomes fez do meu *Guarany* uma embrulhada sem nome, cheia de disparates, obrigando a pobresinha da Cecy a cantar duettos com o cacique dos Aymorés, que lhe offerece o throno da sua tribu e fazendo Pery jactar-se de ser o *leão* das nossas mattas. Desculpo-lhe, porém, tudo, porque d'aquí a tempos, por causa talvez das suas espontaneas e inspiradas harmonias, não poucos hão de ir lêr esse livro, senão relel-o — o maior favor que póde merecer um autor.

Não precisa, entretanto, a obra de José de Alencar de nenhuma insufflação externa, nem da transfusão de sangue alheio, por mais borbulhento que seja. Suscitam ainda hoje o maximo interesse quasi todas as suas paginas, acalmada a fogosidade com que nós, moços outr'ora, as acolhemos, excepção feita do rebuscado da fórma e das pieguices, que em algumas lhes diminuem e empanam o valor real.

Nem se lhe leve a mal o convencionalismo das suas sorridentes paizagens e grandiosas perspectivas, quasi todas mais creação da ardente e prodigiosa fantasia, do que da observação exacta da natureza ou do conhecimento pleno do scenario em que deviam mover-se e agir os seus sympathicos heróes e adoraveis typos de mulher; e esse contraste entre a realidade e a imaginação se torna então flagrante no *Gaúcho*, em que um filho do Rio Grande do Sul não póde absolutamente reconhecer a feição particular da sua provincia natal.

Quem, porém, é capaz de regatear admiração a

Claudio Loreno, pasmo ante a maestria das primorosas telas, a diaphaneidade dos céos, a leveza das tintas, a suavidade das gradações, a profundidade dos planos e os larguissimos horizontes?!

Dizia-me, certo dia, pessoa muito entendida em letras e de optimo conselho:

— Acabo de reler o *Jesuíta* e colhi funda impressão do legitimo alento shakespeareano, que por todo elle perpassa, algo de positivamente aquillino a fazel-o pairar bem alto em espheras luminosas e serenas, a que raros têm podido chegar, sobretudo na lingua portugueza.

Tinha Alencar convicção d'essa verdade e d'ahi, em parte, as suas maneiras esquivas e penetradas de frio orgulho, que não lhe attrahiam sympathias pessoas, nem consentiam formar-se escola em contacto immediato com a sua individualidade.

Aliás, por vezes, sentia violentos desanimos e nuns instantes de maior expansão — bem raros comtudo, com estranhos, — a alguém interrogou, como que sob a acção de entorpecedor desânimo:

— Você acha que passarei á posteridade? Não nutro essa segurança e, comtudo, quanto alento me daria, no meio dos desconsoles que tambem me vêm do cultivo das letras!

Qual, porém, a intelligencia, por mais alevantada, valente e confiante em si, que não agite inquietta essa dolorosa perplexidade, a indagar comsigo mesmo, se o melhor e o mais sincero dos seus esforços poderá por ventura escapar do desastre irremediavel e do esquecimento eterno?!

Ninguem a exprimio por modo mais melancolico, angustioso e pungente do que Beethoven, após uma existencia toda cheia de obras primas, Beethoven, um dos maiores genios que honram e illuminam a historia humana. Nos braços do seu amigo unico

e já agonisante perguntou soffrego e com as lagrimas nos olhos embaciados pela morte: « Não é verdade, Hummel, que eu tinha algum talento? »

Que incerteza tão humilde, tão commovedora, tão sublime!

III

Em 1860, resolveu José de Alencar consagrar-se mais exclusivamente á politica activa e militante, pleiteando uma cadeira na camara dos deputados e atirando-se de corpo e alma aos vai-vens e ás luctas, em que tanto havia figurado e se distinguido o conhecido pai, fegoso deputado da Constituinte, depois ardente revolucionario e senador do Imperio desde 1832 até aquelle anno de 1860, no qual veio a fallecer.

Sem pôr á margem nem esquecer as velhas e herdadas amizades de feição liberal, conforme ponderou, no Senado, a Zacharias, que o accusava de ter *virado casaca*, segundo a expressão do visconde de Macahé, filiára-se, desde os primeiros tempos de imprensa, ao lado conservador, a que prestou, sempre reconhecer, em varios periodos de renhida pe-leja jornalística os mais reaes e valiosos serviços, discutindo e agitando, sempre com incontestavel competencia, grande energia e brilho de linguagem, todos os assumptos do momento.

Partiu, pois, para a terra natal, o Ceará, e, encontrando enthusiastico apoio no chefe do partido, seu amigo e parente proximo, Dr. Domingos Jaguaribe, legitima influencia politica, já pela lisura de caracter, já pela dedicação pessoal aos interesses da provincia, de lá voltou, trazendo o manuscripto da

flebil e formosa embora um tanto amaneirada *Iracema*, que dedicou áquelle primo-irmão, e o diploma de deputado geral, cargo que desempenhou, senão por modo obscuro, pelo menos sem relevancia especial, até quando foi dissolvida a camara em 1863.

Acabamos de relêr, por curiosidade, o seu discurso inicial no parlamento, proferido, em 1861, sobre padroado e nelle nada encontrámos, com effeito, notavel, nem pelo vigor e novidade da argumentação, nem pela elegancia de fórma.

Conversando um dia sobre José de Alencar com Francisco Octaviano, disse-nos este, que aquelle discurso causára até séria decepção aos seus muitos admiradores e a quantos pressurosos tinham corrido a ouvi-lo. Parece que peccava pela monotonia de dicção e difficuldade de phrase, ainda que de bom cunho portuguez e de quem a sabia bellamente manejar, de penna em punho.

Aliás, quão difficil e cheia de perigos essa exhibição inaugural, quão penosa esse primeiro embate com um auditorio prevenido e um publico numeroso, quando o orador novél e não acostumado ao terreno em que vai pisar, tem que subjugar e vencer as mais violentas emoções! Quantos, rodeados até de grande prestigio tribunico em ambitos de menor raio, para sempre não naufragaram no recinto da Camara dos Deputados, ao pronunciarem até as palavras primordiales de estudado exordio.

E quantos d'esses desastres, que não foram muito raros, houve alguns de acabrunharem, sem remissão possivel, aquelles que d'elles foram victimas! Lembremos, de passagem, um deputado pernambucano, Feitosa, vindo do Norte com a maior nomeada e que da deploravel estréa, atirou o ironico appellido de *autonomo*, tantas vezes e tão cansativamente repetiu o tal vocabulo, fazendo d'elle o eixo

de todo o seu desalinhado discurso. Nunca mais se levantou dessa catastrophe.

Occasiões ha em que basta um simples descuido ou lapso para desmontar o estreante mais possuido do seu assumpto, mais bem preparado e ambicioso de glorias. Imagine-se a hilaridade da camara, comicamente despertada por um estrondeante *Senhores jurados!* atirados aos écos com toda a valentia de bons pulmões pelo orador, que, de repente e por força de habito, se recollocára no jury, theatro dos anteriores triumphos! Não pôde mais fazer cousa alguma na arena parlamentar.

— Nem de longe lembra o pae, affirmára Theophilo Ottoni referindo-se a José de Alencar, collega nessa legistura de 1860 a 63; deve voltar ao seus folhetins e ao seus romancetes.

Poucos annos depois, teve, porém, de reconhecer quão errado havia sido o seu prognostico, vendo surgir-lhe em frente, na tribuna do Senado como ministro da justiça, um verdadeiro gigante.

Nas letras deu, por esse tempo José de Alencar á estampa *Diva* e *Luciola*, que, assignadas pelas iniciaes G. M. durante não pouco tempo foram attribuidas a Gaspar Martins.

— E este negava a autoria com certa frouxidão, disse-nos Octaviano.

D'aquella época tambem — mais ou menos 1862 — é o seu livro de maior folego, *Minas de prata*, em que, se de um lado, diminue e como que empallidece a possança imaginativa do *Guarany*, do outro, se salienta enredo mais movimentado, avultam a consulta e o estudo mais cuidados das chronicas coloniaes, bem que na encenação e nas descripções da vida de então, larga parte, talvez exagerada, ficasse sempre á fantasia e á influencia de Walter Scott.

Ainda assim, estabelecendo-se confronto com ou-

tras obras desse genero e sobretudo de procedencia portugueza, das quaes a mais notavel é, sem duvida, *Os bandeirantes* de Mendes Leal, podem *Minas de prata* ser tidas em conta de verdadeira obra prima.

IV

A marcha, porém, dos acontecimentos politicos accentuava-se agitada e provocava até apprehensões. Verdade é ser vezo antigo do brasileiro, esse de vêr sempre em torno de si horizontes nublados e minazes. Tanto nos queixámos, por tal fórma nos entenebrecemos a mente, que afinal as sombras devéras nos cercaram e, desta feita, bem condensadas, bem caliginosas.

As luctas partidarias, arrefecidas no periodo do programma de *conciliação* como o concebera o Marquez do Paraná, por uns sinceramente applaudido, por outros estygmatisado, tornando-o responsavel immediato, senão do rebaixamento e degradação dos caracteres, pelo menos de corruptora e perigosa maleabilidade...

Mas — fazendo repentina pausa — quanto tudo aquillo hoje parece sereno, insignificante, sem consequencias de vulto, confiante o Brasil de então na solidissima ancora que não deixaria jámais a symbolica não do Estado desgarrar e ir, por ahi afóra, sem lastro, sem bussola nem rumo, sem ordem nem sombra de disciplina a bordo, despedaçar-se, por fim, de encontro a temerosos parceiros — a monarchia constitucional representativa, como a tinhamos, uma monarchia excepcional no mundo inteiro, respeitada por todas as nações, o nosso penhor de bom senso e

acertada orientação perante ellas, uma monarchia sem direito divino, sem preconceitos de estirpe, quanto possível democratica, adstricta ao incessante cumprimento de rigoroso dever, sem festas, sem custosas pompas, nem falsa ostentação, zeladora estrenua e meticulosa da dignidade nacional e da liberdade de todos, avida de progresso para bem geral, tomando, apesar de peada pela politicagem que a sitiava, a iniciativa de tudo quanto fosse nobre, dignificador, e só buscando o prestigio que se deriva da opinião sensata e reflectida e do amor do povo, a quem dava continuos e inexcediveis exemplos da mais alta moralidade, admiravel desinteresse e entranhado patriotismo!

Ha, por acaso, derruidas do modo porque o foram as antigas instituições, possibilidade de partidos, já que tanto se falla nessa urgente necessidade, num paiz como o de agora, em que tudo se leva á valentona, em que, por traz de qualquer sentimento ou aspiração, anciosos por um pouquinho de ar, de luz e expansão, refulge logo com sinistros lampejos a ponta das bayonetas?

Só appellando para o principio *vis vi repellitur*, só mesmo tentando revoluções, como é de boa e continua praxe nas republicas sul-americanas, desde os seus primeiros tempos de independencia, ha quasi um seculo completo. Não está o continente de um extremo a outro integrado, isto é, subordinado ás delicias de theorias applicaveis ao todo e a cada uma das suas partes?

O chefe ou partido que desceu do poder, quer por descuido e simpleza, quer d'elle á força apeado, deve, ou para sempre considerar-se perdido e aniquilado, procurando a pouco e pouco e cada qual á formiga, conforme as facilidades do adhesismo, juntar-se aos vencedores, ou então lançar mão das ar-

mas que dispuzer e correr as eventualidades dos *pronunciamentos*. No Perú, na Bolivia e em todas as democracias nossas congeneres, esse ultimo alvitre tem dado optimos resultados.

Nos Estados Unidos, a solitaria excepção sempre apontada, resolvem-se os pleitos a golpes de milhões de dollars, as metralhadoras de lá. A questão é de corrupção e de dinheiro, e qualquer comicio popular os põe logo em movimento na mais larga escala; não pareça exagerado computar-se cada eleição de presidente em 150 mil contos de réis ou mais, espalhados por todos os recantos do paiz, desde o Atlantico até o Pacifico, e sahido dos bolsos, não só das colossaes *commanditas* que se formam avidas de ganancia, como dos enormes, dos inconcebiveis capitalistas, os *billionarios*.

Mas tambem, depois da victoria, que repartir de despojos no funcionalismo, que proventos, que compensações nos formidaveis contracios, para o mundo de *politicians*, os politiqueiros e seus sustentadores e sequazes!

Aliás, alli, máo grado tanta venalidade, a nação é anglo-saxonia, além de se haver constituido o cadiño, para assim dizer, das energias das raças superiores do globo; alli, segundo a maxima de Chamfort, applicada á Inglaterra, «despresa-se a auctoridade e respeita-se a lei», ao passo que entre nós, povo latino como a França, nosso modelo, principalmente em tudo que seja ruim, despresa-se a lei e vive-se reverenciosa e resignadamente curvado e agachado ante a autoridade, cornucopia e fonte unica de todos os bens, favores, empregos e cargos, sem exclusão dos meramente eleitoraes, cada vez menos emanados da vontade e do voto do povo — o poder enfim!

Entretanto, fôra já feita neste Brasil a dura experiencia do regimen republicano e dos seus amar-

gos e fallazes fructos, tão enganadores como os das margens do Mar-Morto — corados e appetitosos por fóra, dentro só cinzas — o periodo regencial de 1831 a 1840 — provocando o desencadear de mil ambições pessoaes, abalando convulsamente o paiz e levando-o, no retrogradar da sua civilisação, a crueis guerras civis, lançadas hoje no passivo do Imperio á conta de lição historica e para contrapôl-as ás horrorosas luctas fratricidas, que temos, com pasmo e dôr profunda, presenciado em bem recentes e lutuosos dias.

É do illustre Joaquim Nabuco essa observação rica de agudeza e propriedade; nem resistimos, ao prazer de aqui inserirmos, no seu bello e másculo estylo, as considerações que faz, illuminadas por tantas verdades colhidas á luz clara e serena da meditação e da estudiosa e ponderada analyse dos factos.

« Visto de hoje o 7 de abril ⁽¹⁾ figura-se uma dessas revoluções que podiam ser economisadas com immensa vantagem, si em certos temperamentos as loucuras da mocidade não fossem necessarias para a direcção mais elevada da vida. A agitação desses dez annos produz a paz dos cincoenta que se lhe vão seguir. O reinado em perspectiva de uma creança de seis annos provou ser uma salvaguarda admiravel para a democracia. Foi graças a essa possibilidade longinqua, que o governo de uma camara só, verdadeira Convenção, da qual tudo emanava e á qual tudo revertia, não se fraccionou em facções ingovernaveis. Á proporção que a distancia da Maioridade se encurta, os sustos vão cedendo, a confiança renasce, a vida suspensa recomeça, o coração dilata-se como um navio desarvorado, á medida que se aproxima do porto. »

⁽¹⁾ *Revista Brasileira* de 15 de agosto de 1896 — *Um estadista do Imperio.*

E accrescenta:

« Os homens tinham nesse tempo outro caracter, outra solidez, outra tempera; os principios conservavam-se em toda a sua fé e pureza; os ligamentos moraes que seguram e apertam a communhão estavam ainda fortes e intactos, e por isso, apesar do desgoverno, mesmo por causa do desgoverno, a Regencia apparece com uma grande época nacional, animada inspirada por um patriotismo que tem alguma cousa do sopro puritano. Novos e grandes moldes se fundiram então. A nação agita-se, abala-se, mas não treme nem definha. Um padre tem a coragem de licenciar o exercito que fizera a revolução, depois de o bater nos seus reductos e de o sitiá nos seus quartéis, isto sem appellar para o estrangeiro, sem bastilhas, sem espionagem, sem alcapões por onde desaparecessem os corpos executados clandestinamente, sem pôr a sociedade inteira incommunicavel, appellando para o civismo e não para uma ordem de paixões que tornam todo o governo impossivel. Os homens dessa quadra revelam um gráo de virilidade e energia superior, sentindo-se sómente incapazes de organizar o chaos; ao mesmo tempo todos possuem uma integridade, um desprendimento absoluto. As luctas, os conflictos, a agitação dos clubs, todas as feições da época são as de uma democracia antiga, antes da corrupção invadil-a.»

Enfeixando todas essas ponderações, tão luminosamente expressas, conclue o valente escriptor:

«No todo, a Regencia parece não ter tido outra função historica senão a de desprender o sentimento liberal da aspiração republicana, que em theoria e a gradação mais forte d'aquelle sentimento, mas que a pratica sul-americana exclue e supprime. Sem esse intervallo democratico, os primeiros estadistas do segundo reinado não teriam a forte convicção que mos-

traram da necessidade da monarchia, convicção que, para o fim, a ordem inalteravel, a paz prolongada, o funcionamento automatico das instituições livres, foi apagando em cada um d'elles, a começar pelo Imperador, e que a perfeita estabilidade do Brasil não deixou amadurecer nos mais novos, os quaes só tinham a tradição daquelles annos difficeis.»

V

Nas celebres *Cartas ao Imperador*, assignadas pelo pseudonymo logo desvendado de *Erasmio* e que tanta impressão causaram no espirito publico, vai nos contar José de Alencar em sua phrase vibrante, talvez pomposa demais, com intonação quasi biblica, um tanto á maneira de Lamennais, qual a causa da agitação e dos receios, a que acima alludimos.

A primeira dessas cartas é de 17 de novembro de 1865, a ultima de 24 de janeiro do anno seguinte, ao todo dez, que constituem precioso depoimento de eminente pensador contemporaneo, quando o paiz todo já despertára, inquieto, da illusão de vêr promptamente terminada a guerra do Paraguay, e pelo contrario, se sentia possuido de idéa mais exacta, a diuturnidade da arida e penosa campanha, a que forçosamente nos haviam arrastado o indomavel orgulho de Solano Lopez e a illimitada prepotencia sobre o seu infeliz povo daquelle pretendido presidente da Republica.

Acostumado a enxergar no Imperador o alvo predilecto das insinuações e até francas e acerbas censuras dos politicos descontentes e quando na opposição, produziu grato abalo na opinião geral o reconhecimento das virtudes e do valor, que concor-

riam na pessoa de D. Pedro II. Demais, tudo quanto tão eloquentemente expendeu o eminente publicista naquellas acaloradas paginas a respeito dos vinte e cinco annos desse reinado ha de, um dia, a justiça da posteridade estendel-o por sobre o restante da sua vida de soberano no Brasil, isto é, mais vinte e cinco annos, completando assim meio seculo de conducta sempre igual, pautada segundo a mesma inflexivel norma de proceder e amparado pelos symbolos que, no dizer de Salomão, devem montar vigilante guarda ao rei — a grandeza d'alma e a verdade, *miser cordia et veritas*.

Sem duvida, mais tarde, José de Alencar mudou repentina e radicalmente, á vista de todos, de opinião, e um dos livros sahidos da rutilante penna que atiraria com soffreguidão ao fogo, destruindo-o sem deixar o minimo vestigio, se tal houvesse podido, fôra por certo esse, as *Cartas de Erasmo*; mas que importa?

De que lado ficou a razão no profundo e doloroso desencontro entre essa poderosa organização intellectual e a não menos vigorosa e alevantada mentalidade do monarcha, que, tudo pezando na esphera superior em que vivia e em que sempre soube manter-se, de si para si julgou, quem sabe com que intenso desgosto intimo! de obrigação contrariar, naquella occasião, de frente uma carreira politica, tão promissora ao Brasil?

Ainda é cedo para decidirmos com segurança, nem talvez jámais tenhamos dados afim de chegarmos á solução exacta desse problema, tantas vezes agitado por todo o brasileiro, que acompanhou as cousas politicas da patria — porque não escolheu D. Pedro II senador a José de Alencar?

Sentiu-se este profundamente ferido, vendo escapar um ensejo de certo unico — como aliás foi e

decisivo na sua existencia — e, d'ahi por deante, á maneira dos heróes da Iliada, procurou, em cada embate parlamentar mais violento, attingir com o ferro da aguçada lança, o deus, que, no seu entender parcial, caprichoso e sujeito ás paixões humanas, até á pequenina, á tacanha inveja, pairava em torno dos contendores da sua sympathia e, baixando do Olympo á terra, intervinha no duello travado entre os simples mortaes.

Não antecipemos, porém.

VI

« Em todos os tempos, diz a primeira das bellissimas *Cartas de Erasmo*, modelo da mais inspirada eloquencia, em todos os tempos quando a corrupção invade a sociedade e o vicio contamina as fontes da vida, publica, suscita Deus um apostolo para salvar, no meio da geral dissolução a dignidade da razão humana. Ás vezes, é um historiador como Tacito ou um poeta como Juvenal, outras, é Demosthenes orador, ou Seneca philosopho.

« ... O Brasil passa neste momento transe bem doloroso... a calma podre da opinião assusta os mais intrepidos.

« Um publicista, tão robusto no raciocinio, quanto profundo na observação, Montesquieu, deixou escriptas estas palavras: « A desgraça de uma Republica é a carencia de lucta moral. Succede isto, quando corrompem o povo ou o aviltam pela oppressão. Torna-se elle frio e affeição-se ao dinheiro; mas perde o gosto aos negocios. Sem interesse pelo governo

e por tudo quanto lhe proponham, espera resignadamente o salario.»

«... Falla-vos, Imperador, um amigo verdadeiro. Crêde-o, Senhor, crede-o sem hesitação. Elle sente em si a coragem do louvor franco e cordial, porque tem a consciencia do reparo justo e moderado.

«Monarcha, eu vos amo e respeito. Sois, nestes tempos calamitosos de indifferentismo e descrença um enthusiasmo e uma fé para o povo. As esperanças, que brotaram na primeira metade do vosso reinado, se murcharam ao sopro máo do presente, podem ainda reflorir sob os raios da vossa corôa. Approxima-se o cidadão livre e altivo de vosso throno, porque nunca ahi se sentou a tyrannia; sua dignidade não se vexa ao inclinar-se para vos beijar a dextra, que tem feito tanto bem a innumeros infelizes e assignado só perdões e indultos, porque em vós acata elle o pae da nação.

«Na cupola social, onde estais collocado, sois para a sociedade brasileira mais do que um rei, sois um exemplo.

«... Bem poucos monarchas poderão dizer como D. Pedro II:

«Nunca em um reinado de vinte e cinco annos, estreado com a experiencia da juventude, nunca abri o meu coração a um sentimento de odio, nunca puz o meu poder ao serviço de vinganças.»

Com ousadia interrompamos José de Alencar, que, pouco mais velho do que nós, tão mais depressa infelizmente desapareceu desta vida — e rectifiquemos, não vinte e cinco annos, porém sim o dobro, nada menos de cincoenta, meio seculo!

Curvando-nos agora reverentes ante a sombra do eminente pensador, reponhamos em sua dextra a adamantina penna, que tantos fulgores desferiu sempre:

«...Ouvi, senhor! Nesse momento, em que resolvo fazer um supremo appello á vossa nobre consciencia, estruge pelos theatros e praças a vozeria da gente leviana que, entre hymnos e flores, vos saúda como heróe da Uruguayana! Chegou a inconsideração a ponto de projectar-se uma espada de triumpho, que vos devia ser offerecida em nome da nação!...

«Por que serieis heróe em Uruguayana, onde não se ferio batalha, nem se celebrou victoria? Pela magnanimidade de perdão? Já era D. Pedro II heróe antes de lá ir. Não tem conta as vezes que elle perdooou a seus inimigos e detractores as injurias e doestos, com que armam a populacidade. Esta clemencia foi maior e mais difficil, porque era de agravo proprio e pessoal...»

Fôra, porém, preciso reproduzir tudo, reeditar por inteiro nestas columnas o precioso folheto, em que tamanhas verdades surgem numa irradiação ofuscadora de phrase e para tanto não temos venia.

Na segunda das *Cartas* protesta Erasmo:

«Longe de carregar as sombras ao quadro, busco rarear o fumo para menos affligir vosso coração patriota» e pergunta:

«A politica, alma da nação, espirito que a vivifica e anima, que ruim vicio a corrompeu, Senhor, que della fogem como da peste cidadãos eminentes, seus antigos e mais ferventes apostolos? Outr'ora, nos tempos de luctas ardentes, foi a politica uma occupação importante para o povo e uma dedicação profunda para os cidadãos que aspiravam á direcção dos negocios publicos.

«...Onde, hoje em dia, se encontra o povo, aquelle mesmo povo entusiasta que fez a independencia, a abdicação e a maioridade.»

Abrindo novo parenthesis, acrescentemos, e a guerra do Paraguay e a abolição do captiveiro; mas,

em contra-posição e rendendo preito á verdade, poderá, por ventura, alguém addir ás gloriosas e tão festejadas datas o 15 de Novembro e a proclamação da Republica? Responda a consciencia nacional!

«Acha-se esse povo, continúa José de Alencar nas audiencias dos ministros, nas casas dos patronos de maior voga, á porta da matriz onde se arremata a eleição em hasta publica. Se ahí não estiver, é porque fôrma o cortejo de alguma leviana rapariga trajada á militar ou applaude as chocarrices da farça e as corridas do circo.

«A influencia climaterica é tambem uma verdade: a alma tem como o corpo a sua atmospherá, em cujo ambiente respira. É forçoso que o espirito se inteirice na temperatura glacial da duvida e da incerteza» se corrompa, admittemos hoje, no circulo deleterio da prepotencia e da venalidade.

«... As camaras, filhas da méra designação, haviam de ser essencialmente mercantis e industriaes. Á margem ás idéas grandes! Passem adiante os orçamentos caudatos, os fructos da politicagem interesseira e insidiosa, terriveis cometas que arrastam o todo e mais da renda publica.

«... Os olhos medem a immensidade do firmamento pela magestade dos astros que fulguram nos céos. Imagine-se que, em vez desses pontos esplendidos de luz, mal bruxoleam pequenos meteóros e, a idéa grandiosa do infinito afoga-se na duvida.

«Efeito analogo ha, quando se grupam em torno do poder, onde só devem subir o civismo provado e o prudente saber nomes desconhecidos, alguns até mesmo pela sua mediania. Por força que declina a summidade, onde paira a auctoridade suprema.

«Resente-se profundamente a administração dessa subversão da política. Homens novos, sem prestigio, de chofre surgidos da obscuridade, tomados da

vertigem da subita ascensão, escalando as posições com o arrojo e orgulho dos favoritos da fortuna não podem imprimir ao paiz uma direcção prudente, forte com moderação.

« Não se violenta debalde a ordem natural, porque ella breve reage contra o insulto. A planta de que se arranca um fructo temporão, a infancia de que se precipita o desenvolvimento, mingoam logo e se exhaurem. »

Pintando com o maior vigor de tintas o quadro da depressão que opprimia o Brasil, terminava José de Alencar essa segunda carta pelas seguintes palavras:

« Quando um povo livre abdica o pleno exercicio da soberania, é dever imperioso do monarcha, seu primeiro representante, assumir essa grande massa inerte do poder, para evitar que ella seja dissipada por um grupo de ambiciosos vulgares. Ache ao menos, a liberdade que desertou á alma succumbida da patria um abrigo á sombra do manto imperial para que não morra conspurcada nos tripudios da anarchia! »

VII

Sempre com a mesma altivez e varonilidade de coração bate José de Alencar de frente a exprobrada e de continuo renascente questão do *poder pessoal* exercido por D. Pedro II.

« Se ha falsa prevenção é esta que se tem estebelecido. Minha convicção vai muito além. Não sómente nenhuma influencia directa exercitaes no governo; mas vosso escrupulo chega ao ponto de, fre-

quentes vezes, concentrardes aquelle reflexo que uma intelligencia sã e robusta como a vossa deve derramar sobre a administração.»

Impossivel dizer melhor uma grande verdade historica. Uma ocasião até houve, em que D. Pedro II, depois de reluctar por algum tempo, assignou um decreto, avisando com tristeza ao ministro que o devia referendar:

«O senhor faz d'isto questão e a responsabilidade pela Constituição é toda sua; mas esteja bem convencido, que essa nomeação ha de trazer grandes dissabores, a mim, ao gabinete, a si proprio e á nação toda.»

E os factos plenamente justificaram o melancolico prognostico.

«Rei constitucional, prosegue José de Alencar, vossa missão é a do sol; não aquelle astro fatidico e abraçador de Luis XIV que condensou a borrasca de 1789, mas o fóco brilhante que rege todo um systema e dardeja luz e calor para uma nação.

«... Não fosseis quem sois, um soberano a que não fascina o imperio e que saberieis baixar do throno com a mais admiravel serenidade, grandeza e desprendimento...»

Oh! commovente e augusta prophesia, agitada como impossivel eventualidade, quanto se realisou ella, em todas as suas partes, nessa tenebrosa noite de 16 para 17 de novembro de 1889, em que D. Pedro II desceu as escadarias do paço imperial e foi tirando o chapéo a cada soldado que fez a ultima continencia ao seu monarcha, já caminho do exilio!

«... não fosseis esse rei e qualquer dos ultimos governos fracos seria um instrumento ductil á vossa vontade, nenhuma das camaras modernas, que o menor geito desarticula e a só lembrança da dissolução estremece, vos houvéra resistido.»

E com muita perspicuidade indaga José de Alencar, respondendo, sem contestação possível a censuras frequentemente feitas, sobretudo pelos republicanos, não de então, que não os havia, mas de muito mais tarde e de hoje:

«Que necessidade obrigaria um soberano usurpador a mudar frequentemente o ministerio, afrouxando por tal modo a acção administrativa que fôra do seu interesse robustecer com a permanencia e solidariiedade dos seus agentes?

«Que empenho teria esse monarcha de reunir em um mesmo gabinete não só adversarios politicos, mas inimigos pessoas e charras mediocridades, desmoralizando assim a auctoridade e debilidade o governo com surdas competencias de rivalidades latentes?

«O calculo da propria ambição repellira semelhante atropello.»

E conclue:

«Nas paginas em que se desenrolam os ultimos acontecimentos ⁽¹⁾ o que está em relevo é a abstenção da corôa levada a um extremo que talvez exceda da imparcialidade constitucional.

«Vossa augusta pessoa sómente se destaca, quando se trata do sacrificio e da abnegação. Então vos debuxaes no primeiro plano, reclamando a parte de leão na fadiga e no perigo.»

VIII

Adiante aponta José de Alencar a constante e nobilissima resistencia do Imperador a todos os im-

(1) É esta carta datada de 9 de dezembro de 1865.

pulsos que o levavam a fazer pesar a sua vontade e a dar largas a esse tão fallado *poder pessoal* e accentua factos de inconcussa exactidão, que a historia ha de tirar bem a limpo:

«Quando o brilho da magestade e os esplendores da vossa posição fascinam por tal fórma todos, politicos e nação, vós, senhor, collocado no foco da irradiação, no seio mesmo da força immanente, vos conservaes calmo e respeitaes o somno do povo.

«Forte é a tempera da virtude que repelle as instantes provocações do poder. Sob a purpura imperial palpita em vosso peito um desinteresse de Cincinato e Washington!»

Paremos por um pouco.

No exilio já, em 1890, alguém disse, um dia, ao Imperador:

— Acabo de lêr com vexame, nos jornaes chegados ha pouco do Rio de Janeiro, que fulano (e citou o nome), num elogio á queima-roupa ao Deodoro, comparou-o com Washington.

— Deverás? perguntou D. Pedro II. Sinto, porque todos poderiam ter feito semelhante paralelo, menos esse, que sabe tão bem historia e conhece as cousas do Brasil.

E, buscando com a habitual e commovedora magnanimidade desviar logo mais censuras, encareceu os vastos conhecimentos da pessoa incriminada.

— E quem mais Washington do que Vossa Magestade? insistio o outro. Quanto...

— Oh! não, não, atalhou com vivacidade o Imperador, Washington é um dos maiores homens da historia. Nem de longe poderiam lembrar-se disso. Um só ponto nos aproxima um do outro, o amor da patria, elle dos seus Estados Unidos, eu do meu Brasil.

Ah! esse exilio!

E a boa, a caridosa, a santa da Imperatriz?

Quando, num quarto de hotel, na cidade do Porto, sentiu acercar-se della a morte, apertou a mão da baroneza de Japurá, que accidentalmente estava a seu lado, pois que a sua dama unica, de tantos e tantos annos, a baroneza de Fonseca Costa, fôra, então, de Lisboa para Pau nos Pyreneus, por causa da melindrosa saúde, e com os olhos rasos de amargas lagrimas a custo retidas pelo sentimento da magestade, que jámais a abandonou, lhe disse:

— Maria Isabel, eu não morro de molestia; morro de dor e de desgosto!

«Mas, senhor, continúa José de Alencar, ha virtudes que não o são para os reis — a abnegação é uma dellas. Lembrai-vos que vossa mão escreveu este judicioso lemma: *a sujeição do throno.*»

Bem mais tocante e completa sentença proferio D. Pedro II em uma daquellas inesqueciveis audiencias dos sabbados no Paço da Boa Vista, onde elle, attento sempre e paciente, a todos ouvia, consolando os queixosos, promettendo justiça, suscitando alvitres e animando os desalentados, sem exclusão dos mais humildes, e até desgraçados escravos.

— Ah! meu Senhor grande! exclamou com sublime resignação um desses, pobre e velho negro da Costa, que brandamente se lamentava dos continuos máos tratos, como é duro ser-se escravo!

Encarou-o o soberano subita e evidentemente commovido, elle sempre tão senhor de si, e, depois de breve pausa, observou:

— Tem paciencia, filho. Eu tambem sou escravo... das minhas obrigações, e ellas são muito pesadas! As tuas desgraças vão minorar...

E, sem demora, mandou tratar da alforria daquelle malsinado ente, nascido na longinqua e tenebrosa Africa e que, passando por indiziveis calami-

dades, vendido e revendido innumeras vezes como um animal irracional, encanecera nos ferros da escravidão, sem se julgar com direito algum á liberdade!

Ah! esse exilio!... Tambem, correntes caudaes, rios do generoso sangue brasileiro e de dinheiro aos milhões revolutearam, bramantes e vertiginosos, ao derredor do mysterioso monumento em que se ergue, solemne, sombrio e ameaçador, o symbolo da expiação...

Com que adoravel sinceridade, entretanto, com que abnegação e patriotica soffreguidão houvera, do imo d'alma, desejado D. Pedro II ver neste Brasil uma republica sensata, calma, pujante, próspera e feliz?!

Mas não... tremendo, completo, ha sido e ha de ser o holocausto para applacar as iras do Destino!

É lei fatal, essa, a que ninguém escapa — individuos ou nações.

IX

É de verdadeiro deslumbramento a impressão que deixam as cartas de *Erasmus*. Dir-se-ia, que o espirito andou a percorrer a caverna de Aladino, illuminada em seus ultimos recantos por offuscadores fogos. De todos os lados, aos montes, pelo chão, as mais preciosas e puras gemmas casam, cruzam e desprendem scintillantes raios de candentes chispas e seductoras cores.

Que talento privilegiado o de José de Alencar! Póde-se affirmar, o Brasil e, ainda mais, a America do sul rarissimos os tiveram e os terão eguaes.

Certo dia affirmou-me um jurisconsulto de bem vasta esphera: «Só agora foi que se me deparou ensejo para ler com attenção o tratado do nosso Alencar sobre *Propriedade*, e fiquei pasmo ante aquelle monumento de erudição e sciencia jurídica, além de legitimo primor de estylo.

«A monarchia representativa, diz José de Alencar na sexta carta, é de todos os systemas de governo o mais difficil e complicado» e por isso mesmo, diremos nós, o mais perfeito e adequado ao estado de verdadeira civilisação, exige em maior gráo, do que outro qualquer, comprehendida a propria democracia, um povo activo e illustrado, pratico na escola da liberdade, fortalecido por convicções robustas e animado do espirito do trabalho.

«Na melhor das republicas (não nos arremedos de republica sul-americanos) o povo tem que lutar, a cada momento, com as proprias paixões, que os tribunos, os ambiciosos, os aventureiros (quasi sempre nullidades, que só se salientam pela audacia ao serviço dos instinctos mais baixos) costumam explorar em proveito seu e detrimento da patria. Grecia e Roma foram republicanas; mas o governo mixto, que Tacito e Cicero declararam impossivel na antiguidade, só póde realisar-se com o influxo da civilisação moderna.»

Aliás que delicias as dessas republicas gregas! submettidas a continuas revoluções, ao ferreo jugo de tyrannos e demagogos!

Em Athenas, expandia-se a intelligencia humana com pujança e brilho que ainda não foram excedidos em era alguma, no longo decorrer dos seculos; que não teria ella produzido e de si deixado, num regimen politico de paz, justiça e calma, bafejada pelas auras da sincera liberdade, e não conculcada e combatida pela acção avassaladora e pelas paixões su-

perexcitadas dos turbulentos e dos malvados, quasi sempre predominantes nessas intituladas organizações republicanas?...

Via José de Alencar no uso pleno do *poder moderador* remedio completo a todos os males da situação de então.

«Vossa força, senhor, observa elle, tão grande quanto benefica, está nas attribuições supremas, que em outros paizes se qualificam de prerogativas da corôa e a nossa Constituição reuniu em um poder sob o titulo de *moderador*. Ahi repousa a magestade cingida de todo o esplendor; ahi reside aquella porção importante da soberania popular, que a nação desprende de si e encarnou em um homem superior para advertil-a em seus erros e resistir á vehemencia das suas paixões...

«O poder moderador, continúa com a maior elevação philosophica, é o *eu* nacional, a consciencia illustrada do povo. Assim como a creatura humana, no curso da vida, é admoestada por um senso intimo, que a obriga a reflectir sobre a moralidade do acto que vae praticar, assim a nação recebe do monarcha o mesmo serviço e, muitas vezes, o remordimento, precursor da má paixão, evita suas consequencias, obrigando o povo a retrahir-se.»

E todo esse mecanismo delicadissimo, que funcionou admiravelmente durante dezenas de annos, dando a mais harmoniosa realidade ao que chamavam *utopia de um sonhador* (Benjamin Constant... que ironia fatidica de nome!) foi desmanchado, aniquilado ao sopro desencadeado da violencia e da brutalidade!

Então de repente se empanou ou, antes, retrahiui-se a consciencia nacional para dar logar ao tripudio de todas as ambições a um tempo, desde a infrene ganancia até ao mais estupendo sanguina-

rismo, alvoroçados, quem diria? pela apregoada ancia da ordem e do progresso!...

Emfim não nos alonguemos demais...

Nesse anno de 1866, em cujos começos publicou José de Alencar as *Cartas de Erasmo*, era elle já casado, bastantes mezes antes, com formosa senhora, da maior distincção e delicadeza de sentimentos. Tambem soube ella constituir para esse espirito alevantado, mais susceptivel e melancholico, um lar excepcionalmente feliz, como poucos têm tido a fortuna de possuir e para elle se tornou consolo constante nas decepções que soffreu e fonte inspiradora das mais suaves e mimosas paginas, que brotaram da sua penna sempre, sempre a trabalhar.

X

Estava, então, o paiz entrado em periodo penossissimo, que se prolongou por largo quinquenio, obrigando-o aos mais gravosos sacrificios de vidas e de dinheiro — a guerra do Paraguay.

Grandes as angustias da nação inteira, e o espelho de todas ellas, o fiel reflector de tantos soffrimentos Moraes, era o Imperador.

Em 1864, quando o Brasil foi forçado a encetar, ou melhor, a acceitar a tenebrosa lucta, vendo o territorio da patria inopinadamente invadido do modo mais barbaro, acabára o soberano de completar 39 annos — esplendido typo, então, de homem em pleno vigor da idade, magnificos cabellos e barbas loiros a ornar um rosto liso, cheio de serenidade e magestosa irradiação.

Ao terminar a guerra, cinco annos depois, em

1870, transformára-se D. Pedro II num velho, testa sulcada de fundas rugas, cabeça totalmente branca, barbas sem mais um fio dourado, tudo a indicar bem claro quanto padecêra por todo o seu povo e de que maneira com elle se sentia identificado.

Com a valentia de reconstituição que têm as nações, sobretudo novas, por mais açoutadas que sejam pelo rigor da sorte, renasceu o Brasil ovante de força e viço; mas tal não é mais possível ao individuo que poz o pé no caminho da velhice e tem, desde ahí, de seguir o desconsolador ramo do declínio, na parabola da vida.

A sua mocidade, com todos os risonhos e gratos attributos, entregou-a o Imperador completa ás incessantes preocupações daquelles cinco longos e angustiosos annos, prompto, aliás, para outros bem mais decisivos sacrificios, reproduzindo, sem vacillação nem apparato a abnegação de Codro, se para tanto fosse preciso.

E essa mesma guerra do Paraguay, questão vital, irremediavel, de pundonor nacional, repulsa de quem recebera em plena face estrondosa bofetada, quanto depois não foi ella commentada, attribuindo-se-a até a simples capricho dynastico de D. Pedro II!

Entretanto, em 1865, dizia o sabio e honesto Agassiz, renunciando os successos e uma linha inflexivel de conducta, que o futuro em todos os pontos confirmou: «Tudo quanto sei desta terrivel campanha convenceu-me que foi emprehendida por motivos de dignidade que de todo não podiam ser escurecidos ou soffreados. Sei egualmente, que, deixadas de lado tacanhas intrigas de individuos, inevitavel cortejo desses grandes movimentos, é ella levada com intenções de absoluto desinteresse. Merece o Brasil nessa campanha as sympathias do mundo civilisado, a lutar com uma organização tyrannica, semi-clerical

e semi-militar, que tomando o titulo de republica, deshonra o bello nome por ella usurpado».

Ah! esse bello e fascinante nome, miragem enganadora aos olhos inexperientes da mocidade em sua generosa exaltação, quanto não serve de capa aos mais monstruosos abusos!

Que diria Agassiz em 1896 d'esta nossa republica, felicitada já por tantos horrores, tão cercada de incertezas e apprehensões, tão sitiada por insaciáveis ambições e curvada, em sua resignação de predestinada e mansa victima, ao peso de uma divida, afinal confessada de um milhão e oitocentos mil contos?!

E o argumento predilecto para tudo dar de barato, attenuar e explicar é que a culpa provem do imperio e do Imperador!

Benemerito D. Pedro II, só o povo é que, no imo, sabe fazer-te justiça! Um dia, no Instituto Historico brasileiro, um thuriferario de occasião, talvez de entre esses que, por acclamação, sentaram Deodoro da Fonseca, generalissimo e dictador, na cadeira occupada quarenta annos pelo Imperador, lembrou a urgencia de se nomear uma commissão afim de colligir dados para a elaboração de extensa biographia do monarcha.

— Biographia? impugnou elle. Não pensem nisso. Aliás é simplissima. No alto de uma folha de papel escrevam a data do meu nascimento e o dia em que subi ao throno; no fim, quando falleci. Deixem todo o intervallo em branco para o que dictar o futuro; elle que conte o que fiz, as intenções que sempre me dominaram e as crueis injustiças que tive de supportar em silencio, sem poder jámais defender-me!»...

Proseguia, porém, violenta a guerra do Paraguay.

Que triumphos os de Riachuelo, Confluencia, Itaipirú, Estero Bellaco, 24 de Maio, Curuzú!

Como era festejada a heroicidade dos nossos soldados e marinheiros! Que delirio á chegada de qualquer noticia favoravel!

Em contraposição, que angustioso aperto de coração, quanta dôr no Brasil, tão unido então, tão um do Amazonas ao Rio Grande do Sul, ao saber-se do desastre de Curupaity, quando perto de 5.000 brasileiros e aliados ficaram estendidos sem vida diante do tremendo baluarte!

Que dias aquelles em que Fagundes Varella, em arroubadas estrophes a D. Pedro II, implorava:

« Oh! não consintas que teu povo siga
Louco, sem rumo, deshonroso trilho!
Se és grande, ingente, se dominas tudo,
Tambem da terra do Brasil és filho.
Abre-lhe os olhos, o caminho ensina,
Aonde a gloria em seu altar sorri.
Dize que viva e viverá tranquillo;
Dize que morra e morrerá por tí! »

Heroico esforço fizeram a nação e o Imperador, que afinal viu vencedora a idéa pela qual em vão luctára desde o inicio da guerra, collocar-se á frente do exercito brasileiro o velho marechal marquez de Caxias.

E o Brasil recommçou a lutar.

Sim, naquelle tempo havia povo; esse mesmo povo eliminado a 15 de novembro de 1889, atirado á margem com uma sem-ceremonia rara, de que bem poucos exemplos ha na historia chamada dos povos.

Dahi tambem a sua concentração logica e systematica.

Verdade é que convidado a concorrer aos comicios, a votar, a animar as eleições e interessar-se

aos pleitos, desde a revolução republicana absteve-se, absteve-se em massa deixando que ás urnas viessem quando muito, como frequentemente se viu no Rio de Janeiro, num eleitorado de vinte e cinco mil qualificados, mil e poucos votantes, esses mesmos infelizes empregados publicos sujeitos á mais immediata pressão para darem ganho, apparente, irrisorio, de causa ao candidato official.

Tudo isto se prende concatenadamente de élo a élo.

Não fallou até agora o povo, ainda não deu opinião, ainda não externou o que pensa sobre tudo quanto se tem passado, desde que pretenderam supprimil-o, interdizendo-o, tutelando-o, constituindo-o em apertada clausura moral, como quer, aliás, e ensina a escola de Augusto Comte.

Póde-se, por acaso, comparar, nem de longe, o abalo produzido pelo attentado contra a Ilha da Trindade com o fremito immenso que levantou, no seio deste mesmo povo, a questão muitissimo menos grave Christie, quando em multidão, ondas sobre ondas, correu a S. Christovão buscar o Imperador e com elle formou um só corpo, soltando rugidos de leão ferido? E com que ardor se preparou para a eventualidade de uma guerra com a poderosa Inglaterra, ao passo que nos chegavam as mais completas e honrosas satisfações, a primeira das quaes foi a inutilisação da carreira diplomatica daquelle imprudente e ousado representante!...

No Rio de Janeiro, nunca, talvez, se fizeram festejos publicos como os de 1894, ao começar o governo civil de Prudente de Moraes.

Gastou-se dinheiro a rodo, mas, força é convir, o conjuncto da illuminação e o gosto e riqueza das construcções foram, na realidade, inexcediveis. Onde, porém, o povo?

Houve immensa concurrencia, dezenas e dezenas, senão centenas e centenas de milhares de espectadores, tudo na melhor ordem, sem o menor disturbio; mas a alma nacional jámais esteve alli. A todos dominava a simples e pueril curiosidade das massas, avidas de qualquer distracção; tudo aquillo, porém, as galas officiaes, o continuo desfilar de tropas luxuosamente fardadas, as paradas, as salvas, o proprio monumento do glorioso Osorio, as exageradas zumbaías aos *amigos* orientaes, nada mais significavam á mente sensata e justiceira do nosso povo, *brando e soffredor, senão a consagração, sardonica e altaneira, de uma iniquidade, da qual felizmente não fôra elle cumplice...*

XI

Prestigiado, na phrase de Salles Torres Homem, pela pericia militar e pela felicidade pessoal, reorganisára o marquez de Caxias, nos campos do Paraguay, o exercito confiado ao seu prudente tino; puzera cerco a Humaytá; a tomára e marchára, de victoria em victoria, em perseguição de Solano Lopez. Diziam, porém, que não se sentia a gosto com o partido liberal no poder, achava-se peado nas suas deliberações e suspirava pela ascensão politica dos seus correligionarios e amigos de todos os tempos.

Nesse sentido se empenhavam com a maior energia e firmeza de vistas os conservadores arregimentados em cada uma das provincias, sobressaltados, como todo o paiz, pelas delongas daquella longinqua campanha, que aluía o nosso credito, fazendo baixar o cambio, *ainda que só por horas, a 14, limite minimo*

durante todo esse anciado periodo de existencia nacional. Subira a libra sterlina a 17\$300.

Que é isto, porém, em confronto com os cambios do regimen republicano, quando a libra attingiu a mais de quarenta mil réis! no decurso de um anno da presidencia civil, que tantas esperanças suscitára, após empréstimos sobre empréstimos e feita a pacificação do Rio Grande do Sul?

Agitava-se, de todos os lados fremente, a imprensa conservadora, abrindo brécha com os seus ataques habeis e vehementes, ao gabinete Zacharias, valentemente guiada por José de Alencar no *Correio Mercantil* e Ferreira Vianna no *Diario do Rio*.

Com que fogo perorava, pouco antes do 16 de julho, quéda do ministerio liberal, em todas as rodas, o velho Navarro de Andrade.

— Que homem, o Vianna! Noventa artigos de enfiada! Tres mezes, sem faltar um só dia! Que artigos!... Um ariete, cada qual delles!

E ainda temos na retina esse Navarro a percorrer a rua do Ouvidor, no dia da demissão do gabinete liberal, acompanhado de grande multidão, a dar freneticos vivas e carregando enorme bandeira nacional. Caracterisava-o estrambotico chapéo de feltro acinzentado á maneira de um capacete de official inglez nas Indias, ao redor do qual se enrolava comprido e grosso guardanapo branco.

Estamos afinal salvos! era o sentimento geral.

Não é ponto duvidoso nem controverso: subiu o gabinete Itaborahy com muita força. Delle fazia parte José de Alencar, que foi occupar a pasta da justiça, com applausos de todos.

Correu, então, como certo, que o nome de Ferreira Vianna fôra nos preliminares da organização ministerial, repellido pelo Imperador, magoado, aliás como teria carradas de razão, por se ver na *Conferencia*

dos divinos equiparado a Caligula e Nero, dous dos maiores monstros da humanidade.

Que aberração, também, a desse notavel publicista, affeito, desde verdes annos, a estudos sérios e sinceros, bondoso no fundo, produzir e dar aos prélos semelhante pamphleto, legitimo e bem grave peccado da mocidade!

Não teve, porém, aquella intriga, filha só de interesseira politicagem, o menor fundamento, o minimo vislumbre de verdade; mas as consequencias da enredadora insuflação foram bem deploraveis, azeitando o animo do provecto e tão applaudido parlamentar contra a pessoa do Imperador.

D'ahi decorreram innumeras apreciações repassadas de fel e amargura; d'ahi aquellas tão repetidas phrases *Cesar caricato, príncipe conspirador, quarenta annos de perfidias e mentiras*, que dolorosamente repercutiram no largo coração de D. Pedro II e tanto serviram — com bem firmada base — para a propaganda republicana e para o descredito das instituições monarchicas.

XII

Acto da maior sabedoria e do mais bem inspirado patriotismo foi, por parte do Imperador, a inversão politica de 16 de julho de 1868, embora parecesse firmar-se em bons fundamentos a moção proposta por José Bonifacio e unanimemente approvada, com excepção de quatro ou cinco votos conservadores, a 17 d'aquelle mez, pela camara dos deputados.

Via ella, dizia a indicação, «com profundo pezar e geral sorpresa, o estranho apparecimento do gabi-

nete Itaborahy, gerado fóra de seu seio e symbolizando uma nova politica, sem que nenhuma questão parlamentar tivesse provocado a quédá do seu antecessor.

Amiga sincera do systema representativo e da monarchia constitucional, a camara lamenta este facto singular, não tem, nem pôde ter confiança no governo.»

Além, porém, da defeza de uma das mais importantes prerogativas do poder moderador, conforme o proprio Zacharias confessou no Senado, em suas explicações acerca da retirada do gabinete que presidia, tinha D. Pedro II por si a *suprema lex*, e isto se nos põe hoje bem claro ante os olhos.

Muito cogitou o monarcha no caso, e a unica solução que achou ás difficuldades, cada vez mais apertadas em que se debatia a nação, foi essa.

Se, com effeito, o marquez de Caxias, cujas relações com o governo iam se tornando progressivamente menos cordiaes, alquebrantado pela idade e sob a influencia de velhos achaques, tivesse se retirado do Paraguay, deixando o exercito esbarrado diante das formidolosas linhas de Pekisiry que, apoiadas em uma série de pantanos invadeaveis, fechavam todo o paiz e impediam a marcha das nossas tropas sobre Assumpção, incalculaveis haviam de ser para o Brasil os desastres, exgotada, de um lado, como já se achava a série dos nossos mais conceituados e aproveitaveis generaes, e, do outro, ficando Solano Lopez, com quem se não podia transigir, ainda de posse da sua capital e de grandes recursos militares.

Bem que perdida Humaytá, que tanto trabalho dera para transpor e tomar, todas as probabilidades de exito final penderiam, sem duvida, para o dictador paraguay, eternisando-se, então, a campanha já

tão demorada, até ao esgotamento por cansaço dos belligerantes.

Cumpria, pois, a todo o transe rodear o velho marechal da maior somma possível de força e de prestigio, a bem da salvação publica. E assim fez o Imperador, depois de maduramente pezar todas as razões pró e contra, violentando, afinal, a vontade tantas vezes manifestada, de respeitar sempre o parlamento, apesar dos reconhecidos vícios de organização, contra os quaes de continuo protestou, pois contra elle iam bater as mais acerbos accusações e todos os effeitos dos desenganos politicos e despeitos malferidos.

O *sorites* de Nabuco de Araujo foi na realidade o agudo e percutiente acúleo que, dia e noite, durante o seu longo reinado, punção o monarcha nos esforços por elle desenvolvidos com a maior sinceridade afim de impedir a educação concatenada e o fechamento daquelle cyclo ou circulo vicioso.

— Como é feliz o soberano na Inglaterra, exclamou, não uma, mas muitas vezes D. Pedro II; conhece exactamente a opinião publica e tem sempre por si esse guia seguro, essa bussola fiel e salvaguarda.

O unico politico que, uma feita, o ajudou efficaçamente nesse sentido foi José Antonio Saraiva, em 1881; d'ahi tambem o altissimo conceito em que desde então o teve, exagerado até, a ponto de dar razão ao apellido de *Messias de Pojuca*, com que chrismaram aquelle excepcional presidente de conselho de ministros, capaz de consentir uma eleição livre e ver derrotados até membros de seu gabinete.

— Sempre sympathisei com o Saraiva, costumava dizer o Imperador, mas depois da sua honesta abstenção eleitoral, tudo me merece. Creio, entretanto, que não me retribue na mesma moeda, pois esqui-

va-se quanto possível, de me ver e estar commigo. Muitos annos passou sem apparecer em São Christovão. Não lhe levo isto a mal, mas sinto deveras.

Que força e autoridade não teve no Brasil esse Saraiva! Era comtudo bem fraco estadista. Segundo as folhas do tempo, não lia senão um ou outro numero da *Revista dos Dous Mundos*, esse mesmo quasi sempre atrasado de não poucos annos.

Tomou cunho de indiscutivel authenticidade e é, aliás, bem conhecido um trecho de conversa sua com o corretor de fundos, Lara Tupper, que lhe fôra propôr cambio a 20 ¹/₂.

— Ora, exclamou com impaciencia Saraiva, de fresco ministro da fazenda, tenho quem m'o dê a vontade, quanto queira, a 15, e o senhor me exige premio tão mais alto?

Confundia cambio com juro!

Proclamada a republica em 1889, adheriu Saraiva, sem enthusiasmo algum e muito vacillante até, á nova ordem de cousas e, por condescendencia deixou-se nomear senador pela Bahia por indicação expressa do conselheiro Ruy Barbosa, que lhe dirigiu a mais lisongeira e calorosa saudação.

Antigo collega do senado vitalicio, encontrando-o no Rio de Janeiro, interpellou-o com vivacidade.

— Então que idéa essa sua? perguntou. A que estímulo obedeceu o Sr. sempre tão cauteloso e reflectido?

— Ser util ao Brasil, respondeu-lhe Saraiva. Quero ver si levo com geito estes *meninos*, se os guio; senão muito terá que soffrer o paiz todo: depois retirar-me-hei da politica. E, demais, simples ensaio... pretendo...

— Ah! pensa então que é ainda o Messias de Pojuca?! interrompeu o outro, que, irritado, bruscamente se retirou.

Não tardou muito e teve, com effeito, Saraiva de reconhecer quanto se enganára e em que terrivel equivoco cahira, tratado pelos *meninos* por modo altamente offensivo ao melindre de um dos seus sentimentos predominantes, a vaidade.

Era, porém, um caracter probo, inteiriço, patriota dos mais desinteressados e foi do que mais necessitou sempre o Brasil, não de grandes intelligencias e profundas illustrações, ás vezes bem fataes á terra que infelizmente lhes foi o berço.

Voltemos, porém, ao que diziamos.

D'aquelle acto de iniciativa imperial decorreu imperiosa a permanencia no Paraguay, á testa das forças alliadas, do idoso e experimentado Caxias, e d'ahi a successão ininterrompida de feitos de guerra e victorias, que o constituem um dos vultos mais eminentes da historia militar das duas Americas, desde a tomada de Tebicuary, a ousadissima e nunca assaz admirada passagem pelo insidioso Chaco, o contornamento inesperado de Pekisirí, a batalha campal de Avahy, a insulação de Angustura, até aos tres memoraveis dias de violentissima lucta, debaixo de chuvas torrencias, em Lomas Valentinas, ao finalizar-se o mez de Dezembro de 1868.

Começou já a raiar serena e luminosa para Caxias a justiça da posteridade e, a proposito ultimamente da pacificação do Rio Grande do Sul, foram o seu nome e os seus exemplos lembrados com admiração e reconhecimento; mas ainda não mereceram devido apreço os seus inexcusaveis serviços em prol da integridade d'este vastissimo Brasil, tentando a audacia de escrevinhadores, sem orientação nem estudo das cousas patrias, collocar-o abaixo dos turbulentos e mesquinhos ambiciosos, que, tantas vezes, buscaram fragmentar este grandioso todo, comparado pelo visconde de S. Leopoldo a colossal e

maravilhoso vaso de alabastro, a nós transmittido pelos portuguezes sem a menor falha que o afeiasse e lhe diminuísse o inestimavel valor.

E na imprensa os liberaes todos e no senado Zacharias, Theophilo Ottoni e Silveira Lobo vilipendiaram de mil modos Caxias e o cobriram de baldões, não o chamando senão de supino ignorante e analfabeto.

A graves injustiças levam os excessos do partidario! Tive em mãos irrecusaveis provas de que esse brasileiro, illustre entre os mais illustres, foi notavel até como escriptor, e não escasseando os elementos de documentação nas muitas cartas que d'elle possui todas de lettra sua desde a primeira palavra até á ultima, na mais animada e expansiva correspondencia com um amigo de largos annos.

XIII

Explicára José de Alencar a gravidade do momento por modo que triumphantemente respondia á moção José Bonifacio.

«Ha circumstancias, dizia elle, excepcionaes em que a simples conservação seria insufficiente para preservar o systema da ruina. Taes crises motivadas pela extravasão de um poder e inercia de outros produzem o emperramento de todo o mecanismo politico e logo depois a corrosão e completo aniquilamento.

«Momento semelhante é o da nossa actualidade.

«A depravação do poder legislativo e dependencia do judiciario, por um lado, e, por outro, exorbi-

tância do executivo pralysaram entre nós o governo representativo.

«É para estas grandes crises que a Constituição armou o monarca também de uma acção impulsora, capaz de restaurar o systema.

«O discrimen de iniciativa imperial, que essencialmente a distingue de qualquer outra é de funcionar acima da própria Constituição. Esta attitude reclama um termo novo. A força activa do poder moderador é sobreconstitucional, elle se exerce em um espaço superior, intermedio entre a Constituição, soberania escripta e anterior, e o voto latente e actual.»

Quanto tudo isto é dito com exactidão e justiça! Que considerações tão bem ponderadas e que remedio tão especifico e seguro contra o falseamento systematico das eleições, chegadas a inconcebivel escandalo, grotesca comedia a custo do pundonor e da vontade popular, patensamente manifestada pelos votos das urnas!

Após o 15 de Nembro foi a gargalhada mais estrondosa de desprazo, mófa, ridiculo e escarneo, atirada pelos dominadores autocraticos da situação *soi disant* republicana face da verdade e da nação.

«O imperador, continua José de Alencar, com um acto seu modifica ou altera um poder; não na essencia juridica das attribuições, mas na essencia moral da personalidade.»

Onde essa grande consciencia nacional para pensar todos os excessos e abusos commettidos sem o menor pejo e pôr freio ás suas consequencias, que levam o povo ao ludrio de tudo, ao desprestigio das menores noções do justo e do honesto, á bancarrôta vergonhosissima e a calamidades sem mais attenuação possivel?

«A dissolução do parlamento prosegue o eminente publicista, não um acto violento como fal-

samente o consideram os partidos sem base, que só fazem as eleições pela força do poder. É um acto, ás vezes de energia, ás vezes de consummada prudencia, mas em todo o caso essencialmente liberal.»

Que falta fez ao Brasil o funcionamento de todo esse mecanismo, as camaras restauradas no seio da nação e não filhas sómente da pressão official e da subserviencia aos potentados do dia!

Volvamos depressa os olhos para o consolador passado.

Hauriu logo valiosas forças na opinião nacional e estrangeira o gabinete Itaborahy, e disso foi prova, já á immediata subida do cambio, já o completo exito, nunca assim esperado, do emprestimo interno de 30 mil contos, lançado, um mez depois da ascensão ao poder, por aquelle ministro da fazenda.

Patenteou-se o maior enthusiasmo para a subscrição publica, parecendo até a muitos exageradas as condições propostas pelo governo.

Entre os que mais se empenharam em encorajar o ministro Itaborahy, bastante receioso ao ter que arriscar aquella partida, distinguui-se o Dr. Joaquim Teixeira Leite, um dos promotores, senão o chefe, do chamado *movimento de Vassouras* que combateu de frente as idéas do marquez de Paraná sobre vias ferreas e afinal venceu o teimoso estadista.

Como Thiers, que tambem proclamára, em 1841, *les chemins de fer ne peuvent pas convenir á la France*, o voluntarioso presidente do gabinete 6 de setembro de 1853 era de parecer que as estradas de ferro concorreriam para a ruina do Brasil.

— Cada trilho de ferro, dizia elle emperradamente, nos ha de custar como se fosse de ouro; nem ha trafego que pague a simples construcção até á base da Serra do Mar.

Taes prevenções, porém, tiveram que ceder cam-

po á salutar e fecunda agitação iniciada na cidade de Vassouras, graças ao senso pratico e benefico influxo da importante e opulenta familia Teixeira Leite, preponderante durante decennios, em larga zona das provincias do Rio de Janeiro e Minas. Com insistencia buscára o Dr. Joaquim Teixeira Leite persuadir ao visconde de Itaborahy:

— Nada de receios. Ha demasia nas condições offercidas aos subscriptores. Reduza-as, pois esse onus para o futuro se tornará bastante pesado. E quem assim lhe falla será um dos primeiros e não pequenos tomadores. Annuncie o emprestimo a 95 e, ainda assim, haverá rateio.

Hesitou o desconfiado financeiro, que queria pisar com segurança nesse primeiro passo; mas os successos consecutivos deram plena razão ao patriotico aconselhador.

E, cousa interessante, era o arrojado conselheiro do Visconde de Itaborahy espirito inclinado a negro pessimismo, com intermittencias da mais inopinada e fogosa confiança no futuro e nos destinos do Brasil.

Ha disto attestado bem curioso.

Ao começar-se a guerra do Paraguay, declarou tudo perdido, sem remissão possivel, e incontinentemente passou para a Europa todos os seus haveres liquidados e disponiveis, perto de mil contos de réis, talvez mais.

E quando tudo parecia justificar a suspeitosa providencia e o cambio descia gradativamente tendendo a 14, eis que, de subito, mandou repassar de Paris e Londres toda a sua fortuna e com isto a duplicou, dobrando, como se diz familiarmente, pés com cabeça.

Conhecemol-o em 1872, anno do seu fallecimento, dominado ahi só pelas apprehensões mais ferozes e sinistras.

— Os senhores verão, prophetisava, eu não, que breve me despeço desta vida. As cousas hão de ir de mal a peor. Far-se-ha a abolição e depois, quando menos se espere, a republica. Ahi o esboroamento será completo. Cada provincia, cada municipio puxará para o seu lado, e a delapidação dos dinheiros publicos tornar-se-ha pavorosa. Não haverá mais ordem nem liberdade possiveis, e a anarchia reinará de todos os lados, fomentada pelos maiores escandalos...

E accrescentava triste e abatido:

— Entretanto, este povo brasileiro é tão bom, tão cordato, tão digno de melhor sorte!...

Enxergava longe e certo o Dr. Joaquim Teixeira Leite.

XIV

Correspondendo ás esperanças despertadas, mostrou-se o gabinete 16 de Julho laborioso e fecundo, de estatura a enfrentar com as gravosas difficuldades da situação e lhes poder dar prompto e efficaz remedio. Activou-se energicamente a guerra — ponto capital — pelo reerguer do credito no interior e exterior e pela remessa successiva de numerosas levas ao passo que se decretavam bem pensadas medidas para regularisação das finanças ante os pesados encargos do thesouro publico. De outro lado, a instrucção publica mereceu do ministro do Imperio, Paulino de Souza, os mais zelosos cuidados, recebendo novo impulso todos os mais serviços administrativos.

Nesse notavel gabinete, composto de homens de primeira plana, representou José de Alencar papel saliente, sendo certo que o Imperador o tratava e dis-

tinguia por modo a causar até algum estremecimento entre os collegas. Animadissimas eram, em qualquer occasião de folga, as palestras de character privativamente litterario, mostrando-se o soberano conhecedor minucioso e reflectido de toda a obra, já consideravel, do illustre escriptor e politico.

De entre os actos ministeriaes destacaremos um, que parece haver sido depressa esquecido, mas, de facto, tinha enorme alcance moral.

Com sincero alvoroço, em homenagem áquelle vulto, o traremos de novo á luz, inscripto, conforme deve sel-o, entre as memoraveis datas que assignalam, como luminosos marcos, os multiplos estadios dessa longa e cansativa campanha, tão valorosamente encetada por Eusebio de Queiroz e scintillantemente concluída, para gloria do Brasil-Imperio, a 13 de Maio de 1888.

Foi José de Alencar quem, a 15 de setembro de 1869, prohibiu a venda de escravos debaixo de preção e em exposição publica, e assim pôz termo ás nojentas e degradantes scenas do Vallongo, que tanto rebaixavam toda a nação.

Que allivio para os corações philantropicos e bem formados a cessação daquellas indignas scenas que tamanha celebridade deram e para sempre macularam com indelevel stigma esse nome, aliás, doce, e euphonico do Vallongo.

Alli se expunha á venda, na mais aviltante promiscuidade de sexos, ambos semi-nús, a carne humana, que avidos negociantes e intermediarios de fazendeiros ou lubricos amadores iam á farta estudar, demorando-se no mais minucioso exame para terem certeza de que adquiriam boas e sadias peças, já elemento seguro de valente trabalho, estimulado pelo azorrague dos feitores, já fonte e machina de barata volupia. Que ardente e asquerosa licitação não pro-

vocavam os bonitos olhos ou os dentes claros de uma desgraçada escrava?! Quantos negros velhos e estropeados não eram dados de *quebra*, como simples amabilidade a freguezes de lótes numerosos! Quantas malsinadas creanças, creolinhas e mulatas, compradas ainda em tenra idade, para serem mais ou menos bem tratadas até o momento do sacrificio ao Moloch da mais vil luxuria e em seguida entregues á prostituição, como meios de rendosos proventos!

A tal respeito, lembremos de passagem um nome, que não deve ser facilmente olvidado, o do delegado de policia Miguel José Tavares, que, ainda muitos annos depois, desvendou os mais nauseantes mysterios e, com toda a energia, expurgou esta capital de inexprimiveis indignidades.

Fez, pois, José de Alencar cessar para todo o sempre os taes ignobeis leilões á sombra da Lei. Tomaram, d'ahi por diante, as transacções feição senão clandestina, pelo menos mais cautelosa e reservada, não d'aquella torpissima exhibição publica e escancarada a suscitar tantas miserias e vergonhas.

Escravidão, quanto mal fizeste ao Brasil! Nunca será de mais amaldiçoar-te, cobrir de violentas objurgações a tua simples lembrança!

Procura hoje a injustiça de escriptores, ou cegos pela paixão politica, ou anciosos por se libertarem do onus da gratidão, fazer crêr, que a abolição foi acto de méra iniciativa dos que por ella se consagraram, pondo de lado o influxo que emanou constante, solícito, vigilante, inflexivel na sua marcha calculada, paciente e ininterrompida do Throno bragantino.

Qual, affirmam agora com a maior despreoccupação, já real, fingida, da verdade historica, nada ou bem pouco se deve a D. Pedro II e á sua augusta filha, a Redemptora! E, suggerindo interesseiro e ta-

canho mobil, que desvirtua as mais nobres acções humanas, accrescentam: Se fizeram alguma coisa, foi com vista á popularidade, que não lograram alcançar, estratagemas pueril que mais lhes apressou a queda! Tudo havia de conseguir-se a poder de *meetings* e de discursos. Os elementos de opposição não poderiam seriamente resistir ao esforço de meia duzia de homens de boa vontade. Tinham as fazendas que abater bandeiras ante a eloquencia dos batalhadores das cidades, dos grandes centros de civilisação. Pelo contrario, só serviu a Corôa de obstaculo, de freio ao carro que poderia ter ido á disparada. Não fosse ella, e a abolição far-se-ia, dez, vinte, trinta ou cinquenta annos atraz.

Não fosse ella, pode-se asseverar, ainda agora haveria escravidão no Brasil, embora proclamada a republica.

Ficaria, de certo, fóra d'aquelles decretos de afo-gadilho, que não foram obtidos da opinião publica após longo preparo da propaganda, mas impostos ao povo ainda *bestialisado*; e a razão dessa exclusão a deu Machiavel em sentença, bem deprimente para a humanidade, mas por vezes apresentada nas Camaras como argumento dos mais valiosos e impressionantes em pról da manutenção de escravidão:

«Mais facilmente perdôa um filho o assassinato dos paes, do que a expoliação dos seus bens.»

Entretanto, que trabalho o de D. Pedro II, dia e noite, para levar com toda a prudencia, mas a maior firmeza de vistas, o temeroso problema, desde o inicio, por elle mesmo suscitado, até a sua ultima e resolutive equação! Quanta cautela para não ferir logo de chofre interesses maximos, para lhes attenuar os golpes successivos, contendo os impacientes, incitando os retardatarios, ora avançando, ora pare-

cendo recuar, mas sem nunca tirar os olhos do objectivo collimado! Que força de vontade em reprimir os impulsos intimos que, por certo, de subito o levariam longe demais! Que bem combinados planos de consummado estadista para ir, a pouco e pouco, desarraigando do organismo nacional o abominável cancro, á maneira de humanitario e habilissimo cirurgião, que, de bisturi em punho, poupa quanto possível a carne e o soffrimento do paciente e vae, fibra por fibra, filamento por filamento, desprendendo todas as raizes do profundo mal, para afinal extirpal-o! Que influencia, no seio dos ministerios e no terreno da propaganda, cada uma das suas palavras, o menor gesto seu e attitude de occasional retrahimento ou sympathia!

E D. Pedro II nada fez pela abolição! Tudo foi effeito e evolução do sentimento republicano, a preparar o terreno para a victoria de 15 de Novembro!

Felizmente ahi vem, para elucidar esses pontos todos, a historia, e esta esperanza a nutrimos intima e consoladora, pois não pertencemos ao grupo dos pessimistas que a fazem simples tecido de apreciações pessoaes em certo momento dado e até de clamorosas inexactidões.

Por mais offuscantes que aos olhos da posteridade se apresentem legendas formadas e tradições emocionantes adrede espalhadas e transmittidas por um interesse de occasião ou por méra leviandade, tudo tem de ser tirado a limpo a bem da verdade; e para tanto, de vez em quando, apparece um Hippolyto Taine, calmo, superior ás impressões subitaneas, legitimo benedictino em seu gabinete de meditação e na paz de uma consciencia fechada a todos os rumores do mundo, a esmiuçar o que foi a Revolução de 1789, e o republicanismo de 1793, a en-

carar de frente e com olhar sereno e friamente indagador esse *noli me tangere* dos exaltados de boa ou má fé, a decompôr, no prisma da justiça e da seriedade historica, os fulgorosos raios dessa pretendida libertação do homem e restauração da sua dignidade e a patentear com a maior evidencia e irrefutavel documentação, que todos aquelles precipitados actos e emphaticas declamações, todos os inauditos horrores, que se lhes seguiram, nada mais fizeram do que perturbar a deducção natural de premissas já assentes, atrazar a França e a humanidade e aggravar os padecimentos do povo — o eterno ludibriado.

Que atrocidades então!

E todas as monstruosidades dos Marats, dos Robespierre, dos Dantons e de tantos outros sinistros apóstolos da liberdade de menor renome, os Carrier, os Collot d'Herbois, que se não nos deparam excedidas entre os povos mais rudimentares e sanguinarios todos os *intemeratos* republicanos tem que as encampar pela irrevogavel imposição de Jorge Clémenceau: «*Il faut prendre la Révolution en bloc*».

Por acaso, a mais poderosa das republicas, a unica, para assim dizer, no mundo, os Estados Unidos — e assim mesmo quanto desilludido Elisée Reclus depois de tel-a visitado! — precisou da pratica de semelhantes idéas de carnificina para se consolidar e attingir a grandeza que ostenta? A aceitação dellas, pelo contrario, nas republicas sul-americanas é que as tem desorganizado e feito miseravelmente cahir nessa successão de tyrannos e dictadores, que tanto as deshonram.

Desde 1889 é, porém, entre nós, de moda e de bom e leal patriotismo tudo negar aos benemeritos soberanos que se sentaram no throno do Brasil.

D. João VI? Ora, simples mentecapto, ridiculis-

sima figura, grotesco poltrão! Quantos beneficios comtudo não lhe deve esta terra!

D. Pedro I? Pois foi elle quem nos tornou independentes, quem nos constituiu nação autonoma, nos deu esta vastissima patria?

Engano manifesto! Era perfeitamente dispensavel em 1822, pois tudo dependeu do ardor inflamado e da habilidade deste ou daquelle patriarcha, no fundo muito bom republicano. A tal estatua do Rocio Grande é simples *mentira de bronze*, que os legitimos patriotas deveriam derrubar, á guiza do que fizeram em Paris os communistas com a columna da praça Vendôme.

E já o tentaram, impedidos em grande parte pela generosa mocidade da Escola das Bellas Artes, que, unindo-se ao povo e o guiando, valentemente fez frente á selvajeria e salvou da destruição o magestoso monumento, como raros os possui o orbe civilisado.

Que magnificos grupos, com effeito, lhe adornam o supedaneo! Quanta observação e estudo nos minimos pormenores! Que animação e vida no cavalleiro e no fogado ginete! Que sombras vigorosas e que soberbo realce, quando nelles bate o sol de chapa!

Sem contestação é notabilissima obra de arte, contra a qual não se póde levantar profana mão, seja lá qual fôr a opinião professada.

A proposito de Pedro I, existe precioso opusculo de um republicano de todos os tempos, o Dr. André Peixoto de Lacerda Werneck, em que, por bem honrosa excepção, a realçar-lhe mais os meritos, fica á evidencia provado que, sem aquelle principe, nada se teria feito em 1822, dependendo tudo exclusivamente d'elle e dos seus arroubados e notabilissimos intuitos.

«Vê-se, diz o consciencioso publicista pelo que anteriormente foi narrado, que se deveu o *Fico* (9 de Janeiro) á resolução espontanea e energica de D. Pedro, que se tornou o verdadeiro director politico da época. A essa solução foi alheio o proprio José Bonifacio, que chegado ao Brasil em fins de 1819, se retirára para S. Paulo, não se envolvendo em politica geral e só chegando ao Rio de Janeiro a 17 de janeiro de 1822, depois de estar dado o passo mais importante para a independencia definitiva do Brasil.

«Nesse dia do *Fico*, D. Pedro nomeou novo ministerio, de que fez parte José Bonifacio. Vindo este de S. Paulo e parando em Santa Cruz, soube pela princeza (D. Leopoldina) da sua nomeação para ministro e declarou não aceitar, resolvendo, afinal, o contrario, a pedido dessa Senhora. D. Pedro sabia da alta popularidade de José Bonifacio e, se bem elle e a familia não tivessem até então tomado parte activa no movimento, quanto poderiam auxilia-lo.

«De facto, José Bonifacio, achando já as cousas bem encaminhadas por D. Pedro, soube desenvolver muita actividade e energia (verdadeiras qualidades de homem de Estado eminente e creador, acrescentaremos) e concorrer para o conveniente desfecho dos acontecimentos, que se iam rapidamente succedendo.»

De 25 de março a 25 de abril percorrêra o principe a provincia de Minas Geraes, accordando-a ás idéas de liberdade. Acclamado a 13 de maio *defensor perpetuo do Brasil*, titulo a que elle e o filho deram a mais completa e formosa realidade com abnegação e magnanimidade sem limites, a 13 de agosto partiu para S. Paulo, onde chegou a 15; mas a 5 de setembro já seguia para Santos, quando, a 7, proclamou, junto ao Ypiranga, a independencia.

E naquelle tempo, quanto incommoda qualquer viagem, o minimo deslocamento de logar! Para D.

Pedro não havia cansaço, nem tropeços, dominado pelo genio anhelante de glórias.

Tudo, porém, adrede se escurece actualmente, tudo se amesquinha, tudo é até motivo de baixo ridículo e de chacota. Inventase um sopro subtil uma pretensa influência republicana a actuar de continuo e bem occulta, força é convir, que dirigiu os successos e conseguiu gradativos resultados em favor da final expansão, quando chegada a oportunidade.

É a obsessão daquelle ricaço político radical, que, soffrendo de violentos rheumatismos, nas crises de dôr exclamava, ameaçando os ares com os punhos fechados: « Infames reis, vís aristocratas! » tornando-os responsaveis dos agudos padecimentos physicos. Quando serenavam, explicava aos amigos: « Felizmente os meus sentimentos de pura e intangivel democracia beneficiam-me o organismo, máo grado as conspirações dos perfidos monarchistas ».

XV

Continuemos na ordem de idéas que seguimos, interpolando o desenvolvimento do parenthesis aberto.

Tratavamos do 7 de setembro, o mais fulgurante dia da nacionalidade brasileira, quer queiram, quer não e embora tentem envolvê-lo nas sombras do olvido e nas dobras da indifferença.

Escriptor tão sympathico quão talentoso, o dr. Rodrigo Octavio Langaard de Menezes, entendeu enxertar no seu livro *Festas Nacionaes* pormenores, inteiramente descabidos, á descripção da viagem de D. Pedro I de Santos ao Ypiranga e circumstancias tanto menos dignas de applausos quanto foi esse li-

vro que traz o distico — educação civica — estripto expressamente para as escolas primarias.

Deu o autor nova mostra de quanto podem conturbar — mesmo ás mais generosas indoles — a paixão ou o convencionalismo politicos.

«D. Pedro, diz o dr. Rodrigo Octavio, de volta de Santos, mandou que a comitiva seguisse adiante, deixando-se ficar atraz para mais desembaraçadamente attender aos reclamos do ventre desarranjado por uma formidavel indigestão, que lhe restava dos *pagodes* da cidade maritima. Em companhia do principe ficou apenas o mais dedicado subdito, amigo de todos os *sacrificios* (1) Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, depois barão de Pindamonhangaba, talvez para segurar a alimaria, enquanto o principe fosse ao mato.» (*Sic, sic, sic*, vinte vezes *sic*!)

Dado que todos esses repugnantes *detalhes*, naturaes á misera contingencia physiologica do homem, fossem exactos, narrados pelo tal Pindamonhangaba, para que, perguntaremos, repol-os ante os olhos da meninice, á guisa de preciosa documentação, sobretudo em occasião tão grave e alevantada como aquella? Teriam por ventura tido influencia na enthusiasica resolução de Pedro I? Relembrai-os, não é rebaixar-nos a todos nós, á patria brasileira?

Comprehende-se o estudo e a analyse do pensador, indo achar nos grãos de areia da bexiga de Cromwell explicação a muitos dos seus actos tenebrosos ou então a insistente referencia de Tolstoi na esplendida descripção da batalha de Borodino, á violenta corysa que acabrunhava Napoleão I e o obrigava a apear-se do cavallo para tentar dormir uns instantes no meio do fragor d'aquella immensa pe-

(1) Nesta phrase falta, sem duvida, a palavra capaz. Fora demasiado fazer esse homem o amigo dos taes sacrificios.

leja, em que o denodado e hirsuto Kutusow fazia frente ao genial invasor da patria russa; mas a que vem, no acto da proclamação da nossa independencia, essa nauseante e tão dispensavel minucia? Concorre, por acaso, para a verdade historica? Nem se tratava de meticulosa e especificada monographia em que tudo se esquadrinhe e tem cabimento, porém, sim de ligeiras paginas, sensivelmente escriptas ás pressas, muito ao correr da penna.

Será que o educador tivesse em mente deixar bem claro ao espirito dos meninos que os reis e principes estão também sujeitos á vassalagem dos minimos actos physicos e ás revoluções de toda a sorte, sem exclusão das intestinaes?

Estará, demais, provado, por indiscrição de quem quer que seja, que D. Pedro empregasse as horas de estada em Santos nalgum grosso pagode? Aquella cidade nunca passou por nenhuma Cápua; e bastaria, para as deprimentes consequencias apontadas, qualquer frigideirinha de camarões e mariscos.

Emfim, longe demais e por escabroso declive nos levaria a explanação d'aquelle trecho scatologico, e cóprico, ensinado á primeira juventude.

Quanto não seria desejavel que o escriptor houvesse eliminado aquella pagina, impregnada, quando menos, de trescalante naturalismo, que não tem razão de ser e deveria ter ficado, a bem da simples decencia, nos recessos da discreta e sigillosa mattaria.

E quanto desvio do justo e do exacto na apreciação e até simples resenha dos factos historicos, mais do que tudo então, na investigação dos intuitos e planos de quem apparece como elemento primario e essencial d'aquelle bello momento nacional!

Como fazer intervir José Bonifacio na determinação do *Fico* e dizer que esse politico « como a serpente biblica na genese mosaica tentou o ambicioso

moço com o pedido de não abandonar os *seus* brasileiros?»?

Mostrou-nos o illustrado e imparcial dr. Lacerda Wernek como, aliás, reza toda a chronica da época, que esse venerando estadista não teve parte alguma em semelhante decisão, ainda em S. Paulo e longe, portanto, do theatro dos acontecimentos.

Como é que se pôde também avançar, que em 1822 a republica teria vindo naturalmente na consecução logica dos factos quando todos os olhos do Brasil em pezo estavam fitos, só e só, em D. Pedro, que actuava no animo dos chefes militares e da tropa portugueza, disciplinada e disposta a energicas repressões, já como revolucionario, já como herdeiro da corôa de Portugal e nesse duplo e contradictorio character os desorientava e punha em cruel perplexidade?

Quem sabe se, embarcando o principe, a 9 de janeiro, para a Europa, em vez de ter resolvido aqui ficar, não estaria ainda hoje, senão o Brasil todo, pelo menos alguma das suas capitancias sujeita ao dominio colonial, como aconteceu com a infeliz Cuba, tanto, tanto tempo anciosa pela sua autonomia a luctar em prôl da liberdade com desesperada energia!

Imagine-se, de um lado, o desanimo nihilificador, a destruição radical de todos os calculos e esperanças dos patriotas separatistas; do outro, o triumpho, a arrogancia de Avilez, Madeira e tantos officiaes portuguezes, contidos tão sómente pela ascendencia regia, sobre elles tão directa e insistentemente exercida.

Digam o que disserem, torçam quanto queiram os factos, D. Pedro que poderia, com mais algum tempo de espera, ter reunido sob o seu sceptro os territorios todos de Portugal e do Brasil, proclamando-se então imperador com muito mais brilho e jus-

tificados motivos portou-se para connosco com uma generosidade e elevação d'alma, que é mais condigno confessar, do que estar a regatear-lhe uma porção minima de reconhecimento. E não é bonito nem produz bons fructos, ensinar á mocidade esquecimento e ingratidão.

Teve aquelle principe, não ha duvida, defeitos graves, muito graves até; mas soube resgatal-os, perante a humanidade, por grandes e cavalheirosos feitos e inexcusaveis rasgos de magnanimidade e nobreza.

Antes de voltarmos a José de Alencar lembremos, já que estamos a falar da mais gloriosa das nossas datas nacionaes, que nas intituladas *festas* da Republica, determinadas por decreto de 14 de janeiro de 1890, só tem havido para o povo brasileiro um momento emocionante e que lhe faz vibrar intima fibra — é quando os primeiros accordes do hymno nacional sôam aos seus ouvidos e lhe acordam o combalido coração.

Ahi sim, sente elle fundamente — evocação instantanea de mil tristezas e saudades, emergir, no meio das duvidas do presente, de um passado calmo e honroso — tudo isso agitado de tropel por esse rapido poema musical fundamentalmente monarchico, do mesmo modo que a *Marselheza* não pôde deixar de ser republicana.

Quando Napoleão III, ao partir para a desastrosa campanha contra a Allemanha, consentiu que nos theatros de Paris fosse cantado o hymno de Rouget de Lisle, d'elle surgiu ardente, incompressivel, o admiravel symbolo de Rude, com o facho ardente em punho e a bocca tonitruante.

O hymno nacional, arroubada composição de Francisco Manoel, embora a deprimam *autoridades* nossas musicaes, pertence de pleno direito a D. Pe-

dro II, e a prova irrecusavel a temos nas lettras que inspiraram o mestre.

Eis as suas primeiras quadras:

« Quando vens, faustoso dia,
Entre nós raiar feliz,
Vemos em Pedro Segundo
A ventura do Brasil.

Negar de Pedro as virtudes,
Seu talento escurecer,
E' negar como é sublime
Da bella aurora o romper. »

Eis ahi como os bronzes militares proclamam ainda, em seu estrugir, que « o dia faustoso raia feliz entre nós » (*quantum mutatus ab illo!*) e que « a ventura do Brasil é D. Pedro II »!

Assim pudessem, pelo menos, os exemplos do inolvidavel monarcha, o seu desinteresse, patriotismo, virtudes e imperioso confronto agir algum tanto no animo dos nossos governantes.

Qual! ouçamos o dr. Americo Werneck, character puro, republicano intransigente, historico. « Vivemos sob um regimen que nos prometteu a liberdade, accessão dos privilegios de classe e todas as garantias para o exercicio das profissões, e, no entretanto, nunca vi tanto privilegio, tanto monopolio, tanta tyrannia, como hoje ».

Que bella commemoração do inicio da Republica!

Quão bem traduz a melancolia d'aquelle espirito honesto e sincero, rodeado dos tristes escombros de suas illusões e soffregos ideaes!...

Impossivel nos é não lembrarmos aqui o delirio e as acclamações do povo todo, fremente e de pé, os lenços a tremular convulsos nas mãos das senhoras, as lagrimas — sim, lagrimas sem conta! —

no theatro S. Pedro de Alcantara, quando Deodoro da Fonseca, findo o cortejo das quatro marchas para definitiva escolha da melhor dellas, mandou tocar o velho e amado cantico da Patria, que fizera correr á morte e á gloria os nossos soldados e marinheiros por toda a parte nas vastidões do Uruguay e Paraguay, o hymno nacional!

Nesse instante, o povo mostrou ás claras como pensava, sahindo por minutos, da sua *bestialisação* de 15 de Novembro.

E que fim levou, indagaremos agora por banal curiosidade, mas sem nenhum interesse, aquelle outro hymno tão applaudido, festejado, coberto de rosas e louros e proclamado até, por abalisado critico musical, digno de emparelhar com o austriaco, adaptação de grandiosa e conhecida melodia de Haydn? (Que heresia! — deve, para castigo, ficar historica).

Afundou de vez, desapareceu, sumiu-se, nunca mais se fará ouvir? Poucas saudades deixa. Os dezesseis primeiros compassos, introdução e preparo *alla marcia*, eram ou são de um *rossinismo* hoje em dia intragável, como que tirados do ético bojo de estafado realejo.

O restante não passa de patente e incolor ser-zidura de trechos da *Marselheza* e do *Fausto* de Gounod, terminando tudo por insupportaveis tres-quialteras, de phenomenal carrancismo italiano, cousa da *Dona do Lago* ou da *Italiana em Argel*.

Desastre igual, só o da bandeira de cunho positivista, que desdobra ás nossas grandes brisas o lemma *Ordem e progresso* em letras esverdinhas e... ás avessas.

Aggravando o disparate aneurhythmico do verde e amarello, nos tempos do Imperio, com o azul, quando estas duas côres, diluidas uma na outra e combinadas, produzem aquella — grave claudicação

nas regras da heraldica — a tal bola que os nossos soldados cognominam a *melancia*, encerra um acervo de grosseiras cincoas astronomicas, na enfatuada e pueril pretensão de rigorismo scientifico — mixtiforio de constellações e astros, que a reproducção da nossa bandeira, cada vez mais copiosa e menos cuidada, baralha e confunde por modo inextricavel.

Ainda mais, pela posição especial do Cruzeiro(?), tiveram muitos dos Estados do Brasil de ser representados por Estrellas do Escorpião e do seu competente appendice caudal, symbolo nada grato nem lisonjeiro aos nossos creditos de cordura e lealdade. Aos olhos das nações civilisadas e dos sabios pareceu e parecerá, de certo, singular e bem esquipatica a adopção protectora d'aquelle signo, que os antigos denominavam *formidolosus* attribuindo-lhe influxo altamente pernicioso e nefasto nos destinos e futuro do homem. Só faltou inscreverem-lhe, alli mesmo em letras tambem verdes, o repetido aphorismo — *in cauda venenum* — applicado sempre ao temido nojento e perfido arachnideo pulmonar...

Mas encerremos aqui o longo parenthesis e voltamos ao gabinete 16 de julho e a José de Alencar.

XVI

Pela abstenção absoluta e previamente annunciada do partido liberal ás urnas, como acinte directo ao Poder moderador, deram os comicios a que presidiu o gabinete de 16 de julho, como immediato resultado, a eleição de uma camara unanime.

Mais uma vez se desenrolaram e, desta feita, bem aggravado o fatal *sorites* (Nabuco de Araujo dizia so-

rita, no feminino): «O Poder moderador pôde chamar a quem quizer para organisar ministerios; esta pessoa faz a eleição, porque hade fazel-a; esta eleição faz a maioria. Eis ahi o systema representativo do nosso paiz!»

Desviou-se, pois, a attenção publica da camara dos deputados para exclusivamente se concentrar no senado, onde as discussões promettiam ser, como na realidade foram, calorosas, azedas e cheias de interesses, pela exacerbação politica.

Mostrava a exposição do Visconde de Abaeté, presidente d'aquella casa, que nella havia nada menos de 11 vagas de senador, das quaes seis já preenchidas pela escolha imperial, mas a que faltava o reconhecimento da validade das eleições para se dar ingresso aos nomeados.

Corria como certo, o que plenamente se verificou, que seriam approvadas as de José Antonio Saraiva pela Bahia e Francisco de Paula Silveira Lobo por Minas Geraes, estes liberaes, e então com maioria de razão as de Ambrosio Leitão da Cunha, depois barão de Mamoré, apesar de uma duvida suscitada pela propria Corôa, e de Francisco de Salles Torres Homem, annullada, como fôra a deste politico da primeira vez.

Quanto ás duas indicações do Imperador com relação á lista sextupla da provincia do Ceará, conego Antonio Pinto de Mendonça e Joaquim Saldanha Marinho, parecia fôra de questão, que o senado as repelliria.

Estavam, entretanto, esses dous lugares vagos muito mais de tres annos atraz pela morte do conselheiro Candido Baptista de Oliveira, mathematico de nota, nomeado em 1848 e fallecido a 26 de maio de 1865 e do estadista Miguel Calmon du Pin e Almeida, marquez de Abrantes, escolhido em 1840, e

poderosa influencia, não por certo no Ceará, mas na política geral, até ao ultimo dia de existencia a 13 de setembro d'aquelle anno de 1865.

Haviam as eleições do padre Pinto e de Saldanha Marinho, apuradas a 20 de maio de 1867 e inquinadas de grandes vicios e violencias, como de costume no Ceará, encalhado no seio da commissão de verificação de poderes.

Tal a situação, ao se abrirem as camaras em 1869.

Constava, que o imperador insistentemente opinava pela entrada dos dous cidadãos por elle apontados na lista sextupla liberal, mostrando particular empenho por Saldanha Marinho, que fizera brilhante administração na provincia de Minas Geraes, como seu presidente, e onde patenteára espirito cordato e recto para com os conservadores, seus adversarios de então.

Com geito buscava o soberano chamar ás suas idéas apaziguadoras os membros do gabinete Itaboraahy, manifestando, quanto lhe cabia na orbita constitucional e sempre receioso de parecer sobre elles tentar exercer o tão fallado *poder pessoal*, a conveniência de semelhante acto politico, particularmente numa occasião, como aquella, em que sobre a Corôa choviam as mais acerbos increpações de parcialidade e constante empenho a favor dos conservadores para lhes dar as redeas da governança.

Affirmou-nos pessoa chegada a D. Pedro II, que, discutindo este largamente com José de Alencar, o mais interessado na questão pela ensancha que se lhe offerencia de poder entrar para o senado, mal completos os 40 annos exigidos pela Constituição, fôra nelle que encontrára mais disposição em marchar de accordo com o seu modo de vêr e em aceitar-o.

Insistia o Imperador e vacillava Alencar.

Desprendido, como era por indole, de honras e proventos, collocando acima d'elles o justo apreço de si mesmo, naturalmente havia de ceder afinal e concorrer para uma solução que summamente agradaria a todos, ao principe e á opinião publica; mas é preciso levar-se em conta a pesada pressão das opiniões vigentes na politica e no grosso dos amigos e correigionarios, o que fizera Eusebio de Queiroz exclamar um dia: «Neste paiz não se pôde ser ministro duas vezes», alludindo, de uma parte, á intransigencia dos sentimentos partidarios e, da outra, á resistencia que D. Pedro II oppunha ao esmagamento, para assim dizer, do lado decahido.

Collocado em esphera que sempre soube conservar superior ás paixões pessoas, mais que outras intentava com effeito e quanto possivel o soberano minorar os soffrimentos d'aquelles que haviam sido apeados das posições officiaes e, sobretudo, impedir perseguições e vexames. Teve que condescender sem duvida, e não poucas vezes, pelo terrivel travamento das exigencias politicas; mas sempre o fez a contragosto e para não exorbitar, demasiado ás claras, dos limites da Constituição na sua qualidade de irresponsavel, commoda, sem contestação, mas altamente penosa ao seu espirito elevado e magnanimo, de que deu tantas provas.

Lamentava-se-lhe, uma vez, certa pessoa, a quem dispensava sensível sympathia, de aggravos immerecidos e soffridos por causa das suas convicções.

Levado pela vivacidade da queixa, incriminou a impassibilidade do Imperador, quando todos estavam compenetrados da iniquidade do acto ministerial.

— Fiz o que pude, affirmou em certo ponto D. Pedro II. Olhe; figure o Sr. um homem encerrado numa torre envidraçada e que vê, sem poder intervir nem sequer pelo gesto, injustiçarem e maltrata-

rem, mais ou menos longe, a outrem — eis a minha situação.

— Mas, replicou o reclamante todo arrebatado; Vossa Magestade quebre os vidros; grite, ajude, socorra a quem fazem soffrer sem motivo, debaixo dos seus olhos.

— Não me é licito, respondeu o monarcha com muita dignidade; dei a minha palavra de honra, jurei até solememente, que não sahiria jámais d'essa apparente indiferença, por mais doloroso que se me tornasse tal constrangimento.

Foram, afinal, annulladas as eleições do Ceará, ficando assim sem effeito as cartas imperiaes de nomeação.

Como primeira consequencia, produziu-se, sem demora, a declaração de Saldanha Marinho, de que, descrendo para todo sempre das instituições monarchicas, dedicaria todos os seus esforços, d'aquelle momento em diante, em prôl da Republica. E, com effeito, encetou o valente publicista esta propaganda violenta e tenaz, que não cessou enquanto se sentiu com alento para a lucta.

Afiançou um contemporaneo, em opusculo que temos deante dos olhos, que aquella annullação fôra exclusivamente devida « á influencia e ao trabalho de José de Alencar ».

Não acreditamos e pelo que sabemos de politica, julgamos, hoje principalmente, entrados em ambito de aturada meditação, que no seio do gabinete, na maioria do Senado e em todo o partido conservador não houve, a tal respeito, um só voto divergente, levados todos pela arraigada obsessão de que não se deve, nos embates politicos, ser-se generoso para com ninguem, nem deixar escapar occasiões dessas, maxime, acrescentára já Salles Torres Homem, tratando-se de uma cadeira no Senado.

Quanto mais de duas, a um tempo!

Chegadas as cousas áquelle ponto e sendo manifesto, pelo menos aos membros do ministerio, o desagrado sincero do Imperador, fez ou não fez José de Alencar, em conversa mais intima, promessa de não se apresentar candidato á vaga aberta na lista sextupla, que de novo tinha de ser presente ao Poder moderador?

Eis o que não nos é possível elucidar, nem o será talvez mais nunca.

Conseguiu, comtudo, em occasiões posteriores, D. Pedro II desistencias dessas, que causaram sempre boa impressão no publico, e, assim de relance recordaremos as dos conselheiros Duarte de Azevedo e Lima Duarte, por S. Paulo e Minas Geraes.

Em todo o caso, puzera-se em bem evidente e facil equação o vulgar problema *Ote toi de lá, que je m'y mette*, de feição altamente desagradavel para o animo altivo de José de Alencar, que não era homem a seguir a trilha batida e corriqueira da politicagem.

Apontavam-se, como justificativa, grandes, insanaveis irregularidades havidas; mas qual a eleição, particularmente no Ceará, que corria ou podia correr socegada, pura e isenta de chicanas, fraudes e violencias?

Já era até tradicional; mas nos ultimos lustros do Imperio, aquella provincia tornára-se causa de interminaveis, esterilisoras, incandescentes e insupportaveis discussões, firmadas quasi exclusivamente em historietas, bisbilhotices, rivalidades, intrigas e mexericos de localidades, superexcitadas pela nevrose eleitoral — cousa que nunca acabava mais e tomava dias e dias, semanas e semanas, de sessões, com enorme enfado dos mais deputados, desinteressados a todo aquelle tumultuario e fastidioso parlapatorio;

colossal bate-barbas, na expressão familiar, de vozes em todos os registros, desde as mais esganiçadas até ás fundamentalmente cavernosas, que queriam a todo o transe provar que a pureza de intuitos, a justiça e a verdade estavam unicamente do lado, por que se esbofavam. Quanto aos contrarios, não passavam de trêfegos, réprobos, falsarios, calumniadores e assassinos, gente sem fé nem lei, capaz de todas as infamias, digna só do extermínio dos homens e dos raios celestes.

E multiplicavam-se as divisões e subdivisões partidarias, *graudos e miudos, ripardos e minús* que haviam succedido a *carcundas* e *carangueijos, chimangos* e *caracarás*, todos ferozes uns contra outros, num batalhar sem treguas, nem folego, quasi incompreensível aos profanos, de interesses contradictorios e incontentaveis.

Quanto tempo, quanto dinheiro, quanto talento, não se desperdiçaram em tão inuteis sesquipedaes e *massacrantes* debates! Não havia presidente que servisse, desmoralisados e cobertos de insultos todos elles!

E a cousa vinha de longe.

Tambem o Marquez de Abrantes, filho da Bahia e que do Ceará só queria a cadeira senatorial, em que se assentou 25 annos, espirituosamente dizia, alludindo a uma das tropelias commettidas na sua eleição:

— Nunca pude saber por que razão mataram o João Facundo. Desde ahi, deixei tudo correr á revelia.

É que não se brincava por lá! Um padre chegou a metter na cadeia certo votante, por vir montado numa besta em selim sem rabicho.

E como este, um sem numero de expedientes eleitoraes.

Veuu, porém, a compressão militar, logo após o 15 de novembro, e ou se acalmaram tantos odios ou

pelo menos se calaram todas aquellas incansaveis, estrugidoras e retumbantes boccas, que pareciam forradas de aço e bronze. Houve um imperioso sio! uma voz de commando ordenou *leve rumor!* e todos os partidinhos, em que se pulverisára a politica ardente do Ceará, desapareceram e se sumiram, trocando o beijo Lamourette de reconciliação, fingida ou real, *ibiapabas* e *aquirazes*, *paulapessoas*, *accioly's*, *pompeus* e não sabemos mais quantos outros. Não foi das peiores cousas que fez a republica — somos constrangidos a convir. Parece, que, lá pela Terra da luz afinal reconheceram que ninguem, no fundo, tinha razão. Não foi sem tempo!

XVII

Eis que nos vamos, novamente desviando do assumpto principal.

Quantas recordações, porém, não nos acodem de entuviada? Multiplos e simultaneos successos se travaram por modo intimo no seu desdobrar em todos os sentidos.

Como deixamos de mencionar a chegada de Caxias ao Rio de Janeiro, depois de entregar, em Janeiro, d'aquelle anno de 1869, o commando das forças no Paraguay ao Marechal Xavier de Souza? Recebeu, ao desembarcar, o titulo de duque e a grã-cruz da ordem de D. Pedro I, honras que nenhum brasileiro teve iguaes; mas o acolhimento que lhe fez o Imperador não esteve á altura daquellas extraordinarias distincções.

Fallou-se até numa annunciada visita á vivenda do glorioso marechal, que não se realizou.

Havia sido o mez de Dezembro de 1868 fertil em virentes louros e immensas fadigas para o velho e triumphante guerreiro; de Lomas Valentinas, porém, conseguira escapar-se Solano Lopez, que se puzera logo a reorganisar novos meios de resistencia nas agruras da Cordilheira. «Não posso tomar o papel de capitão do matto, a correr atraz de fujões», declarára o eminente Caxias, doente, com effeito, e absolutamente necessitado de repouso, após tamanhas e tão seguidas canseiras.

Acreditaria, porém, o monarcha que o caso exigia a estada a pé firme em Assumpção até o sacrificio ultimo, se para tanto fôra preciso, sobretudo depois do que elle, por sua parte, fizera, a 16 de julho de 68?...

Nem podemos, tambem, deixar de relembrar a partida do principe Conde d'Eu a 30 de março de 1869, nomeado commandante em chefe das forças em operações no Paraguay.

Encetou o novél marechal a campanha da Cordilheira com a maior energia e os mais acertados planos e desempenhou a sua difficilima tarefa com indiscutivel brilho, muita capacidade e consciencia. Dando a todos os mais proficuos exemplos de incansabilidade no cumprimento do dever; passando dias e noites a interrogar prisioneiros; estudando com toda a minuciosidade o terreno e a zona em que tinha de operar; marchando com rapidez, mas bem calculada segurança, vigilante sempre á vanguarda e á bagagem; impulsionando os mais variados serviços da administração; dirigindo em pessoa continuos reconhecimentos sobre a posição de Ascurra para illudir, como illudiu, a Lopez sobre as verdadeiras intenções; provando ás tropas o seu valor e desprezo á morte; conquistando de repente o perigoso accesso da Serra por habilissimo e bem com-

binado movimento de flanco e contorneamento, que desorientou o inimigo e tudo facilitou aos nossos soldados; desbaratando em tres successivos e sangrentos combates as forças já reorganisadas do dictador; seguindo no seu encalço sem demora por quasi todo o mysterioso territorio e mandando-o perseguir por columnas volantes e convergentes até alcançal-o á margem do Aquidabaniqui, em Cerro Corá, demonstrou á toda a evidencia o Conde d'Eu eminentes qualidades de notavel estrategista, que ninguem, profissional ou não, poderá jámais recusar-lhe ou nelle escurecer e menosprezar.

Costumava Deodoro da Fonseca declarar — e a autoridade não é suscita: « Não gosto do Conde d'Eu, solememente antipathiso com elle, devo-lhe até desgostos (não articulava quaes); mas a verdade me obriga a dizer — foi um dos mais illustres generaes sob os quaes servi ».

Não se fez ainda justiça a esse principe que possui grandes virtudes e conhece, de muitos pontos de vista, o Brasil, sobretudo chorographicamente, como rarissimos entre nós, por mais affeiçãoados que sejam ao estudo e á investigação.

A posteridade, em todo o caso, hade apreciar com attenção e applauso essa breve e brilhante pagina da nossa historia militar, a campanha da Cordilheira, em que encontrará não pequenas lições de absoluto desprendimento e cavalheiroso desinteresse a quaesquer vantagens, além de muito amor á patria brasileira.

XVIII

No senado rompera desde o começo das sessões, a 14 de maio de 1869, violenta, a opposição.

Redobrando o habitual vigor, dirigia-a Zacharias, ajudado principalmente por Theophilo Ottoni e Silveira Lobo, que tornavam o duque de Caxias causa primordial e unica da mudança de situação politica, sem levarem em conta outros factores concurrentes de muito peso na occasião, e desabridos o atacavam, buscando esmiuçar e provar pretendidos erros militares de palmatoria, em que havia cahido o illustre marechal, as suas perplexidades e a falta de acertadas providencias para colher, no lance final em Lomas Valentinas, o dictador do Paraguay — cousa, por certo, muitissimo mais facil e commoda de desenvolver-se e pregar-se do alto da tribuna parlamentar na velha casa do Conde dos Arcos em fogosos debates e, sobretudo, depois de produzidos os acontecimentos, do que de se pôr em pratica e conseguir no theatro das incriminadas operações, a lutar o commandante em chefe com mil difficuldades e impedimentos, numa guerra como aquella, em territorio totalmente desconhecido, no qual só podia fazer caminhar o seu exercito, para assim dizer, ás apalpadellas.

Revisava-se no parlamento a argumentação ôca e vã dos então chamados *generaes da rua do Ouvidor*.

Por modo bastante breve explicára o presidente do conselho do gabinete passado a crise de 16 de julho.

— A verdadeira causa da mudança politica, declarou elle, foi zelo de prerogativa sem relação com

o individuo (referia-se a Salles Torres Homem); o individuo não tinha importancia para tanto...

Cotegipe — Então sempre tem alguma?

— Não nego, replicou Zacharias, que elle tenha merito; mas a questão era toda, repito, de zelo de prerogativa, e não de affeição ao individuo.

Na discussão do voto de graças foi José de Alencar, ministro da justiça, alvo directo dos mais vehementes ataques e accusações. Dando-o como symbolo de frenetica reacção partidaria, contra elle vibrou o terrivel senador pela Bahia os mais farpados dados do ridiculo, motejando até da sua estatura e feição physiologica, chamando-lhe *fanadinho* e mettendo á bulha as suas *pretenções* litterarias, emprego banal do tempo que lhe não podia consentir a apreciação seria e grave das necessidades do paiz. Despejou-se então todo o arsenal das constantes e tolas increpações da politica brasileira contra aquelles, bem raros aliás, que procuram, de par com ella, cultivar as letras, mostrar amor ás artes, e tambem por ahi ganhar algum renome, encontrando, mais que tudo, em seu ameno trato consolo e abrigo aos muitos dis-sabores da vida publica.

Quão differente a Inglaterra, paiz classico das liberdades publicas, solidamente amparadas pelo parlamentarismo, taes como não as gosa iguaes nenhuma nação do mundo... que diremos então das miseras republicas sul-americanas, em cujo triste numero fizeram á força entrar o pobre Brasil?!

A bem gloriosas tradições pertence interromperem-se no palacio de Westminster debates da maior relevancia e irritação, para discutir-se um ponto de duvida litteraria.

Numa das sessões de 1741, o membro da camara dos communs Sandy intimou a Walpole, que se retirasse do governo. Declarou que pretendia apresen-

tar uma moção, pedindo ao rei que affastasse de si aquelle elemento pernicioso e corruptor.

— Minha consciencia está tranquilla, respondeu-lhe o poderoso ministro. E citou o verso de Horacio:

« Nil conscire sibi, nulli pallescere culpa »

— Está errado, gritou Pulteney. E, dividindo-se logo a camara em dous grandes grupos a favor ou contra a exactidão do trecho, discutiram os dous adversarios o caso, acabando tudo por uma aposta consideravel. Disséra Horacio *nulla pallescere culpa*.

De identico modo entre Fox e Pitt, outra referencia do mesmo Horacio fez suspender azedissimo dissidio. Relembra este o magnifico apophtegma:

« *Si fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruinae.* »

Pretendia o outro que devia ser *illabatur*...

— É inaudita, exclamava Zacharias, a temeridade do escriptor-ministro; mas, não admira, pois elle taes ciumes tem da sua reputação litteraria, que não consente que se lhe tóque.

Muito de vêr-se o ar do supremo pouco caso com que eram proferidas estas palavras!

Do seu lado, bradava Theophilo Ottoni:

— Quem não leu as cartas de *Erasmus*? E não está elle ministro? É certo que o autor da *Conferencia dos divinos* tem já um pé na escada ministerial.

Por esta equiparação dos dous escriptos politicos, de character, comtudo, tão differente um do outro, antagonico até, póde á primeira vista, parecer que o orador não tivesse lido as alludidas cartas — um, com effeito, exalçava ás nuvens o Imperador, vendo nelle a exclusiva esperanza dos homens bons e honestos e apontando-o como monarcha excepcional em todo o mundo civilisado; outro o arrastava

pela rua da amargura e o rebaixava ao nível infamante e ignobil de Caligulá e Nero, fazendo-o amistosamente confabular com aquelles dous hediondos monstros moraes.

XIX

Ao deslindarmos o ponto acima indicado, cumpre considerar-se que passava, entre os politicos mais notaveis do segundo reinado, como indiscutivel, que, a exemplo do *Timandro*, malhar-se a valer e sem piedade na pessoa do soberano adiantava sempre a carreira e a ascensão dos que, dispondo de talento saliente, enveredavam resolutamente por esse caminho de formaes e directas aggressões.

Real ou não semelhante supposição, da bocca de influente e respeitado parlamentar ouvimos — ninguém nol-o contou — *ouvimos* este singular e bem incongruente conceito: «O Imperador é como polvo secco; quanto mais nelle se bate, melhor fica».

É o que se chamava, por elegante euphemismo, seguir as pisadas de Burke, Pitt, Guizot, Thiers e outros luminares estrangeiros: *resistir e dizer as verdades ao rei para melhor servi-lo*.

É, porém, impossivel, hoje que presenciamos os resultados — bem amargos fructos colhidos — dessa linha de proceder, deixamos de confessar, batendo contrictamente nos doridos peitos, que erraram por modo palmar e positivamente pueril os nossos estadistas e politicos de vulto, naquelle detestável convencionalismo e vesio, que só aproveitava a desabafos pessoas e intermitentes e não raro ultrapassava as raias da mais elementar boa educação. Concorreram

mais que tudo, como que de tenção feita e na sequencia de premeditado plano, para a desmoralisação da monarchia, que á saciedade proclamaram planta exotica nesta parte do continente sul-americano, sem comtudo appellarem nunca para o regimen francamente democratico, consequencia logica e obrigada das suas incessantes queixas e vituperios e deram armas á farta aos inimigos — tanto assim que o Manifesto dos republicanos em 1870 nada mais foi, na sua parte essencial, do que habil e fiel collectanea dos ditos e asseverações dos mais conhecidos servidores do Imperio. E quanto não havia ainda que recolher e additar de 1870 até 1889 em relação ao *Cesar caricato* e *principe conspirador*, após tantos annos mais de *perfidias e mentiras*?!

Haverá, entretanto, actualmente alguém entre os proprios republicanos, quando não de todo obcecados pela exaltação demagogica, convencido que aquillo tudo era a expressão fiel da verdade e que desse modo é que se prestavam bons e reaes serviços ao Brasil?

Nada se poupava ao Imperador.

Uma feita, ouvimos Martinho de Campos, em 1872 ou 1873, ameaçar da tribuna, elle que timbrava de parlamentar, segundo os bons estylos inglezes:

— Fique certo o Sr. D. Pedro II, que não se fechou a barra por onde sahio o senhor seu pae!

Tambem o illustre Tavares Bastos — figura parlamentar ainda não bem estudada e do maximo relevo — ha longuissimos annos já dizia: « Não ha estadista, quero dizer, não ha membro da casta privilegiada a quem pertence o governo do paiz, que escape a este dilemma: ou não falla a verdade ou não é coherente. Em tudo isto ha muita corrupção moral ».

Dessa inconsequencia palpavel, enxertada nas explosões de colera e despeito, quando apeados do po-

der, e em revelações tanto mais perniciosas quanto eram, no maior numero dos casos, encapotadas, nada provadas e claras, foi victima nobilissima, resignada e sempre silenciosa, o homem que se sentou no throno do Brasil quasi meio seculo — Gulliver atado, immobilisado por um sem numero de cordéisinhos, quasi invisiveis, mas irrompiveis; colosso crivado de settasinhas minúsculas, mas todas hervadas e dolorosas.

Quanto se maldisse e se desacreditou o systema, que nos deu, comtudo, tão seguros e gloriosos decennios! O *Imperio é o deficit*, annunciava-se annual e solemnemente, como prenuncio de infallivel bancarrota; e entretanto na cauta Inglaterra os titulos do Brasil eram papeis de familia!...

Pelo menos, neste ponto, são mais correctos os politicos do actual regimen ou sabem melhor conter os seus impetos individuaes com a direcção disciplinar dos generaes a que estão sujeitos, pois, no meio dos mais tremendos desvarios, irreparaveis erros e escandalos que clamam aos céos, de continuo entôam lóas e hymnos á superexcellencia incomparavel das instituições republicanas e as dão como capazes de todos os prodigios — tornar até o preto em branco e fazer emergir, da feroz tyrannia positivista e da truculenta oppressão de legitimos proconsules, a felicidade e a alegria do povo ou emanar, do inconcebivel desbarato dos dinheiros publicos, a ordem, o credito e a opulencia da nação.

Voltemos, porém, ao senado de 1869, em que, por seu lado, estrondeava Silveira Lobo com estentorica voz:

— O Sr. Alencar chegou ao ministerio por essas memoraveis cartas, em que mostrou saber bellamente fabricar o doce mel da lisonja.

XX

Na discussão do seu ministerio, José de Alencar sem trepidar investiu com esses tres gigantes da tribuna, cresceu ante elles e de momento os dominou manejando a palavra e jogando o sarcasmo com elle contrastavel e inesperada superioridade.

Foram celebres os debates.

— No partido liberal, declarou elle com certo ponto do seu discurso de 6 de setembro, ha uma especie de trindade indiana, a *trimurti*. As tres pessoas são o principio creador, o Sr. Nabuco, o conservador, o Sr. Saraiva, e o destruidor, o Sr. Zacharias.

Zacharias — Como está precioso...

Silveira Lobo — Pois se está no palco!...

Adiante.

José de Alencar — Ora, senhores, sei que alguns homens altos — aqui não ha certamente desses — costumam curvar-se para poderem passar por certas portas; mas os homens baixos têm esta vantagem, nunca se curvam. Quando passam pelas portas baixas ou pelas altas, como esta do Senado, trazem a cabeça erguida.

Zacharias — Os caturras passam sempre por baixo.

Silveira Lobo — Não tem duvida; vae muito bem a administração da justiça; temos um novo Esopo.

José de Alencar pôz de seu lado os *rieurs* á custa dos adversarios, que lhe deram razão e ganho de causa, porquanto se zangaram e, ainda mais, não poderam occultar a sua contrariedade e até furor. Nunca se viu Zacharias, tão sobranceiro e rispido mentor sempre, perder assim o sangue frio e autoritarismo.

José de Alencar — Fallou aqui o nobre senador ex-presidente do conselho, em certa dama que elle julga ser a mulher do ministerio da justiça, mulher, que, em sua opinião e segundo a autoridade para elle muito valiosa de um tal Vidocq, é a causa de todos os actos de reacção. Na verdade, quando no dia 17 de julho do anno passado, entrei no gabinete do ministerio, lá encontrei essa dama e, por signal, estava vestida á moda com uma grande cauda, uma immensa cauda de decretos de suspensão e reforma da guarda nacional. (*Hilaridade*). Tinha ares de dona de casa — era a menina dos olhos do gabinete de 3 de agosto; mas o seu predilecto era, pela elegancia, o presidente do conselho. (*Riso*). Aconselhei-lhe que se fizesse irmã de caridade e fosse ter com o provedor da Santa Casa de Misericordia.

Imagine-se a gargalhada geral, emquanto Zacharias empallidecia e... bufava.

Mais adiante:

«O nobre senador mandou reformar um official da guarda nacional da Bahia, só porque tinha na perna ligeiro defeito (*riso*). Não queria S. Ex. sinão officiaes que fossem, com elle, esbeltos, bem parecidos. (*Risos*).

Zacharias — Como está engraçado...

José de Alencar — Desde que me chamou fãndinho, deu-me o direito de achal-o esbelto (*apoiados*) e elegante — e nisto não lhe faço favor, rendo-lhe justiça (*riso*).

Volto, porém, ao caso do tal dito de Vidocq, agente e não chefe de policia, *cherchez la femme*; a proposito de reacção, S. Ex., tendo em pouco novelas e historietas, só sabe da cousa por outiva; contaram-lhe o caso, não o leu. Permitta agora o nobre senador que eu, embora não tenha a sua graça, o seu chiste, contraponha, á historia daquella mulher, a ci-

tação ahi de illustre escriptor francez. É o verso de uma comedia de Molière *Vous êtes orfèvre Monsieur Josse*.

(Entre parenthesis) se Zacharias fosse tão forte em letras como os estadistas inglezes teria ido logo á mão do orador. O dito é em prosa e não constitue verso; pertence á peça-bailado em tres actos *L'amour médecin*, aliás uma das menos conhecidas do immortel comediographo).

— Este verso, continuou José de Alencar, traduz-se em portuguez: *Gato ruivo do que usa disso cuida* (*Hilaridade prolongada*). O nobre senador que, no seu governo, não se occupou senão com reacção, até em relação a mim descobriu uma reacção retrograda. (*Riso*).

E assim, um fogo rolante de agudos ditos de espirito e seguidas ironias, ora menos duras, ora tebrantes e pungitivas no mais alto gráo.

Completa foi a reivindicta.

Em certo tópico houve um episodiosinho, que não consta dos *Annaes*, mas é rigorosamente authenticico.

Citando José de Alencar, no correr do debate o jornal londrino *Pall Mall Gazette*, pronunciára *Pell Mell*, ao que acudiu logo Zacharias com pedagogica dicacidade:

— O nobre ministro ignora que, em inglez, *a* antes de dous *ll*, tem o som de *o*?

— Então V. Ex. quer que eu diga *Poll Moll*?

— Boa duvida; mande buscar o dictionario de Walker para aprender um pouco.

Na casa não havia tal dictionario.

— Pois bem, declarou Alencar, amanhã trarei na minha pasta a autoridade invocada, e V. Ex. sentirá fundo vexame da cinca a que quer arrastar-me.

No dia seguinte, com effeito, apesar dos *já sei*,

já vi, não vale a pena, tem razão de Zacharias, o outro leu com todo o vagar e accentuação o que ensinava Walker, isto é, que, sendo esta palavra corruptela do francez *pête-mêle*, conservava a pronuncia de origem.

Zacharias não teve remedio senão abater bandeiras e reconhecer, lá comsigo mesmo pelo menos, que dessa feita levára formidavel quinao.

Só lhe restou uma sahida, retirar-se do recinto; o que fez, atirando todo colerico este aparte:

— Tambem o nobre ministro tem mestra de inglez em casa.

Alludia á senhora de José de Alencar, distinctissima filha do illustre Dr. Thomaz Cochrane, um dos primeiros propagandistas da homeopathia no Brasil.

XXI

Ninguem mais do que D. Pedro II prégo a concordia e a paz, a necessidade e a urgencia da verdade nas eleições, unica base segura, racional e, mais ainda, da consolidação dos partidos e no caso de infundir possança e valor aos homens publicos de paizes constitucionaes.

Assim é que, apesar das continuas mystificações indicadas pelos chefes dos partidos e das muitas misérias de toda a sorte a que davam logar, já em si, já em suas consequencias, os comicios populares, porque é que, de todos os pontos do Brasil, do fundo de Goyaz e Matto Grosso ou das fronteiras do Amazonas e do Rio Grande do Sul, não cessavam os oprimidos de clamar pelos jornaes para o monarcha, vendo nelle um amparo, um recurso, afim de pode-

rem manifestar as suas opiniões e crenças, que afinal existiam no seio da nação e se mantinham?

Nutriam todos a certeza de que os protestos e brados, por mais distantes e humildes que fossem, encontrariam eco em S. Christovão e iriam constituir e augmentar aquelle conhecido acervo de instantes recommendações e continua insistencia, que tanto incommodava os ministros e perturbava os planos rádicaes de compressão dos adversarios; qual o politico de nota que se viu arredado de dar execução ás suas idéas, por mais que tivesse, antes de chamado ao poder, atacado o monarcha?

Sabe-se como elle procedia nas organizações ministeriaes, quando era privilegio seu constitucional nomear e demittir livremente os ministros. Entregava esse cuidado exclusivamente ao presidente do conselho chamado, limitando-se a um ou outro reparo, sem fazer disso questão.

Quantas vezes, entretanto, não foi accusado de arredar caprichosamente, e por antipathia que nada justificava, este e aquelle politico, cujos nomes nem de leve haviam sido por ninguem lembrados na occasião!

Do mesmo modo que em muitas outras circumstancias era um anteparo commodo e á mão na economia interna dos partidos, excellente para arredar de si malquerenças e inimizades, não assegurar, mas emfim deixar entrever, mais ou menos nebulosamente e por meias palavras, que se tornára impossivel desfazer prevenções... prevenções não, mas certas duvidas... duvidas tambem não... perplexidades, sim perplexidades lá em cima, no alto, e mais isto e mais aquillo...

A este respeito, quasi assistimos, um dia, a episodio de curiosas recriminações, que terminou de maneira bem violenta até.

Formára-se um gabinete, e certo deputado, aliás operoso e, sem duvida alguma, digno de fazer delle parte, num circulo de pessoas chegadas, interpellou com energia a um dos ministros nomeados na vespera. Queria saber porque ficára de fóra, quando o tinham convidado para entrar na composição ministerial.

Depois de certa hesitação, o outro alludiu, vagamente é verdade, á opposição do Imperador.

— Bem, observou o interpellante, irei a S. Christovão discutir este ponto. Praticarei, reconheço, uma inconveniencia, mas quero tirar isto a limpo; estou cansado de ser burro de carga (*sic*).

— Não vá, replicou logo o ministro, pois lhe digo com franqueza de amigo, julgámos de conveniencia não apresentar já o seu nome... mais tarde... no primeiro ensejo... Não se fallou ao Imperador em você...

Seguiu-se terrivel scena. Quem se tinha em conta de preterido esbravejou, despejou toda a bilis contida, chorou até de raiva batendo com os punhos fechados nos peitos, invectivou o gabinete, os politicos do seu credo, a politica em geral e sahio, como desabalado furacão, promettendo tirar estrondoso desforço (o que aliás fez) do que elle capitulava *indigna traição*.

Explicações desse jaez produzidas pela fogosidade de indole, teriam poupado ao soberano as custas de iras alvoroçadas.

XXII

Sabe-se que o cargo de presidente do conselho não existiu no primeiro reinado, durante a regencia e nos começos da maioridade, creado, como foi, a 30 de julho de 1847, com o fim, diz o decreto, «de dar ao ministerio uma reorganisação mais adaptada ás condições do systema representativo».

Preenchida, pela primeira vez por Manuel Alves Branco, tornou aquella elevadissima posição obrigatorias qualidades superiores, quer na sociedade em geral, quer no parlamento, pela influencia exercida e pelas ramificações existentes.

Viu-se ella, alguma vez, desprestigiada, sendo chamada a occupar a pessoa destituida de importancia e honorabilidade e alheia ao traquejo dos negocios publicos? Não foram todos homens acatados no paiz pela somma de serviços prestados e conhecedores exactos da responsabilidade que assumiam e sobre elles pesava?

Impossivel negarmos — pois lealmente expomos as cousas — que alguns ministros, não poucos até, não estavam á altura de tão graves e penosos cargos e d'ahi provieram tambem innumeras crises e abalos no seio dos gabinetes; mas, por acaso esses estremecimentos serviam para consolidar o pretendido dominio autocratico do Imperador, obrigado a mudar constantemente de conselheiros?

Na França republicana e republica mais ou menos como foi o Brasil-Imperio, com um presidente irresponsavel, ministros responsaveis por tudo e camaras legislativas armadas de poder illimitado, não se produz o mesmo phenomeno? De quem a culpa,

senão do travamento das exigencias e paixões politicas do momento?

Entre nós, buscava-se sempre obedecer ás considerações chamadas *geographicas*, isto é, nas composições ministeriaes conciliar, quanto possivel, interesses das provincias de maior representação na camara e no senado.

Nesse empenho, porém, quantas susceptibilidades que respeitar; quantos melindres a resguardar e attender, quando em politica, bellamente se sabe, com que presteza se revestem das côres e apparencias da collectividade offendida o despeito e rancor de cunho exclusivamente individual! Às vezes, não era lá isto muito facil, ao dessorarem, para assim dizer, por todos os póros, o furor e a ancia de virgança; mas ali é que tinham cabida os protestos de serenidade de animo e do arduo cumprimento dos deveres de coherencia e patriotismo.

Tudo isto favorecia, no mais alto gráu, a ascensão das mediocridades, a subida daquelles que não haviam compromettido a sua palavra e seu futuro com um programma assentado de idéas ou provocado rivalidades pelo brilho do talento, assustando os detentores do prestigio e do favor official nas provincias.

Embora só causa de immediatos desgostos, aceitavam-se por accordo tacito aquelles mediadores plasticos, que afinal a ninguem contentavam, atrazavam o paiz antes que conhecessem as necessidades geraes — e muitas vezes jámais conseguiam tomar pé — e afinal, eram forçados a sahir do gabinete sem deixarem o mais insignificante signal da sua passagem pelo poder — especies de aguas-vivas, organismos intellectuaes inferiores, que sobrenadavam sempre, impulsionados por todas as ondas do grande mar politico. Em outro ponto da maior importancia

abrir a o Imperador mão de um seu direito exclusivo, segundo a Constituição — indicar o senador que tinha de sahir da lista triplice apresentada á sua escolha. A ultima vez que o exerceu foi por occasião da crise de julho de 1868 e já estudamos as razões que a isto o levaram então — a suprema lei da salvação publica.

Costumava sujeitar a sua preferencia á opinião do gabinete; só agia com mais liberdade, quando os tres candidatos vencedores eram de feição opposicionista ao gabinete, como aconteceu com o conde de Baependy, no ministerio de Rio Branco, havendo sido derrotado Teixeira Junior e outros ministerialistas.

No mais, marchava de acôrdo com os intuitos dos seus conselheiros directos e segundo as conveniencias do rumo que seguiam, chegando até, conforme já ficou narrado, a voltar atraz de indicações já sabidas e assoalhadas.

Podia, concordamos, tudo isto ser levado á pratica com machiavelica habilidade e refalsada manha, effeito de longos e aturados estudos de dissimulação por annos e annos no fundo do gabinete da perfidia e da conspiração — combinações mysteriosamente preparadas, laços armados com a mais arguta e perniciosa providencia; mas para tanto é necessario, é indeclinavel, dar-se ao imperador — o que parece hoje impossivel — o genio e o caracter máo, trefego, cheio de dobrez, que caracterisavam o rei a que alludia a historieta dos *cães e gatos*, genialmente estudada e fixada na immensa tela da historia por Walter Scott e Casimir Delavigne.

A natureza moral, do mesmo modo que a physica, não dá saltos, não se metamorphôsea de subito, como em transmutação scenica.

É hoje um impossivel, repetimos, aquella hypo-

these, semelhante equiparação após a luminosa contraprova do exílio — admiráveis dous annos do mais alevantado ensinamento, por qualquer face que o estudemos. Faz por isto mal, dóe vêr ainda agora reproduzido tão insubsistente confronto e iníqua aproximação.

O espelho da vida de D. Pedro II está alli.

Só de uma consciencia puríssima é que podiam decorrer tanta resignação, tanta meiguice, tanta ausencia do mais leve resentimento, tanto desejo de desculpar a todos, dando até razão aos vencedores, tanto empenho em defender longe a patria e a quem servia; tanto desprendimento aos ouropeis de uma realza que a ninguem offuscára, a elle menos que a qualquer!

De uma alma contaminada pela hypocrisia, de um tartufo acostumado, em cincoenta annos de reinado, a executar os mais astutos planos, deprimentes da dignidade alheia e dos que mais de perto o cercavam, deprimindo o paiz todo, fôra de todo o ponto absurdo, que brotasse aquella série de dias, de mezes e annos, que a França-Republica, o coração e o orgulho da raça latina, soube corôar com a mais comovedora e admiravel apotheose.

Tão nobre, não curvar a cabeça ao destino, mas saber fital-o com serenidade e sem arrogancia; tão sublime conformar-se com os terriveis golpes por elle vibrados, appellando, a um tempo, para a justiça póstera dos homens e para Deus!

XXIII

Triumphára no Senado, por modo incontestavel, o gabinete 16 de julho; na Camara não se lhe depa-
rava ainda sombra de opposição; na opinião publica
só encontrava apoio e applausos; nos campos do Pa-
raguay, transposta a Cordilheira e gainho o planalto,
marchavam bem as operações de guerra, sendo de
prevêr-se a suspirada terminação de tão serodia lucta
— mas no seio do ministerio já se haviam manifes-
tado, como era corrente, bem serias divergencias.

Parece que José de Alencar quizera pôr em pra-
tica algumas das idéas aventadas nas *Cartas de Eras-
mo*, e ahí, com effeito, mostrava coherencia, instando
pelas doutrinas que pregára, entre outras, o segredo
do conselho de ministros sem assistencia do sobe-
rano, novidade com a qual não concordavam os col-
legas do gabinete.

Via elle inconvenientes graves nas discussões tra-
vadas em despachos imperiaes. « Afinal, ponderára
numas daquellas cartas, succede que dos retalhos das
convicções surge, por mutua concessão, uma opinião
média que, não sendo de nenhum ministro individual-
mente, se torna a do ministerio ».

Por essa theoria podia o Imperador demittir o
gabinete quando julgasse errada uma providencia por
elle tomada; mas não lhe era dado revogar a reso-
lução assentada em conselho.

Emfim, todos sabiam, havia choques e attritos
bastantes fortes, tanto assim que José de Alencar jul-
gou dever fundar a folha *16 de julho* para se defen-
der dos ataques e insinuações do jornal conservador

Diario do Rio, que, segundo a voz geral, recebia inspirações directas de outros membros prestigiosos do ministerio, barão de Cotegipe e Paulino de Souza.

Parece, tambem, que o Imperador, com a candidatura do ministro da justiça á vaga aberta no senado pela exclusão de Saldanha Marinho, facto que elle procurára obstar e abertamente, pelo menos nas conferencias ministeriaes, reprovára, já então não lhe mostrava rosto tão affavel e risonho.

Affimou uma vez certo jornalista muito relacionado no mundo politico, que José de Alencar lhe referira o dialogo entabulado com o soberano, quando a este fôra annunciar a apresentação definitiva do seu nome no pleito, que se ia travar no Ceará.

Servindo-me das palavras do articulista vou reproduzir-o fielmente tanto mais quanto as palavras trocadas são bem naturaes, com bom cunho de authenticidade e devem ter servido de ponto inicial, já para a irritação, desde ahi patente, de quem se julgou logo lesado em seu direito, já para o procedimento do Poder que tinha de dizer a ultima palavra na questão.

O Imperador observa o jornalista, foi franco (Graças a Deus, uma vez, pelo menos, se lhe faz essa justiça!) e Alencar desabusado.

— «No seu caso, não me apresentava agora; o senhor é muito moço...»

O *simile* que o ministro achou para a réplica mais que amplamente justifica o qualificativo *desabusado*, que é até bem fraco em relação ao desabrimento da resposta, accusação formal e descabida. Aquilate-se com alguma imparcialidade:

— Por esta razão, Vossa Magestade devia ter devolvido o acto que o declarou maior, antes da idade legal...

E com a habilidade que lhe era peculiar, vendo

talvez que o golpe fôra demasiado rude, derramou um pouco de balsamo na ferida aberta:

... entretanto, ninguém até hoje deu mais lustro ao governo.

— Bem sabe, que obedeci a uma razão de Estado.

— É também uma razão de Estado para um político não desamparar o seu direito...

— Faça como entender; dou uma opinião...

— Que vale uma sentença...

Teve este diálogo um complemento, conforme adiante veremos, aclarando mais ainda a situação respectiva do Imperador e de José de Alencar.

XXIV

Ao finalizar-se o anno de 1869, duas graves preocupações actuavam no gabinete 16 de julho — uma, interessando particularmente José de Alencar, a eleição do Ceará com o seu consectorio constitucional — outra, a inclusão ou não na fallá do Throno, ao se abrirem as camaras em 1870, da então chamada *questão servil*.

Encaremos separadamente estes dous pontos, deixando de lado, para não nos alongarmos demais, outros motivos de inquietação e dissidência no seio do gabinete Itaborahy.

Haviam sido, como dissemos, annulladas as eleições de Saldanha Marinho e padre Pinto, por julgar-as o Senado inquinadas de vícios insanáveis, conforme opinaram o parecer da commissão de verificação de poderes.

E para chegar a essa conclusão, o relator que, se

não nos enganamos, fôra o barão de Cotegipe, recebera minuciosissimas informações e documentos das mãos do padre e senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil, quando ainda de cima os liberaes, isto é, em 1867, concludente prova do encarniçamento das facções em que se subdividião e com que se degladiavam no Ceará os *políticos apenas no poder ministerios do seu proprio credo, quer de feição conservadora, quer liberal.*

Uma vez por terra no Rio a situação até então dominante e congraçados no torrão cearense os contendores, dias antes ferozes inimigos sahidos da mesma grey, tentou o padre Pompeu, ou retirar ou dar por nullos, insubsistentes e sem valor as denúncias e esclarecimentos por elle tão empenhadamente fornecidos.

— Impossivel, meu collega, objectára Cotegipe com a finura e espirito que tanto o distinguíam. Obsequiou-nos o Sr. com certa escopeta e quer agora nol-a arrebatár, quando temos que defender com ella a verdade e a justiça?!

Immediatamente, diz o contemporaneo, que já temos citado, se tomaram medidas para a organização da nova lista sextupla, e a obra foi completa.

A 12 de dezembro de 1869 se apurou o seguinte resultado.

Alencar	1.185	votos
Jaguaribe	1.112	»
Manoel Fernandes	1.109	»
Domingues	1.053	»
Figueira de Mello	1.040	»
Araujo Lima	1.023	»

Cumpre lembrarmos, o partido liberal, segundo combinação dos chefes no Rio, não se apresentou ás

urnas e, deixou tudo correr á revelia. Entretanto, na apuração de 20 de maio de 1867 (eleição Saldanha Marinho e padre Pinto) assim mesmo o conservador mais suffragado (Dr. Nogueira Jaguaribe) obtivera sempre 471 votos, verdade é, declara o chronista, «a muito custo».

«O ministro, continua elle, estava senador, diziam gregos e troyanos — não havia duvidar.»

Note-se ahí o pedido de demissão de José de Alencar, muito espontaneo, somos levado a crêr, e derivação natural da sua altivez de animo.

No dia 9 de janeiro de 1870, á tarde, foi a São Christovão e pediu para fallar com o Imperador.

— Alguma novidade? perguntou surprezo o monarcha.

— Simplesmente cousa que me é relativa. Venho apresentar a Vossa Magestade a minha exoneração do cargo que occupo nos conselhos da Corôa.

— Porque?

— Desaccordo com alguns collegas, que vae, cada vez mais, se accentuando...

E accrescentou com decisão:

— Demais, desejo deixar a mais ampla liberdade a Vossa Magestade na questão do Ceará...

— Então o senhor quer destraval-a da confiança collectiva que me inspira o gabinete?

— Exactamente...

— Será o mais acertado?

— Muito reflecti e acho que este passo é da minha dignidade...

— Bem... está conforme com o que o senhor expendeu em relação ao Poder moderador.

No dia seguinte, sahiu José de Alencar do ministerio, arrastando em sua retirada ou sendo acompanhado — é de suppôr sem nenhum enthusiasmo — pelo ministro da agricultura, commercio e obras pu-

blicas Joaquim Antão Fernandes de Leão, a quem Cotegipe reprehendera em pleno senado, proferindo o tão commentado aviso, que equivalia a uma injuncção: «Tome tento, Sr. Antão!»

A 27 de Abril de 1870, presente a lista sextupla do Ceará ao Imperador, escolheu elle senadores Domingos José Nogueira Jaguaribe e Jeronymo Martinião Figueira de Mello.

Immensa e geral foi a surpresa. Cremos que a maior coube, entre todos, ao candidato preferido a Alencar, sendo a deste a menos intensa, por se achar para ella mais ou menos preparado pelos antecedentes havidos.

«Ou fosse que o Imperador quizesse lançar de si a responsabilidade da annullação da carta de Saldanha Marinho, cuja popularidade era grande; ou que tivesse concebido desgostos do seu ministro pela inflexibilidade com que, algumas vezes, denunciava excessos de amor á sua personalidade e confiança exclusiva no seu talento, é certo que o monarcha deu signaes evidentes de não assentir á sua apresentação.

«Occorria mais, que a annullação da eleição precedente resolvida por insignificante maioria, era attribuida a transacções com o Marquez de S. Vicente para a demissão do chefe de policia do Pará, que disso se queixára pessoalmente ao Imperador, mostrando-se victima no cumprimento de ordens reservadas do proprio ministro.

«A verdade é que foi grande a desillusão. Nunca se acreditou no paiz, que fosse regeitado um nome tão illustre, abrindo-se uma excepção nas candidaturas ministeriaes, até então perfeitamente acatadas e servidas.»

Esforçou-se depois sempre o Imperador por arrear candidaturas dessas, demasiado flagrantemente e escandalosamente commodas.

Conseguiu, afinal, não sem trabalho, que fossem pelo menos, limitadas ás provincias a que pertenciam os ministros e poudes até impedir algumas dessas apresentações, mesmo nesse restricto terreno.

Bem presente, nem de proposito, acode-nos memoria a série de difficuldades, com que luctou um gabinete para fazer com que um dos seus membros, eleito por um burgo podre, vencesse a reluctancia do Senado em confirmar semelhante nomeação.

Com a temida mordacidade, moralisava depois Zacharias a votação.

— Houve senadores, disse elle, que andavam a berrar pelos corredores e na sala do café, que saberiam resistir a todos os empenhos e mais isto e mais aquillo. Entretanto, á ultima hora, mudaram de rumo, levantaram-se caladinhos e submissos e votaram sim. Dous outros fugiram e fizeram bem, um até ficou no ar, nem sentado nem de pé; votou a meio pau (*Risada geral*).

— V. Ex. se refere a mim? perguntou Jesuino Lamego Costa, barão da Laguna — pois o orador quasi apontára para elle.

— Sim, senhor, confirmou Zacharias.

Ora, o barão da Laguna tinha muito espirito natural e vivacidade, ainda que inclinados á bregeirice, apesar dos annos, como jovial marujo que era — bello typo de homem do mar, muito estimado e muito digno da maior estima.

— Pois fique V. Ex. sabendo, replicou elle sem hesitar, que só assim é que posso dar um ar da minha graça; já não levo a bandeira ao tópe.

Imagine-se a alacridade dos velhos senadores. Alguns despertaram sobresaltados da somnolencia em que os embalava a voz dos oradores na tribuna, indagando soffregos e curiosos: que foi? que foi?... que houve?

O proprio Zacharias não poudes conter o sério, riu-se e concordou:

— Não ha duvida, o nobre senador por Santa Catharina teve agora chiste. É de se lhe perdoar o voto.

XXV

Foi certamente politico feliz o Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, depois visconde de Jaguaribe. De um pulo saltou, por um conjuncto especial de circumstancias, para a cadeira senatorial, sem nome conhecido, nem tirocinio algum no ramo temporario. Passaro de vôo curto, galgou repentinamente o poleiro, a que custavam alcandorar-se aves de alto viso e larga envergadura.

Viéra, em 1861, na lista dos tres deputados representando o 2.º districto do Ceará; mas, contestada á sua eleição, viu-se depurado pela Camara e voltou á provincia.

Nomeado, mais tarde, sendo ministro Affonso Celso, visconde de Ouro-Preto, auditor de marinha, por occasião da guerra do Paraguay, passou depois, no mesmo character para o exercito, onde ganhou as sympathias do então marquez de Caxias. Tinha, pois, bons serviços de campanha; mas aborrecia-se muito, quando se attribuiam exclusivamente a esses serviços os motivos da sua escolha.

Excellent homem, muito leal, verdadeiro patriarcha, pois era estremecido chefe de numerosa familia, e em extremo modesto, occupou, no gabinete Rio Branco, o cargo de ministro da guerra, mas sem realce, nem notoriedade, de 7 de Março de 1871, a

20 de Abril de 72. Salientou-se mais como decidido adepto da abolição, cuja causa ajudou quanto lhe permittiram as forças.

Não era já se vê, de esphera a competir com José de Alencar.

Muito deveria, pois, ter pensado e reflectido o Imperador, antes de fixar-se em determinação irrevogavel, que afastou de si um auxiliar e um admirador de ingente valia e innumerous recursos, qual o autor das *Cartas de Erasmo*.

Longos annos depois de morto o illustre brasileiro, disse o monarcha em momentos de expansão: «Tive sempre José de Alencar no alto apreço que de todos mereceu pelos talentos e aptidões; mas, lamentando as circumstancias que o tornaram tão hostil a mim, não me arrependo da resolução que julguei dever tomar».

Asseveraram na época pessoas mal informadas um facto que parece não soffrer contestação, isto é, que o gabinete, a que antes pertencêra o illustre escriptor e potente parlamentar, nada fizera em favor d'elle.

Avançaram-se, porém, ao mesmo tempo outras proposições a que de todo falta base e nem parecem provaveis; entre ellas, que o acto do Poder Moderador fora communicado a um dos ministros (não podia ser-o senão ao Visconde de Itaborahy) e logo publicado, sem sciencia dos outros membros do gabinete. Afigura-se-nos isto impossivel, pois ia de encontro a todas as praxes. O Imperador conversava antes com o presidente do conselho acerca do nome que escolhêra, depois fazia a sua declaração no despacho colectivo, dando quasi sempre as razões da sua preferencia.

Afiançou levemente certo articulista que o illustre Marquez de Muritiba — o glorioso homem de

estado cheio de serviços á patria — fora o ultimo a saber da resolução imperial e, a soubera por lê-la nos jornaes, reclamando então: «Se eu tivesse adivinhado ou se conhecesse a intenção do Imperador, teria ido a S. Christovão pedir-lhe, que reconsiderasse a escolha feita.

Isto não é absolutamente crível! O marquez de Muritiba, uma das figuras preponderantes do gabinete 16 de Julho não se deixaria pôr á margem assim, elle tão zeloso sempre da dignidade propria e da que decorria dos altos cargos que já havia occupado.

A ser verdade o facto não teria ficado, um minuto mais, como ministro da guerra, pasta em que, á toda a evidencia, patenteou a mais patriótica energia e o intangível prestigio de que soube sempre rodear-se na vida publica.

Seria, ainda mais, aceitavel aquella observação, ou antes clara censura, partida de um politico da sua ordem, correctissimo em todas as occasiões para com o Imperador e, sem a minima quebra das suas attribuições de ministro responsavel, respeitador severo da esphera de acção do Poder Moderador, intransigente representante das velhas e sãs tradições do partido conservador?

Não, por certo.

Quanta má fé, quanta perversidade não espalham aliás com o maximo desplante, escriptores de memorias com pretensões a defender a verdade na sua pureza absoluta?

Haja vista o que certo anonymo publicou sob o titulo *O antigo regimen*, livro repleto de inverdades, de falsidades, escripto, porém, em estylo pouco convidativo.

Usando do nome de *Suetonio*, não entendeu o tal escriptor respeitar a verdade como fizera o autor da *Vida dos Doze Cezares*; á semelhança de Suetonio

nio quiz escrever a historia secreta do reinado de D. Pedro II, mas, levado por inconfessavel odio, não achando elementos, na cõrte brasileira, tão chã, vivendo tão às claras, passou para o terreno da inventividade e — digamol-o — da inverdade calumniadora.

Que salsada medonha, inextricavel, malevola nas minimas intenções, nos apresenta o tal *Suetonio*, em relação aos negocios internos do Brasil, no antigo regimen! Quasi impossivel seguir-lhe os passos.

Para dizer horrores de D. Pedro II, esse, não perde vaza; tudo lhe serve, tudo ageita ao fim unico que collima, apurando, cada vez mais, a gana de abocanhar, subverter, deprimir.

Bem grato, por certo, a inextinguiveis rancores e entranhados odios, tentar assim escrever a historia. De que serve, porém, todo esse arcabouço de invenções e falsidades? A verdade é como o sol; espanca as sombras por mais densas que se as accumullem em torno, buscando envolvê-la. Magestosamente o disse o poeta em seus bellos versos, tão applicaveis a D. Pedro II:

« *Mais lui, poursuivant sa carrière,
Jette des torrents de lumière
Sur ses obscurs blasphémateurs !* »

XXVI

Nem de proposito, para a elucidação das duvidas que deixei expostas publicou o illustre Muritiba em Dezembro de 1895, dous mezes antes de seu fallecimento, e respondendo a um appello meu, interes-

sante documento em que explicou o que houve na escolha senatorial de 1870. O inclyto ancião, sahindo do retrahimento a que se chamava, deu então as ultimas provas da vivacidade e segurança d'aquelle grande espirito que o peso dos annos não pudera abater e a que deve o Brasil os mais relevantes e nunca assaz lembrados serviços.

Quanto sôu augusta e solemne aos ouvidos essa vóz partida de tão longe, a fallar, na castiça linguagem de outr'ora, em épocas de auspiciosa calma e largas esperanças num periodo de conturbação geral e pungentes incertezas dirigidos então os publicos negocios por provecos estadistas, á cuja frente se via Pedro II...

Tal alcance e significação tem essa declaração que merece ser transcripta em sua integra como peça documentaria, pois satisfaz do modo mais cabal ás duvidas e hypotheses de interesses historicos de que estou a tratar.

« Completamente arredado da scena politica, dizia o venerando Marquez, depois dos acontecimentos de 15 de novembro de 1889 que com ella me incompatibilisaram radicalmente, suppunho-me agora forçado a vir á imprensa por uma allusão feita a minha pessoa em termos excessivamente delicados e para mim muito lisongeiros.

« Li, em uma biographia do meu antigo collega o finado conselheiro Alencar, um topico, que me diz respeito e como conservo inteira recordação dos incidentes que se deram por occasião da escolha de dous senadores em lista sextupla, durante a constancia do gabinete 16 de julho de que fiz parte, peço licença para afirmar o seguinte:

« Que fôra meu desejo, manifestado por vezes a S. M. o Imperador, que o meu ex-collega da justiça fosse um dos senadores escolhidos e para isso em-

preguei todos os esforços que em mim cabiam na esphera, nesse caso restricta, de minhas attribuições.

«Que, na qualidade de ministro de Estado e membro do Poder Executivo, a minha intervenção nessa escolha não podia ser senão indirecta e pouco efficaz, mas nunca decisiva, á vista da antiga Constituição da Monarchia, que tornava privativa do Poder Moderador a escolha senatorial, por cujos actos, portanto, não se fazia effectiva a responsabilidade ministerial.

«Era esta a doutrina por mim seguida, de accordo tambem com os principios da escola conservadora, que se acham amplamente comprovados nos *Ensaio de Direito Administrativo*, do meu finado e saudoso amigo visconde de Uruguay;

«Que é menos exacto, que eu sómente tivesse tido conhecimento da não escolha do conselheiro José de Alencar, depois de dada esta á publicidade; pois já havia sido préviamente informado a tal respeito em conselho de ministros, presidido por Sua Magestade o Imperador;

«Que, em consequencia, finalmente do que levo affirmado, não são minhas as palavras que me foram attribuidas e nem a correção e a prudencia me permitiriam a leviandade dessas palavras.

Quem poderia esperar outro procedimento do Marquez de Muritiba? o desembargador Manuel Vieira Tosta, que com admiravel e patriótica energia dominára a *Revolta Praieira*, e cujo papel tanto salientou o general Francisco Raphael de Mello Rego na sua bella memoria sobre a revolução Praieira, a mais completa que sobre esses factos existe, e em 1848 ajudante de ordens da presidencia de Pernambuco.

Tratemos da segunda questão que, depois de certa época, dividira o ministerio 16 de julho.

Era a questão, nesse tempo chamada do *elemento servil*, assumpto de excepcional transcendencia e que, graças ao vigilante influxo do Imperador desde 1865, nunca mais sahiu da orbita das instantes preocupações governamentaes, rememoradas em tantas Fallas do Throno, afim de para ella chamar a attenção e os cuidados do parlamento e despertar a opinião publica, disposta sempre nesse gravissimo assumpto á inacção, quando não a formal reluctancia.

E, hoje em dia, tenta-se, ou melhor, ousa-se com entono proclamar que D. Pedro II nada fez em pról da abolição, pelo contrario a estorvou quanto poudes, desviando e impedindo a ardente iniciativa de valentes propagandistas! Santo Deus, quanta injustiça buscam com odiento afan accumular por sobre aquella augusta memoria!

As pedras, porém, que lhe atiram, na seccura do sentimento e no falsear da verdade, torvos e mal intencionados beduinos de aridos desertos, não servem senão para altear cada vez mais o pedestal, em que se ergue o seu ingente vulto.

O historiador analysando com olhar sereno os factos, hade, a cada passo, encontrar os inconcussos signaes do constante e paciente empenho do Imperador em affirmar como aspiração primordial do Brasil a ancía de expurgar do seu seio e do seu nome a aviltante macula da escravidão.

Voltando ao que iamoz dizendo, remontemos um tanto longe; vale a pena.

XXVII

O ministerio de 29 de Setembro de 1848 e que durou até começos de Maio de 1852, presidido, a principio, pelo então Visconde de Olinda (Pedro de Araujo Lima) e depois pelo Visconde de Monte-Alegre (José da Costa Carvalho), foi um dos mais notáveis e fecundos que teve o Brasil-Imperio.

Basta relembrarmos a sua composição: 1.^a Olinda (presidente do conselho e ministro da fazenda e de estrangeiros); Monte Alegre (ministro do imperio); Eusebio de Queiroz Mattoso Camara (ministro da justiça); Manoel Felizardo de Souza e Mello (ministro da marinha e guerra). 2.^a Monte Alegre (a 8 de Outubro de 1849), presidente do conselho e ministro do imperio; Paulino José Soares de Souza, depois Visconde de Uruguay (ministro de estrangeiros); Joaquim José Rodrigues Torres, depois Visconde de Itaboraahy (ministro da fazenda); Manoel Vieira Tosta, depois Barão, Visconde e Marquez de Muritiba (ministro da marinha) e Manoel Felizardo de Souza e Mello (ministro da guerra).

No meio de todos esses nomes tão illustres, chegou Eusebio a merecer o titulo de Grande, pelo modo por que soube reprimir o nefando trafico dos miseros africanos — uma das fontes de perpetuidade da escravidão — levando a quasi definitiva conclusão aquelle compromisso de honra para o Brasil.

Foi elle quem, a 14 de Outubro de 1850, regulou a execução do decreto legislativo de 4 de Setembro d'aquelle anno e a lei de 7 de Novembro de 1831, a qual cahira em completo desprestigio, pois, á vista

das autoridades, a pirataria negra atirava ás praias a desgraçada carga que dava ao trabalho nacional...

Pungido o pundonor brasileiro pela deprimente fiscalisação e oppressora vigilancia da Inglaterra, na vigencia do *bill* Aberdeen, comprehendeu Eusebio que convinha ferir forte e fundo e assim fez, arcando de frente com os mais temidos potentados e perseguindo tenazmente os indignos negociantes de carne humana.

Tambem, na Falla do Throno de 3 de Maio de 1851, podia o Imperador dizer ás Camaras: «A lei de 4 de Setembro do anno passado tem sido rigorosamente executada. A ella se deve principalmente o estado da quasi extincção do trafico⁽¹⁾. Espero que continueis a coadjuvar o meu governo com todos os meios que possam ser necessarios para obstar a que reapareça, ainda que em pequena escala».

Nem os obstaculos á grande e moralisadora medida partiam só dos interessados e gananciosos. A muitos politicos de importancia bem perigosos e de gravissimas consequencias para o Brasil e para a fortuna publica se afiguravam os golpes decisivos desferidos por Eusebio contra os criminosos e contraventores da lei.

Um dia, ouvindo acerbos e tetricas ponderações, perdeu de repente a paciencia e teve admiravel rapto de eloquencia. Pelos bellissimos olhos, azues como finas turquezas do Oriente, lhe fuzilou uma chispa de indignação e elle, batendo com violencia na mesa de trabalho, proferiu estas palavras pouco conhecidas:

— Pois bem, se a minha patria não pode viver sem escravos, então não é digna de ser nação; abysme-se para todo sempre!

(1) No documento está trafego, que hoje se emprega em sentido differente, significando movimento em estradas de ferro, negocio commercial, etc.

E seguiu adiante.

«O meu governo, annunciava o Imperador ao Poder Legislativo a 3 de Maio de 1852, continua e continuará a reprimir o trafico (1), o qual, depois da ultima sessão legislativa, ainda tem diminuido. Espero que, mediante o vigor e attenção que elle emprega nesta tarefa, desapparecerão de todo as poucas e indignas especulações, com que a avidez do lucro procura embaraçal-a. Conto sempre com a vossa coadjuvação para todas as medidas que a experiencia aponte como necessaria para a completa extincção de tão abominavel commercio.»

Muito e muito se deve ao grande Eusebio, não ha contestar; mas tambem a Corôa estava alerta.

A 3 de Maio de 1853, ministro então da justiça não mais aquelle eminente politico, porém sim José Ildefonso de Souza Ramos (depois Barão das Tres Barras e Visconde de Jaguar) no gabinete 11 de Maio de 1852, dizia a Falla do Throno:

«A fé dos tratados e o nosso proprio interesse exigem imperiosamente, não só a completa cessação do trafico de africanos, mas tambem que se torne impossivel sua reaparição. Os meus ministros vos indicarão as medidas que parecem ainda precisas para se conseguir este duplicado fim.»

Novamente, a 7 de Maio de 1854, reaparece na abertura da assembléa geral, ministro ahi da justiça, José Thomaz Nabuco de Araujo, no gabinete 6 de Setembro de 1853, o seguinte topico do discurso da Corôa:

«O meu governo continúa a exercer na repressão do trafico a mais activa e energica vigilancia, empregando os meios de que póde dispôr para extin-

(1) Ahi vem já trafico.

guir este abominavel commercio; e os seus esforços têm sido até agora corôados de feliz resultado.»

Ainda, a 3 de Maio de 1855, ha uma referencia, ministro da justiça ainda o mesmo Nabuco de Araujo:

« Compraze-me em annunciar-vos que nenhuma tentativa tem havido de trafico de africanos. A adhesão do paiz e a vigilancia com que continúa a ser feita a policia do nosso littoral dão-me a segurança de que não reapparecerá esse criminoso commercio.»

A 3 de Maio de 1856, sempre occupando a pasta da justiça Nabuco de Araujo, dizia a Falla do Throno:

« A despeito das providencias tomadas para a repressão do trafico de escravos, alguns aventureiros ousaram tentar novas especulações; mas a vigilancia do meu governo, auxiliada pela opinião pulica, conseguiu mallogral-as, como espero que sempre acontecerá.»

A 3 de Maio de 1857, ministro da justiça, a 4 d'aquelle mez, Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, annunciava ainda o discurso da Corôa:

« O vigor com que foram reprimidas as duas ultimas tentativas da *introducção de africanos em Serinhaem e S. Matheus* deve ter desacoroçado os aventureiros, que julgavam a occasião azada para realisarem no Imperio suas criminosas empresas.»

E foi a ultima vez que se fallou em tão degradante empreendimento.

Estava estancado um dos mais possantes e copiosos mananciaes do hediondo captivo; cumpria ir ter á outra fonte, e fazel-a seccar — o ventre da misera escravizada — antes das medidas complementares e resolutivas.

Em tudo isso, claramente se vê o evoluir da incessante meditação de um espirito superior, a actuar com a pausa e regra de grandioso e ponderado es-

tadista e a encaminhar o pensamento nacional para o mais glorioso e difficil dos objectivos, que, no meio de mil obstaculos e opposições, jámais se antepuzeram ás vistas e á philanthropia do homem.

XXVIII

A aggressão do dictador do Paraguay, Solano Lopez, em fins de 1864, affirmada pela violenta invasão da provincia de Matto-Grosso por agua e por terra, arrastando obrigatoriamente o Brasil á longa e penosissima guerra dos cinco annos, perturbou a evolução e o seguimento das providencias que, uma vez extincto o trafico dos africanos, tinham de encaminhar o grave e, para nós, tão vexatorio problema da escravidão ao seu termo definitivo.

Contavam os povos cultos da terra com esse esforço, esse desempenho de um compromisso de honra por parte do Brasil, enxergando na estabilidade do principio monarchico garantia sufficiente, para que tão momentoso assumpto não sahisse mais de entre as preoccupações da mentalidade nacional, tão dignamente representada, perante o mundo policiado, pelo unico soberano da America.

Impressionada com as consequencias da formidavel luta da secessão nos Estados Unidos, em que o abominavel direito de posse do homem sobre o seu semelhante fora afogado em rios de sangue e de dinheiro, confiava a civilisação no pundonor e sensatez dos brasileiros e na sua valente organização politica, afim de que, nesta parte do continente americano, não se reproduzissem, embora em proporções menores, as peripecias d'aquelle titanico embate fraticida,

no qual perto de 700 mil homens desapareceram da vida em 625 batalhas e combates, malbaratados nada menos de 9 bilhões de dollars da fortuna publica e particular!

Para cima de 2 milhões de soldados, mais ou menos gravemente feridos, haviam dado motivo a pesadíssimas pensões e depois, pela engrenagem da concussão e dos interesses da cabala eleitoral, servido de pretexto para concessões de tenças e distribuição de favores, que decorridos trinta annos, ainda gravaram o thesouro da União na avultadissima somma de centenas de milhares de contos de réis!

— Cumpre, repetia sempre o Imperador, não perder de vista a questão, pensar sempre nella; mas preparar a reforma com prudencia.

Por isto, acolheu elle com o maior favor, quasi soffreguidão, o projecto, bem estudado em todos os seus pontos e fundamentado em solidas ponderações da emancipação gradual pela liberdade do ventre da escrava e outras medidas complementares, que em parte por iniciativa propria, em parte resultado de conferencias prévias em S. Christovão, lhe apresentou, a 23 de Janeiro de 1866, José Antonio Pimenta Bueno, conselheiro de estado desde 1859, depois Visconde e Marquez de S. Vicente, estadista de grande esphera, politico laborioso e do maior valor e peso no silencio do gabinete e de penna em punho, menos prestigiado, porém, e feliz na arena parlamentar, pois de todo lhe faltavam predicados indispensaveis ao homem da tribuna, porte, energia e facilidade de dicção, promptidão e valentia da palavra.

Bem conhecidos e devidamente aquilatados são os muitos trabalhos do notabilissimo publicista, um dos mais operosos, perspicazes e uteis servidores que tem tido o Brasil; inseriu a *Revista Brasileira*, em suas paginas, extensa *Memoria* inédita da lavra de Pi-

menta Bueno, dirigida reservadamente ao Imperador e que se recommenda pela consciencia na explanação da materia, lucidez e agudeza de vistas e exacía providencia do futuro. Nella se compendiavam e se propunham os meios de acudir á defeza do territorio mattogrossense, quando no Rio de Janeiro, se suppunha, de todo o ponto improvavel, pelo menos, a invasão de que, por parte dos paraguayos, foi victima aquella remota zona brasileira.

E basta a transcripção de bem poucas palavras para indicar a data em que foi escripta aquella bella *Memoria* e provar o acerto. « É preciso quanto antes, dizia ella em começo, soccorrer essa fronteira occidental; *nem se espere pela guerra paraguaya* ».

Quando tantas outras irrecusaveis provas não existissem, é esse documento irrefutavel testemunho da insanidade e insubsistencia da affirmacão e invento d'aquelles que, ou por méro humorismo ou pendor á excentricidade, ou por bem clara perfidia, á força, *ex-proprio Marte* e contra os depoimentos unanimes e incontrastaveis da verdade, intentam attribuir a diuturna e mortifera guerra do Paraguay ao capricho unico de D. Pedro II e ao seu orgulho offendido, a querer lavar no sangue de Solano Lopez a affronta de supposta pretencão á mão da princeza D. Leopoldina.

Um monarcha d'aquelles, sanguinario e levado a semelhantes vinganças, por simples melindre de casta!

Ridicula ballela, quando, além de tudo, o dictador vivia publicamente com uma mulher, que sobre o seu espirito exercia o maior poder, engolfado nos prazeres faceis da Assumpção, a idear os planos de conquista, até certa parte, realisados e de protectorado sobre a parte da America que lhe ficava mais á mão.

Naquelle valioso *Memorandum*, Pimenta Bueno, pelo conhecimento que tinha de Matto Grosso, onde fôra dous annos presidente, de 1836 a 1838, e, pelo estudo pausado da organização e da politica do Paraguay, inaugurada pelo filho do velho Lopez, mostrava, a toda a evidencia, de um lado a indeclinabilidade, a imminencia da lucta e, de outro, o nenhum preparo do Brasil para repellir qualquer acto de desrespeito ás suas fronteiras, discutindo tambem, com magistral proficiencia, as vantagens e os inconvenientes das linhas de communicação entre o littoral e tão distante zona e os modos de repellir, com a possível presteza, o insulto á dignidade nacional.

Tudo infelizmente se realisou conforme as apprehensões do patriotico estadista, e as successivas e tremendas calamidades que acabrunharam as forças em operações no sul de Matto Grosso e por ellas foram vencidas só a poder de esforços, para assim dizer, super humanos, deram plena justificação ás muitas cogitações e dolorosas previsões de Pimenta Bueno.

Tal era o marquez de S. Vicente.

A sua formosa iniciativa, porém, na magna questão da escravidão que devja ficar, senão logo extincta, pelo menos cerceada pela cessação das fontes de reproducção e continuidade, jamais foi apreciada e merecida. E era o Imperador o unico a protestar sempre contra o esquecimento d'esse nome entre os dos primeiros vultos da abolição.

— Não fazem a devida justiça ao S. Vicente (dizia, conforme os politicos antigos, San Vicente). Foi elle quem encarou de frente o problema; quem deu o primeiro impulso á idéa vencedora.

E a materia, elucidada em todos os seus pontos de vista, foi sujeita ao Conselho de Estado, cujas discussões e pareceres a tal respeito, publicados a

final em 1871 e 1872, têm o maximo interesse e são hoje bem conhecidos.

Tal ou qual segredo e reserva haviam, porém, envolvido todo esse trabalho inicial, de modo que não pequeno abalo e surpresa causou, no nosso mundo politico, a inserção na Falla do Throno de 22 de Maio de 1868, presidente do conselho de ministros Zacharias de Góes e Vasconcellos, do seguinte trecho:

«O elemento servil no Imperio não póde deixar de merecer opportunamente a vossa consideração, provendo-se de modo que, respeitada a propriedade actual e sem abalo profundo em nossa primeira industria, a agricultura, sejam attendidos os altos interesses que se ligam á emancipação.»

Apezar da cautela com que se apresentára ao parlamento a referencia, a commoção em todo o paiz foi grande, muito grande até. Aquellas palavras, proferidas no momento em que a guerra do Paraguay exigia enormes sacrificios, sem haver ainda tocado ao seu maximo gráo de acuidade, pareceu ás classes conservadoras gravissima imprudência e deu azo a muitas e acres censuras, não só a Zacharias, como directamente á Corôa.

Reflexo da conturbação produzida se mostrou pela inclusão de duas simples palavras na resposta á Falla do Throno da Camara dos Deputados, muito embora toda a sua incondicional dedicação ao gabinete de 3 de Agosto.

«A Camara dos Deputados, affirmava ella, associa-se á idéa de opportuna e *prudentermente* considerar a questão servil no imperio, como requerem a nossa civilisação e verdadeiros interesses, respeitando-se *todavia* a propriedade actual e sem abalo profundo na agricultura do paiz.»

Cahira, comtudo, a emenda substitutiva apre-

sentada na sessão de 4 de Junho por Bernardo Avelino Gavião Peixoto, deputado do 2.º districto de S. Paulo e que exprimia, força é convir, o sentimento geral naquella melindrosa occasião.

Vamos, por isto, integralmente trancrevel-a, pois é factor importante de apreciação e analyse ante os olhos de futuros historiadores.

«Seja, dizia ella, o periodo que principia — A camara dos deputados se associa, etc. — substituido pelo seguinte:

«A Camara dos Deputados sente, por considerações *eminentemente brasileiras* (o gripho é nosso) e que não escapam ao alto criterio de Vossa Magestade Imperial, que o governo consignasse na falla com que o Throno abriu a presente sessão, o grave assumpto do elemento servil.

«A Camara dos Deputados, Senhor, está profundamente convencida que só o tempo, o progressivo augmento da riqueza nacional e a prosperidade estavel das finanças publicas poderão *determinar* a época de attender-se á antiquissima instituição servil, que as leis do Estado reconhecem, sem abalos bruscos do valor e segurança de toda a fortuna publica e sem detrimento grave dos mais elevados interesses brasileiros, interesses que até o presente se firmam e por muito tempo ainda descansarão na agricultura e organização actual do trabalho.

«A este pensamento, que a Camara dos Deputados se compraz de acreditar será o do governo de Vossa Magestade Imperial, ella se associa e espera assim que o elemento servil será *opportuna e prudentemente* considerado, sem os perigos que tememos, sem offensa da propriedade e sem penosos sacrificios do thesouro publico.»

Manifestando-se o desagrado ministerial contra tal emenda, na sessão de 17 de Junho, o mesmo

Gavião Peixoto tendo pedido á Camara a sua retirada, substituiu-a pela seguinte:

« Merece decerto a consideração das Camaras e do paiz a questão do elemento servil no imperio. Em occasião opportuna, estando preparados com criterio e prudencia os meios de solvel-a, garantida a propriedade e protegida a agricultura, nossa primeira e quasi unica industria, então, Senhor, a Camara poderá entrar no curial e aprofundado conhecimento de tão importante assumpto. »

Foi essa emenda tambem regeitada, bem como outra assignada por Tavares Bastos, que vagamente alludia ao caso.

Passou, entretanto, o anno legislativo de 1867, e nada mais se adiantou.

Estava, porém avisada a nação.

A 9 de Maio de 1868 a Falla do Throno trouxe sobre o assumpto que tanto alarma causára ao paiz, senão estas rapidas palavras: « O elemento servil tem sido objecto de assiduo estudo e opportunamente o governo submeterá á vossa sabedoria a conveniente proposta ».

Essa concisão e o vocabulo *opportunamente*, de que a Camara fizera no anno anterior questão, pareciam indicar o formal intento de, por emquanto, não se tocar no manancial de tantas inquietações suscitadas, devendo-se aguardar tempos mais adequados á prosecução da campanha social esboçada.

Cahida a situação liberal a 16 de julho de 1868, era muito natural que o gabinete conservador, que subira por grande força reactiva da opinião, terminante eliminasse do discurso da Corôa, com que se apresentou ás Camaras em 1869, qualquer allusão á incandescente questão.

E ahi temos mais uma prova do quanto era apertado o circulo em que gyrava e se exercia o

tão fallado *poder pessoal*, porquanto o Imperador julgava necessario e de boa politica que a não deixassem, pelo menos, em absoluto silencio. Nada conseguiu, allegando o gabinete a conveniencia de adial-a para depois de terminada a guerra do Paraguay, que entrára então em nova phase, encetadas as operações sob o mando do principe Conde d'Eu.

Decorreio para o gabinete Itaborahy, o anno de 1869 em grandes luctas parlamentares no Senado e não pequenas contrariedades, de entre as quaes talvez se salientasse o acto do general em chefe das forças brasileiras no Paraguay, pedindo a 12 de Setembro, ao Governo Provisorio d'aquella Republica a immediata abolição da escravidão até então igualmente alli mantida.

«Tomando, terminava a carta do Conde d'Eu, esta resolução que pouco influirá nas producções e nos recursos materiaes d'este paiz, VV. EE. dignamente inaugurarão um governo destinado a reparar todos os males causados por longa tyrannia e a guiar a nação paraguaya pela estrada dessa civilização, que arrasta os outros povos do mundo.»

Menos de um mez depois, a 2 de outubro de 1869, decretava o governo provisorio, composto de Bedoya, Loizaga e Rivarola a abolição immediata e total da escravidão no Paraguay.

Verdade é, que José Maria da Silva Paranhos, ministro dos negocios estrangeiros do gabinete 16 de julho, então em Assumpção, era a alma e a inspiração d'aquelle governo.

No final de 1869 dominava esta duvida o ministerio: — inserir ou não na falla do throno de 1870 a questão servil.

Como pensava na materia José de Alencar? Difficil será qualquer affirmação positiva.

De um lado, referendára elle com alegria e

açodamento, a que depois frequentemente alludia, o bello decreto legislativo de 15 de setembro de 1869, que prohibia os leilões de escravos e a venda em separado dos filhos de suas mães; mas, de outro, já entrara naquelle caminho de asperezas a contrariar de frente o Poder Moderador, em vespéras da determinação que tomára de sahir do gabinete antes da escolha senatorial na lista sextupla do Ceará.

Recomposto o ministerio a 10 de Janeiro de 1870, com a entrada de J. O. Nebias na pasta da justiça, e de Diogo Velho (visconde de Cavalcanti) na da agricultura, parece certo que opinavam a favor da discutida inclusão, tres dos membros do gabinete: barão de Cotegipe, Diogo Velho e Silva Paranhos; os outros mais em sentido contrario.

XXIX

No dia 6 de maio de 1870 effectuou-se a sessão imperial de abertura do parlamento, e a Falla do Throno, anciosamente esperada não articulou palavra acerca da questão, que, uma vez arredadas as preocupações da guerra do Paraguay, dominava o espirito de todos, sobresaltando-o em varios sentidos.

Foi debalde a cautela, que apressou, pelo contrario, impetuoso movimento de reacção.

Não decorreram, com effeito, muitos dias, e inesperada bomba fez explosão.

Numa das primeiras sessões da Camara dos Deputados a 11, o representante do 3.º districto da provincia do Rio de Janeiro, Jeronymo José Teixeira Junior (depois visconde do Cruzeiro), que substituíra Sayão Lobato, escolhido em 1869 senador, declarou

que se julgava obrigado a interpellar o presidente do conselho de ministros; e a noticia de que essa interpellação ia versar sobre o assumpto que, a poder de tanto esforço, no saber de todos, havia sido eliminado no discurso da Corôa causou no publico a maior impressão.

Tambem, a 14, a Camara, desde as primeiras horas do dia, apresentava o aspecto das grandes e emotivas occasiões, após um anno inteiro de deserção das tribunas e galerias, tão destituidas de interesse se haviam arrastado as sessões de 1869, absorvida, como já dissemos, a attenção geral pelos debates do Senado.

O politico, que occupou a tribuna, gozava dos fôros de orador notavel e com justiça os conquistára, desde que pela primeira vez, em 1857, entrára na Camara. Dispunha de palavra muito facil e ductil, por vezes brilhante e até eloquente que lhe transfigurava a physionomia sympathica, mas bem pouco de accôrdo com as regras da esthetica — rosto habitualmente afogueado, traços irregulares, olhos salientes e nariz adunco; estatura menos que meã e no todo franzino. Genro do illustre Marquez do Paraná, possuidor de avultados bens, reputado desde os bancos da academia de S. Paulo, muito entendido em questões financeiras, illustrado e dotado de intelligencia tão lucida quanto ponderada, gozava de não pequena importancia, que poderia ter ido augmentando sempre a mais e mais, se não se acolhesse, nos ultimos tempos do Imperio ou antes, desde o seu ministerio de 1870, a estudada esquivaça que justificava, em parte, por certas idéas, um tanto eccentricas, de absoluto desanimo, em parte pela deprimente molestia de que soffreu longos annos, diabetes, e que lhe minava as forças do organismo.

Naquella memoravel sessão, que iniciou o mo-

vimento ascensional da idéa emancipadora, coube, sem duvida, a Teixeira Junior a gloria, que rememoramos com todo o prazer, de lhe haver dado a propulsão primeira no parlamento. Começou, porém, o orador accusando severamente o gabinete 3 de Agosto e pela responsabilidade collectiva, a todo o partido liberal, de haver derramado sobre o paiz a mais fatal *cornucopia* de calamidades, pela extemporanea agitação de caso tão melíndroso, abruptamente, de chofre, antes do menor preparo e quando o Brasil accumulava sacrificios sobre sacrificios para sustentar longinqua e penosissima guerra.

E aquella expressão, que sublinhamos, produzindo longo reparo pela tal ou qual contradição que inseria, e dando logar a que Zacharias, no Senado, nella baseasse um sem numero de observações desde o estudo do apparente contrasenso até a violencia do sarcasmo um tanto sóez, mostra logo o orador de raça que não recua diante de uma incorrecção para ferir de prompto a attenção do seu auditorio.

Quanto difficil para aquelles que não nasceram oradores preparar um effeito desses na tribuna, e quão differente essa arte da outra que se exercita, com muito mais tropeços e canseiras talvez, no socego do gabinete, no continuo e ás vezes tão arduo cinzelamento da phrase!...

« *De quoi est mort Goncourt?* » perguntava Theophil Gauthier lamentando o desaparecimento de Julio de Goncourt, e respondia com fundo conhecimento de causa: « *Il est mort de la phrase, de la phrase qui tue!* »

No mundo politico, sobretudo brasileiro, é mais commum a tendencia á oratoria, senão sempre elevada e notavel, pelo menos fluente e clara, do que a maestria e correccção na linguagem escripta; e não

poucos exemplos tivemos de homens publicos, que occupavam a tribuna parlamentar com verdadeiro brilho, ao passo que, de penna em punho, davam de si bem triste cópia.

Em contraposição, já citámos Pimenta Bueno, que a escrever era profundo homem de estado e valente publicista e como parlamentar valia muito pouco, verdade é que, por motivos de ordem physica, nenhum realce de figura e sobretudo defeitos na dicção, que os *boatos* da *Reforma*, pela espirituosa e terrível causticidade de Joaquim Serra, um dos mais originaes escriptores politicos que tem tido o Brasil, puzeram em circulação e tornaram ainda mais salientes.

Teixeira Junior, porém, pintando com as mais vivas cores a repercussão produzida nas camadas da sociedade brasileira pelas palavras da Falla do Throno de 1867, declarou-se sobresaltado, não só com o silencio, rigorosamente mantido em 1870, quando já se findára a guerra do Paraguay, mas principalmente com um artigo editorial da folha *Dezesseis de Julho*, que se intitulava órgão do partido conservador e dirigido, como era corrente, pelo ex-ministro da Justiça no gabinete Itaborahy.

Nesse artigo capitulava-se de assignalado triumpho do ministerio sobre a vontade irresponsavel aquelle silencio, qualificado então de eloquente, e affirmava-se que a maioria do gabinete era declaradamente infensa, não só a qualquer medida prosecutiva, mas também á menor referencia a tão perigosa e alarmante reforma, contra os desejos manifestos e até pressão por parte do Imperador.

E ahí muito habilmente accentuou o grave risco de tudo se entregar á iniciativa particular, quando, em materia tão transcendente, devia a direcção, a

bem dos interesses sociaes ameaçados, partir exclusivamente do seio das Camaras legislativas.

Emfim, antes de qualquer resolução, queria esperar a palavra do governo, de quem se dizia amigo dedicado e prompto para defendel-o em todos os terrenos.

Respondeu-lhe o visconde de Itaborahy com bem marcante retrahimento e, apesar de toda a pratica e habito das luctas parlamentares, bastante perturbado, o que foi notado pelas muitas vezes que o experimentado estadista levou o lenço ao rosto, como que para enxugar o suor, quando a temperatura daquelle dia era fresca, quasi fria.

— Cumpre, disse elle pausadamente e calculando a menor expressão, que não vamos de repente alluir os fundamentos em que, ha mais de tres seculos, se acha assentada a associação brasileira.

Sem defender a negra instituição, reconhecia, em todo o caso, que o ministerio não se sentia com forças para encarar de frente tão temeroso problema.

Augmentou-se a anciedade geral, quando José de Alencar pediu a palavra e assomou á tribuna.

Era o seu logar habitual a quinta cadeira, na terceira archibancada de cima a contar da porta fronteira á mesa da camara e do lado esquerdo de quem entrasse.

XXX

Sem a menor hesitação chamou a si a autoria do artigo.

«O anonymato, declarou elle, é, comtudo, um direito garantido pela Constituição, um direito tão

sagrado como o segredo das cartas, como o domicilio do cidadão. O anonymato é o domicilio da consciencia; não se póde penetrar ahi, senão em nome da lei.»

Comprehendendo a posição que á força lhe impunham, assumiu-a por si, definindo-a nas seguintes palavras: «Está mais que saliente; eu me acho isolado no seio do meu partido!»

Embora instigado por apartes já bastantes aze-dos, não sahio do terreno da interpeção, demonstrando que, no seu entender, tudo devia ser entregue á iniciativa particular.

Ficou celebre essa sessão, em que tanto se distinguuiu Teixeira Junior, porque claramente se evidenciou, quanto era fraco qualquer ministerio, por mais elementos de prestigio de que dispuzesse, para deter a marcha de questão grave e instante, quer para os creditos do Brasil, representados pela sinceridade do Imperador, quer para os impulsos da consciencia nacional, personalizados na propaganda individual.

Os apartes que nessa occasião feriram a José de Alencar não deixaram, porém, de ter resposta.

Na sessão de 14 de Junho, a elles alludindo, deu as razões da sua retirada do gabinete 16 de Julho, e tudo quanto disse produziu vivissima impressão, pois já então se affirmára um dos primeiros oradores da camara.

— Eu era, declarou com firmeza, um obstaculo e um motivo de divergencias no seio do gabinete. Era um obstaculo, porque impedia a realisacão do plano politico do gabinete. (Não disse, entretanto, qual esse plano politico, em que esphera pretendia realizar-se e de que modo servira elle de estorvo); motivo de divergencias, porque impedia a união de duas fracções que tendiam a approximar-se e, com

effeito, se approximáram. Os quatro mezes decorridos (desde 10 de janeiro) mostram que eu tinha razão; a cohesão se fez e hoje o ministério se apresenta ou *se diz* solidário.

E, repellindo increpações vagas e que jamais haviam sido até formuladas, exclamou, para ir bater no ponto delicado que mais o attingira:

«O ex-ministro da justiça tem sido accusado de arbitrario, de inepto, de ignorante, de orgulhoso e não sei mais que; nunca, porém, foi taxado de desleal para com seus collegas... Como nestas circumstancias foi o nobre ministro da marinha dizer na tribuna, não estando eu presente, que a minha honra exigia que eu dêsse explicações?»

Insistia neste ponto, fugindo de tocar em outro, que, no sentir de todos como bem sabia, provocára a sua retirada e lhe havia desde então dictado a norma do proceder.

Com a habilidade habitual, o barão de Cotegipe, acudindo sem demora ao repto, e vendo quanto em politica é, muitas vezes, de vantagem fallar claro e expôr as cousas como ellas de facto se passaram, mostrou que pisava em terreno firme, de onde não podia facilmente ser deslocado.

Confessou que se declarára incompativel com José de Alencar no mesmo gabinete, e prompto para logo e logo deixar a pasta que lhe havia sido confiada, se o presidente do conselho, apesar de todas as bem sinceras ponderações, tivesse preferido os immensos talentos do ministro da justiça á sua conhecida insignificancia.

Com a movel physionomia, a que sabia dar tanta graça e chiste, quanto estava bem disposto e queria chamar do seu lado os *rieurs*, perguntou com fingida ingenuidade: «Que culpa tive em tudo isto? Queixe-se o Sr. Alencar de merecer e inspirar menos

sympathias e faça por colher mais esses louros. Verdade é que já os tem tantos!»

E reassumindo logo o sério:

— Houve, continuou elle, uma circumstancia politica, que influiu sobre o meu animo. Deram-se, como a camara sabe, duas vagas no senado, uma por Minas Geraes, outra pelo Ceará. Todos se recordam que fui eu quem combateu a validade das eleições d'esta provincia e por isto mesmo, apresentando-se outro ministro á vaga aberta, procurei logo o nobre presidente do conselho e lhe disse: «O gabinete tem por força que se modificar. Que quer dizer tantos logares de senadores abarcados sómente pelos ministros? Isto não parece digno do governo; não quero partilhar semelhante responsabilidade. Façam; mas eu me retiro».

E por ahi foi, applaudido por toda a Camara. José de Alencar, como previra, ficára só.

A estereis e mortificantes discussões com ministros, preferiu, desde então, encetar campanha mais grata ao seu orgulho malferido — atacar de frente, já na tribuna, já na imprensa, esse pretendido *poder pessoal*, que nas *Cartas de Erasmo* tanto se esforçara por provar nullo, não existente e até necessario e legal em face da Constituição.

Cessando o *Dezesseis de Julho*, que não podia, depois da interpeção Teixeira Junior, arvorar mais o lemma de *orgão conservador*, não descansou e continuou pelo *Jornal do Commercio* os seus raptos oburgatorios, uma vez fechadas as camaras.

Brilhantissimo batalhador em qualquer terreno, ficára, porém, aberta ás menores settas dos adversarios — e não lhe faltaram — a bem visivel falha da couraça que revistira ao entrar em campo.

«O verdadeiro conservador, diziam-lhe com razão, defende a constituição; aspira a toda a especie

de progresso sem saltos; prepara o futuro, sem calumniar o passado; respeita todos os direitos consagrados; quer a monarchia. Mas a monarchia não é um ente de razão. Querer a monarchia é querer o monarcha. Quem desconsidera, quem censura o monarcha, quem lhe assaca actos reprehensíveis e até crimes, fomenta o odio á pessoa, e abala a instituição. Isto não quer o partido conservador, porque é impolitico; não quer porque é ingrato; não o quer porque é injusto.»

Quanto nos dóe hoje fundo o pezar acharmos José de Alencar, espirito de eleição, alma superior, tão irreconciliavelmente divorciado de Pedro II e da sua doutrina!

Quem contudo, realizava e pôde realizar, como o Imperador, o ideal de Benjamin Constant?

«Offerece-nos, diz o eminente publicista francez, a monarchia constitucional um poder neutro, indispensavel á liberdade. O rei, em terra livre, é um ente a parte, sobranceiro á variedade das opiniões, com a mira num só alvo — a manutenção da ordem e da liberdade — estranho á condição commum, e, por isto, inaccessible ás paixões procedentes d'essa condição. A augusta prerogativa da realza dá ao espirito do monarcha uma tranquillidade, de que as outras posições não participam, não podem participar. Eleva o homem por sobre as agitações e a obra prima da organização foi ter creado assim, no proprio seio dos dissentimentos, sem os quaes nenhuma liberdade existe, uma inviolavel esphera de segurança, de magestade, de imparcialidade, que pacificamente permite áquellas divergencias desenvolverem-se (emquanto não ultrapassem certas raias) e que, apenas são a hora do perigo, lhes põe termo por meios legaes, constitucionaes e sem arbitrariedades.»

Como estavam então longe d'esse objectivo positivista que se reúne na simples aspiração de *Ordem e progresso*, tão apropriado aos povos opprimidos, á Polónia e outros miseros paizes conquistados?!

Verdade é, que, para Augusto Comte, a *obra prima da organização politica* era o governo de Paulo, Imperador de todas as Russias!

XXXI

Ainda abertas as Camaras, pediu demissão o gabinete Itaborahy, desnorteado desde a interpegação Teixeira Junior.

E, a respeito d'essa sessão, que tanto se celebrou, valiosa testemunha de presença nos fez reparar, que ella fôra nocturna e não de dia, conforme disseramos no nosso ultimo artigo. Levando as suas recordações a pontos minimos, lembrou-nos tambem a côr do lenço de seda do presidente do conselho a que alludimos, ramagens côr de ouro sobre fundo vermelho, o que não pomos duvida em registrar.

A 29 de setembro de 1870, substituiu áquelle gabinete o ministerio S. Vicente, que collocou, como era esperado, á frente do seu programma de governo, a magna e conturbadora questão do elemento servil, promettendo «uma solução prudente, providente e que procurasse compôr e harmonisar os valiosos interesses, incluídos nesse assumpto».

Não tinha, porém, esse estadista forças para leval-a por diante perante o parlamento, nem enfrentou de novo as Camaras, entregando, a 7 de março de 1871, antes da reunião dellas, com o mais nobre

reconhecimento da sua fraqueza, a ingente tarefa a José Maria da Silva Paranhos, já então Visconde do Rio Branco.

Também, só um Hercules d'aquelles para combater peito a peito com o pavoroso monstro da escravidão e dar-lhe certo golpe de morte, estancando a fonte de renovação do seu maldito alento e corruptora vitalidade.

Ao successor no poder, deixou o Visconde de S. Vicente o mais precioso legado na pessoa do ministro do Imperio, João Alfredo Corrêa de Oliveira, que passou de um gabinete para outro.

Foi elle, de facto, quem soube, com a maxima energia e habilidade, conter e disciplinar a pequena maioria, de que o ministerio poudo dispôr e em que se apoiaram os admiraveis esforços tribunicios de Rio Branco, tornando assim proficua toda a sua eloquencia e efficaz aquella memoravel campanha — um dos mais gloriosos e porfiados trechos da historia parlamentar, não sómente nossa, mas de todos os povos regidos por esse systema.

Em meados de 1871, começou a tremenda luta, desenvolvendo os dois campos contendores, governistas e dissidencia conservadora, prodigios de tenacidade, geito, illustração e manobras proprias d'esses grandes embates politicos, conservando-se, comtudo, ambos os grupos dentro dos limites marcados pela lei e pelo decôro, salvo um ou outro pequeno incidente mais accentuadamente desagradavel em momentos de maior effervescencia dos animos, aliás de prompto abafado e concluso pelo empenho de toda a Camara.

Batalhou-se alli séria e seguidamente; mas as unicas armas empunhadas foram as da intelligencia e do raciocinio, das razões do Estado ou dos impulsos do coração.

Nessa luta, que o paiz inteiro acompanhou vibrante e não pouco receioso, e em que, por vezes, a victoria pareceu pender para o lado da resistencia, assumiu José de Alencar, pela maestria com que usava da palavra, papel sobremaneira saliente, não só, como um dos mais formidaveis paladinos da opposição, mas tambem a seguir uma linha, para assim dizer lateral, paralela, batendo insistentemente na técla do *poder pessoal*.

Verdade é, que fazia decorrer toda a iniciativa governamental da unica vontade do Imperador, então em viagem pela Europa, e regente, pela primeira vez, a princeza D. Izabel. Dera, no seu pensar, o monarcha corda ao mecanismo e ia elle trabalhando a contento de quem tão bem o preparára e dispuzéra.

E, neste presupposto, a sua phrase tomava inflexões rispidas, que a nenhum adversario poupava.

« Quem defende esta proposta? perguntava elle. A condescendencia e a incoherencia. A condescendencia dos que estavam com o governo hontem, estão hoje e estarão amanhã, sem attenderem ás mudanças de physionomia, que se operam nas sete cabeças do ministerio. »

No terreno, porém, do *poder pessoal*, se patenteava muita finura, que jamais degenerou em violencia, terçava armas com menos clareza e segurança de si, nem dava provas incontroversas de haver jamais esbarrado, quando ministro, com aquelle duende, nos continuos e perigosos avatares, que ideava e fazia entrever.

E isto levou um deputado, a exclaimar com dureza, que causou á Camara bem má impressão: « Só descobriu o *poder pessoal*, depois que não foi escolhido senador! »

Por certo, a preeminencia de José de Alencar tornava-o credor de mais respeito, obrigando-o de argumento que a todos podia acudir, mas não devêra passar do fôro intimo.

Decorriam, porém, a flux os remoques e as phrases caracteristicas:

«Não se enverga a casaca de ministro como quem veste a fardeta de menino do collegio D. Pedro II — Emprega-se a ameaça, a *ultima ratio*, o *summum jus* do governo pessoal. — O Brasil é a *anima vilis*, a materia prima de uma corôa de triumpho. — Este golpe de estado (a emancipação) ha de firmar no paiz o absolutismo ou ha de desmascaral-o — A proposta é o precursor do projecto incubado no alto para atacar a razão com bayonetas, fuzil, sabre e canhão, que são as quatro syllabas do despotismo.»

O vigor que o gabinete ministerial empregou para particularmente combater, no meio d'aquella peleja geral, José de Alencar, deixou bem patente a importância que lhe dava.

Afim de contrapor-se litterato a litterato, foi escolhido José Feliciano de Castilho, homem, com effeito, de muita erudição e conhecedor a fundo da lingua vernacula, mas que sinceramente na arena das lettras valia tanto quanto um simples rhapsodista, em frente a alevantado vulto de escriptor fecundo e original.

Em extremo operoso e com base de solida instrução, sobretudo classica, dizia-se com boas razões, que, muito ligado, na occasião, com monsenhor Pinto de Campos, fôra quem havia lavrado o voto da commissão nomeada para dar parecer sobre o projecto do governo.

Redigido com pasmosa prolixidade, constituia esse parecer um grosso livro, que o Visconde do Rio Branco teve que reduzir a proporções mais ra-

zoaveis, cortando paginas inteiras, supprimindo longos capitulos, serzindo os periodos que julgou poderiam ficar e escoimando-os de interminaveis citações e phrases de máo gosto, fôra do dizer commum, e denunciadoras da procedencia forasteira.

Só mesmo a extraordinaria força de labor, a invencivel paciencia e meticulosa consciencia daquelle homem excepcional, o mais notavel e completo estadista do Brasil!

Apezar de todos os apurados cuidados e revisões, escapou-lhe; a Rio Branco, uma desastrada expressão, a que foram bater todas as criticas, quer severas, quer humoristicas — a celebre *vaga Venus*.

— Quem é essa *vaga Venus*? perguntou José de Alencar. Só o illustre relator, monsenhor Pinto de Campos, é que nos poderá devidamente informar.

O padre, que tinha bons repentés, quando não encavacava e perdia o sangue frio, respondeu com espriito e sem demora:

— Ninguem melhor a conhece do que V. Ex. É mãe d'aquelle seu *Demonio familiar*, o tal moleque endiabrado.

José Feliciano de Castilho, levado pelas relações que tinha com membros do ministerio e governistas, espontaneamente encetára, desde os começos da campanha de 1871, uma serie de cartas assignadas *Cin-cinnato*, em que buscára tomar a frente José de Alencar.

Não tardou muito e fundou uma como que revista hebdomadaria a que deu o nome de *Questões do dia*, mas que, exclusivamente, combatia aquelle politico, estudando-lhes todas as feições, sem insulto embora, mas de modo hostil e aggressivo, procurando feril-o nas suas susceptibilidades mais melindrosas.

O que particularmente doeu a Alencar foi vêr agremiar-se em torno d'aquelle nome, symbolo de

guerra, a mocidade brasileira insurgida contra o mestre, — principiantes na carreira das letras mettidos a criticos desabusados e rancorosos da mais bella e mais bem preenchida vida litteraria, que tem tido o paiz.

Tomára então o pseudonymo de *Senio* e no frontispicio do *Garúcho* explicára essa assignatura como representação fiel do seu novo estado d'alma — desanimo absoluto, esmagador. «Ha duas velhices, dizia elle; a do corpo que trazem os annos e a da alma, que deixam as desillusões».

E accrescentava:

«Aqui, onde a opinião é terra sáfara e o mormaço da corrupção vae crestando todos os estimulos nobres, aqui a alma envelhece depressa. Ainda bem! A solidão moral dessa velhice precoce é um refugio contra a idolatria de Moloch!»

O *Garúcho* e, depois d'elle, quanto livro gracioso e cheio de encantos publicou José de Alencar, tornou-se alvo de apaixonado e esmiuçadora analyse, como que a tentar, no desfiar de todas as palavras, desprestigiá-las suas mais seductoras paginas. *Sempronio* (Franklin Tavora) constituiu-se desastradamente o porta estandarte desse movimento injusto e pequenino, que repercutiu com tal ou qual eco no Norte, quando d'ahi devêra ter partido o grito de protesto e generosa indignação.

Tudo para os iconoclastas era motivo das mais acres e desabridas censuras. Nem se salvava o estylo tão bello, terso e original nas suas propositaes irregularidade de linguagem. «Mal roçardes o artefacto, proclamavam, e reconhecereis o inferior quilate da quinquilharia».

O despeito e porque? a violencia, o furor levavam os ferozes criticos a collocar José de Alencar abaixo... de quem, Santo Deus! de Gustavo Aymard;

e hoje causam riso as approximações e cotejos feitos entre aquelle esquecido *blagueur* e o grande litterato brasileiro.

Accusavam-n'o, e até certo ponto com razão, de falta de conhecimento bastante exacto do scenario em que fizera mover o seu heróe rio-grandense; mas tambem são de ponto inaceitaveis e chatissimas as referencias do modelo proposto, que punha *caracará*s a pairarem nas alturas vertiginosas do espaço, de envolta com urubús!... E citavam o trecho como typico de perfeita observação da nossa natureza! Nem insistamos.

Não se dignou Alencar responder aos *novos*, senão fugazmente e por breves rajadas, que os sacudia deveras, deixando-os atarantados e vacillantes.

Foi directamente á fonte, donde decorria, até certo ponto, a inspiração e tornou o gabinete responsavel desse meio de tentativa de pressão á sua personalidade politica. Vibrou, com a habitual eloquencia, a corda do patriotismo e profligou a influencia estrangeira a intrometter-se nas questões intimas da familia brasileira. Foi, tambem ahi, longe de mais; mas quão difficil a um espirito como o d'elle, susceptibilisado por tantos dissabores a um tempo, saber calcular a medida dos golpes desferidos e limitar-se dentro de justas e ponderadas raias!

No meio de tantas causas de fundo desgosto, que o seu temperamento ainda exaggerava, tinha José de Alencar a certeza intima de que o sentimento publico, embora inerte em manifestações mais claras, não lhe regateava sympathias e que os fructos da sua imaginação sempre poderosa e fertil, mereciam favor especial, como jámais dispensou a nenhum outro escriptor nacional.

Em momentos de branda enumeração dos seus aborrecimentos, ainda que pouco inclinado a abrir-

se com outrem, disse certa vez a um amigo: — Agora a guerra contra mim tomou feição nova; é a conspiração do silencio.

Se com effeito, os criticos, arrefecidos os primeiros impetos ou tomados de admiração pela fertilidade de engenho que provocára tantos e tão baldados ataques, estabeleciam essas parallelas em torno da sua obra sempre crescente, o publico que lia, incomparavelmente muito mais numeroso então do que actualmente, sobretudo no Norte, agitava-se alacre e impaciente ao se annunciar qualquer produção nova do seu romancista favorito.

Ainda hoje bem me recordo da sensação de feição puramente litteraria que produziu na rua do Ouvidor a noticia, publicada em grantes cartazes, de que o jornal *Republica*, que mal encetára a sua carreira, trazia como folhetim diario *Til*, do conselheiro José de Alencar; e tal circumstancia correu fortemente para que affluissem as assignaturas, porquanto á propaganda republicana ninguem, nesse tempo, enxergava alcance algum.

Não poucos contavam encontrar ali daquellas allusões politicas certeiras e ferinas que, aliás, desvalorisam varios romances dessa segunda época, *Guerra dos mascates*, *Alfarrabios* e outros; mas não; em *Til* Alencar se manteve no circulo exclusivo da fantasia, donde haviam emergido ou depois brotaram as deliciosas e peregrinas paginas de *Tronco de Ipê*, *Sonhos de Ouro*, *Ubirajára* e sobretudo *Senhora*, a sua obra prima nesse periodo creador, menos rutilante do que o primeiro, mas talvez de cunho mais pensado, observador e documentario.

Fosse esse livro, *Senhora*, escripto em francez e assignado por nome conhecido nas lettras parisienses e houvera logo feito a volta do mundo grangeando ao seu auctor reputação universal.

Lejam-n'o os amigos de legitima obra prima, delicada, fina, amorosamente cinzelada, attractiva na sua singeleza, empolgante pela originalidade das situações e dos personagens que nellas vivem e sentem intensamente.

Releiam-n'o quantos já outr'ora o conheceram; assim avivarão, sem nenhuma decepção ou quebra, gratissimas recordações de tempos que já se distanciam bem do modo de viver presente e do circulo social em que hoje nos debatemos, oppressos, tristes, cheios de apprehensões e incertezas, entregues só ás preocupações da existencia material, cada vez mais difficil e conturbadora, alheios de todo ás doces alegrias d'esse ambiente mental, formado pelas sciencias, as artes e as lettras, que tanto amenisa a existencia humana.

XXXII

Em politica, José de Alencar, firme na sua implacabilidade, não adiantou mais um passo; não arrastou a ninguém, mas não desistiu de uma linha.

Assim foram decorrendo os annos, e os ministerios Rio Branco e Caxias julgaram de obrigação não pôr obstaculos a reeleições que, de todo o ponto desinteressavam ao diplomado, mas honravam a provincia que o escolhia para seu representante.

Em 1876 sentia-se elle bastante enfraquecido em sua saude, sujeito a hemoptyses, que se iam amiudando.

Determinou, por isso, ir á Europa e lá visitou as grandes capitaes; mas viu tudo com olhar mais ou menos indifferente e do Velho Continente não trouxe senão mais amor á terra natal, mais enthu-

siasmo pela grandiosidade das paisagens e da natureza do Brasil.

— Perdi o meu tempo na Europa, declarou a um amigo; ella nada me inspirou. E preciso escrever muito; tenho tanta cousa em rascunho e na cabeça!

As forças physicas, porém, não serviam mais a febril actividade. Não raras eram as semanas, que ficava inactivo na sua casa na rua de S. Clemente.

Ainda, em 1877, fez-se ouvir varias vezes na Camara. Quanto descêra a sua voz, já de si debil e pouco sonôra! Também que silencio o do auditorio para não se perder uma só das suas palavras! E ainda tinha accentos valentes e da maior fogosidade, por exemplo, quando inopinadamente se viu aggreddido por temido e violento deputado.

Nessa sessão de 1877, por causa de meia dúzia de palavras de José de Alencar, o duque de Caxias pulou litteralmente, da sua cadeira de presidente do conselho de ministros, e, todo pallido, pôz-se de pé, sahido da calma de velho guerreiro, voltado para o orador que tamanho abalo lhe imprimira.

Quem respondeu a esse discurso, que teve pontos notabilissimos, foi o barão de Cotegipe e, ainda uma vez, aquelles dois grandes adversarios, irreconciliaveis desde o ministerio 16 de Julho, luctaram na tribuna corpo a corpo, Alencar mais que nunca sósinho, o outro cercado dos applausos da Camara.

Deu-se, então, pela morte do padre Pompeu, a 2 de Setembro de 1877, uma vaga no senado, pelo Ceará; mas, se era crença geral que ella, por certo, pertenceria ao illustre publicista e litterato, este de tal não mais cuidou.

Todo entregue á estremecida familia, que lhe constituiria um berço de indisivel doçura e carinhos para as agruras da vida de incansavel combatente,

sentia aggravados os antigos padecimentos com teimosa e depauperante molestia do aparelho hypogastrico. Mudou-se ahi para a rua de Guanabara, nas Laranjeiras, mas apesar de todo o desvelo dos seus e a resistencia que o organismo, mais do que fôra de suppor, oppoz ao temivel mal, a 12 de dezembro daquelle anno de 1877, exhalou o ultimo suspiro, aos 48 annos de idade. José de Alencar deixou de si copiosissima obra, da qual muita cousa incontestavelmente pertence á immortalidade.

E a estatua que se lhe erigiu numa das praças publicas do Rio de Janeiro com toda a justiça significa a homenagem de toda a nação ao vulto que, na nossa historia intellectual, occupou um dos mais altos cimos da mentalidade brasileira.

O NEOLOGISMO DE BENJAMIN CONSTANT

Conheci Benjamin Constant em 1855; matriculado no 5.^o anno do Collegio D. Pedro II, era seu explicando de arithmetica e tinha licções á parte antes da classe commum de uns cinco a seis estudantes de preparatorios.

Morava elle á rua Formosa, depois general Caldwell, numa das casinhas ultimas do trecho entre as ruas do Arêal e Conde e, com a mais louvavel energia, sustentava mãe e irmãs, dando explicações de mathematicas elementares, enquanto frequentava o curso da Escola Militar no edificio em que mais tarde passou a funcionar a Polytechnica.

Foi sempre — faça-se justiça — excellente filho e exemplar chefe de família.

Tornei a ser seu explicando nos annos de 1859 e 60 — nesse ultimo de algebra superior e geometria analytica.

Durante muito tempo não o vi mais — interposta a longa campanha do Paraguay, — mas em 1875 fomos, eu e elle, com outros tres officiaes de engenheiros e estado-maior de 1.^a classe, por occasião da reforma e transformação da Escola de Applicação da Praia Vermelha em Escola Militar, nomeados lentes interinos, quando a lei facultava, a juizo do governo, a effectividade nas cadeiras que iamoc-

cupar e reger, — eu a de mineralogia, geologia e botânica, Benjamin Constant a de calculo differencial e integral.

A todos doeu-nos deveras aquella restricção com que não contavamos e que nos deixava dependentes do concurso e provas publicas — idéa e opinião sustentadas sempre e sempre pelo Imperador, o qual — força é convir — prégava a boa doutrina, mantendo um principio altamente moralizador e democratico.

De 1875 a 1881 achei-me, pelo caracter das nossas funcções, bastante em contacto com Benjamin Constant, que me deu incessantes provas de muito apreço e sympathia. Já no pesado escaler que, seguindo o costão, nos levava por agua á Escola, já, quando perdíamos aquella conducção, a pé, pelo caminho de Botafogo á Praia Vermelha, naquelle tempo simples trilha ao longo da pedreira, largamente conversavamos e discutíamos, elle, desde mocinho ainda, adepto fervoroso das doutrinas de Augusto Comte e empenhado nessa propaganda.

— Não siga apertadamente o systema todo, aconselhava-me: em não poucos pontos, delle me aparto, nem pratico a religião da Humanidade; mas estude os livros do Mestre; discipline as suas idéas.

Lembra-me bem que, uma vez, em dia de calor ardente, nós, mal abrigados por um unico chapéo de sol, pareceu-me a caminhada curta ao ouvir-o com a sua voz meiga e cantante, desenvolver a these comtista, que a morte é um dos principaes factores do progresso humano.

Quando, em janeiro de 1885, perdida por mim a segunda eleição de Santa Catharina, pedi demissão do posto de major do exercito e do lugar de lente da Escola Militar, Benjamin Constant, encontrando-se commigo, mostrou-se em extremo sentido

com tal resolução, mas não poudes deixar de reconhecer que me assistiam boas razões em achar incompatível a profissão das armas com a carreira política pelos continuos choques entre ellas, que essencialmente lhes desvirtuam o character.

Depois, sempre que nos viamos, apoiava com fogo algumas das reformas adeantadas por que tanto e tanto pugnei no Parlamento, de 1872 a 1889, uns dezeseite annos seguidos, pondo de lado quaesquer planos de ambição pessoal; mas condemnava outros, particularmente o incremento da immigração européa e, sobretudo, o projecto de lei da grande naturalisação (o que, entre parenthesis, manifesta bem que o comtismo não tem a feição altruista que pretende attribuir-se).

— Você, dizia-me elle com insistencia, precisa por força inspirar-se na *physica social*. A sua orientação será outra, fortalecendo varjas das suas convicções, mas destruindo radicalmente outras.

Leia com toda a attenção o quarto volume da *Philosophia positiva*.

Deu-se, porém, o 15 de Novembro de 1889, e não mais o vi nem lhe falei senão unica vez e em circumstancias bem especiaes.

Em certa noite, tomára eu logar num carro do plano inclinado de Santa Theresa, quando nelle entrou Benjamin Constant, acompanhado de pessoa que me era desconhecida. Sentou-se esta ao meu lado, aquelle na ponta do banco.

Ao reconhecer-me, trocou logo de logar e, sem hesitação, falou-me com a franqueza da velha camaradagem:

— Já sei, que você está muito zangado comigo.

Mostrei-me reservado e tratei-o de general, que nessa ocasião já o haviam guindado a esse posto.

— Eu precisava, continuou com certa expansão, fazer o que fiz, embora já tenha colhido grandes desenganos.

E começou a queixar-se vagamente, mas com amargura.

Conservava-me eu calado.

Quasi ao chegarmos abaixo, disse-me, levantando um tanto a voz:

— Olhe, eu contava com sincero patriotismo e só tenho encontrado *pratiotismo*.

E apoiando varias vezes no singular vocabulo, perguntou-me:

— Conhece esta palavra?

Fiz signal negativo.

— Inventei-a para o meu uso; ha simples transposição de um *r* da segunda syllaba para a primeira.

Pratiotismo é o amor incondicional, acima de tudo, do *prato*, da barriga, do interesse, o sentimento que inutilisa, espesinha e conculca o *patriotismo*.

Havíamos, porém, chegado e rapidamente nos despedimos um do outro...

Que expansão colossal, avassaladora, não tomou, de 1890 para os nossos tristes dias, esse *pratiotismo* de que me falou Benjamin Constant!

Foi o fructo mais depressa sazornado da república, que elle tanto concorrera para fundar.

INDICE

	Pag.
Prefacio	3
A estréa parlamentar de Gaspar da Silveira Martins	9
Zacharias de Góes e Vasconcellos	23
Salles Torres Homem	33
José de Alencar	81
O neologismo de Benjamin Constant	214
